

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXX

Brasil — Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1942

N.º 342

SUMÁRIO

Pág.

Editorial	635
A tática alemã na Rússia — Conclusão — Trad. do Ten.-Cel. Paulo Mac Cord	639
Reaprovisionamento das G. U. moto-mecanizadas, no decurso das operações — Ten.-Cel. Alencar Lima	647
Reflexões sobre a Doutrina do emprego dos Carros de Combate — Major Olímpio Mourão Filho ..	653
“Um bravo”	667
Cálculo das correções necessárias ao tiro a grande dis- tância com a metralhadora Madsen — Cap. Alvaro Lúcio de Arêas	671
Os preparos de F. M. no Esquadrão de Fuzileiros — Cap. Jayme Prestes Pacheco	673
Companhia Anti-Carros do Regimento de Infantaria — Trad. Cap. Fernando Soter da Silveira	679
Ligeiras considerações sobre a surpresa técnica — — Cap. A. C. Muniz de Aragão	685
O observador avançado — Cap. Lindolpho Ferraz Filho	693
O adestramento do cavalo d'armas — Cap. Hugo M. Bethlem	705
Discurso pronunciado pelo Gen. Heitor A. Borges ..	722
O sistema legal de unidades de medidas — Major Alberto Ribeiro Paz	731
Livros do Exército — Cap. Umberto Peregrino	739
DAQUI E DALÍ...	
Uma advertência do Prof. Waldemiro Potsch no Colégio Pedro II	747
Tática de guerrilha na defesa soviética — Cel. X.	748
A guerra em duas frentes — Major Xavier Leal ..	751
A arma motorizada — Pequenos problemas — Ten. Otavio Alves Velho	753
Julgamento de sorteados que não se apresen- tam, dentro dos prazos determinados — 1.º Ten. Julio Cesar de Saint Edmond	754
Atos oficiais do Ministério da Guerra	757



A Bandeira do Brasil: — a única

O=D=O=L



Pasta



Líquido



Escôva

-: o dentifricio perfeito :-

Laminação Nacional de Metais S. A.

Fundador: Julio Pignatari

Escritório Central

Rua Dr. FALCÃO FILHO, 56-7.º andar-SÃO PAULO

Edifício «CONDE MATARAZZO»

CAIXA POSTAL, 841
Telegramas «LAMINADOR»
FONE 3-5141 (Rede interna)

Códigos: Borges, Ribeiro
Liebers, Mascote 1.ª e 2.ª
EDIÇÃO RUDOLF MOSSE

Laminação e trafilaria de alumínio, cobre, latão, alpaca, níquel, prata, ouro e suas ligas.

Chapas, discos, rolos, cantoneiras, meia-cana, fios, rebites de alumínio, cobre, latão, alpaca, estanho, chumbo, etc., para todas as industrias metalurgicas.

Papeis de alumínio, estanho, chumbo e chumbo estanhado para cigarros, bombons, queijos, salames, produtos químicos e qualquer acondicionamento de luxo.

Instalações modernas para fabricação de pós de alumínio bronze (purpurinas) de todas as cores e para todos os fins. Pós pirotécnicos e outros pós metálicos.

Possante prensa hidráulica para fabricação de tubos (canos), vergalhões, barras e perfilados de todos os metais, em qualquer formato ou feitio.

Representantes no RIO:

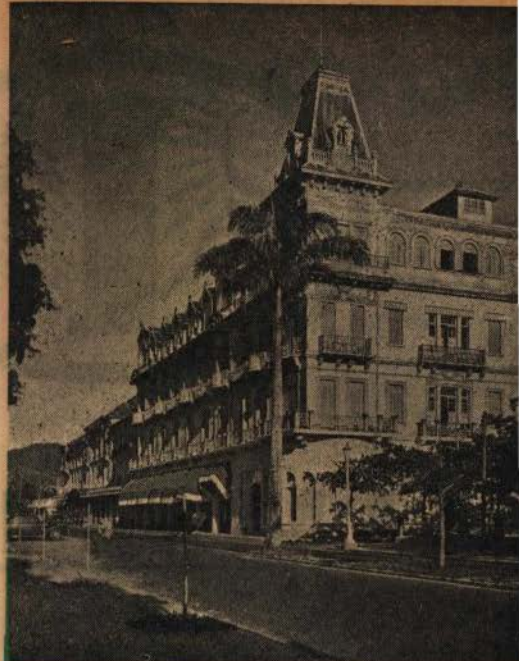
EMILIO POLTO & CIA. LTDA.

Rua General Camara, 60

Telefone 23-5299

Grande Hotel e Cassino Guarujá

A praia mais aristocrática deste lado do Atlântico. Temporadas de verão com a fina flôr das sociedades paulista e carioca. Estação balnearia e recreativa do Grande Hotel Cassino de Guarujá.



Por que o Snr.
não arranja
Esta Protecção
para sua família?



Se o Sr. não possui fortuna e vive apenas de seu trabalho, pense no futuro da família. Faça um seguro de Vida e assegure a esposa e filhos uma renda mensal fixa, na eventualidade de seu desaparecimento. Para isso, conte com a boa vontade de um Agente da Sul America, que possui planos adaptáveis à sua situação.



Sul America

Companhia Nacional de
Seguros de Vida

SÃO LOURENÇO

A nossa melhor estação de cura e repouso.

Clima ótimo. Conforto máximo. Águas incomparáveis.

Estabelecimento balneario aparelhado como os melhores da Europa para banhos de carbo-gasosos naturais, duchas e massagens.

Informações no Rio: Rua Visconde Inhaúma n.º 160

Telefone : 23-5044



INDANTHREN

Tem-se applicado para tingir o BRIM VERDE
OLIVA, a tricolore cinzenta, a MESCLA e as LO-
NAS. para o uso do EXERCITO E MARINHA
Os corantes

INDANTHREN

— As cores dos tecidos tintos com —

INDANTHREN

Satisfazem plenamente as condições de solidez e
resistencia exigidas pelos Ministerios da Guerra e
Marinha — — — — —

EDITORIAL

Vai para seis anos da instituição do Estado Novo. O Exército, que em nenhum momento falhou à sua missão histórica de assegurar o equilíbrio nacional, foi responsável direto pela transformação política operada em 10 de novembro de 1937, e sente-se hoje verdadeiramente orgulhoso quando pode constatar a oportunidade e magnitude da obra realizada.

O Brasil atravessava, como se sabe, uma grave crise. Era a ação dissolvente dos extremismos exóticos desenvolvida à sombra de um falso liberalismo, eram ambições pessoais em conflito com o interesse público, era o regionalismo exaltado solapando a unidade do país, era uma organização burocrática antiquada e viciosa a emperrar a marcha administrativa, eram as forças armadas envolvidas na intriga política que as enfraquecia, era, enfim,

uma situação perigosa por todos os lados, a qual cumpria fazer frente com determinação e sabedoria.

O regime de 10 de novembro surgiu para pôr cobro a tudo isso. Propunha-se a reprimir de vez todas as forças desintegradoras da nacionalidade, a congregar todos os brasileiros sob uma bandeira única — a do Brasil unido e forte, a reunir e orientar vigorosamente as nossas energias dispersas, a movimentar e desenvolver as nossas riquezas esquecidas ou malbaratadas, a valorizar o homem e a conquistar definitivamente a terra.

Mas não fomos buscar fórmulas de empréstimo. O Brasil soube encontrar, através da visão inspirada dos seus dirigentes, um caminho próprio. E, com efeito, a estruturação do Estado Novo, de base genuinamente brasileira, com rigorosa correspondência nas nossas tradições, na nossa índole, nos nossos legítimos anseios, ajusta-se de forma insuperável às realidades nacionais.

Assim, aquilo que outros povos encetam agora, à pressão dos acontecimentos ou de necessidades urgentes, nós vimos realizando, metodicamente, há já cinco anos. Por isso que nesta hora crucial, dos grandes sacrifícios e das grandes resoluções, o Brasil pôde manter-se sereno, e ao mesmo tempo intransigente na defesa da sua honra e dos seus interesses. Os brasileiros formam um bloco irreduzível, irmanados na aspiração comum do bem estar e grandeza da pátria, lançados num ritmo de trabalho jamais atingido, confiantes no patriotismo e clarividência dos governantes, integrados numa sã e elevada disciplina de espírito, que não padroniza homens, nem fere a dignidade humana, como acontece quando só os músculos obedecem.

A obra do regime instaurado em 10 de novembro de 1937 deve ser aferida por esses resultados.

E quanto às Forças Armadas não padece dúvida que dentro do Estado Novo tiveram um excep-

cional florescimento. Para o Exército apresentou-se o clima indispensável ao seu fortalecimento, revigorou-se o espírito profissional, destinaram-se recursos especiais para o seu reaparelhamento material, promoveu-se a coordenação de todos os elementos ligados à defesa nacional.

Devemos ao Estado Novo um novo Exército. E podemos dizer, servindo-nos de palavras do nosso Ministro, o Exmo. Sr. General Eurico Gaspar Dutra, devotado e lúcido construtor da nossa atual organização militar:

“E’ com toda a confiança na ação enérgica e esclarecida do Presidente Getúlio Vargas, e na excelência de um regime há tanto reclamado em favor da unidade e da defesa nacional, que o Exército prossegue impávido no seu caminho, certo de que vai com honestidade e eficiência cumprindo o seu dever — que é o dever de trabalhar pelo engrandecimento do Brasil”.



A TÁTICA ALEMÃ NA RÚSSIA

(CONCLUSÃO)

Pelo **Ten. Cel. C. A. Edison**, instrutor de
Infanteria da Escola de Estado Maior, de
Forte Leavenworth, Kansas, E. U. A.

(Tradução e adaptação do **Ten. Cel. PAULO MAC CORD**)

Prosseguindo no estudo do método tático denominado CUNHAS E TENAZES, analisaremos hoje as operações de Vyazma e Bryansk, as medidas postas em prática pelos russos para anular os efeitos daquele método e as conclusões que podemos tirar das observações feitas, com referência à eficiência do seu emprego.

VYAZMA E BRYANSK

A 16 de setembro, ainda no climax da batalha de Kiev, Guderian recebeu ordens concernentes às operações que se deveriam seguir. A 26 de setembro, os exércitos tinham sido reagrupados mais ou menos na forma indicada na figura 8.

Esses exércitos estavam desenvolvidos em uma frente de mais de 750 quilômetros. Atrás deles, quatro exércitos blindados estacionavam, em posição de espera. Poderosas forças russas achavam-se escalonadas nas vizinhanças de Vyazma e Bryansk, com forças intermediárias relativamente fracas. A 30 de setembro, Guderian atacou, seu esforço principal na direção sueste, rompendo uma defesa russa preparada entre Novgorod Seversky e Glukov. Um avanço da ordem de 35 quilômetros foi feito nesse dia. Alguns elementos do exército de Guderian rumaram na direção noroeste.

No dia seguinte, o esforço principal de Guderian orientou-se para Orel, avançando cerca de 90 quilômetros. Sua outra coluna virou-se para nordeste.

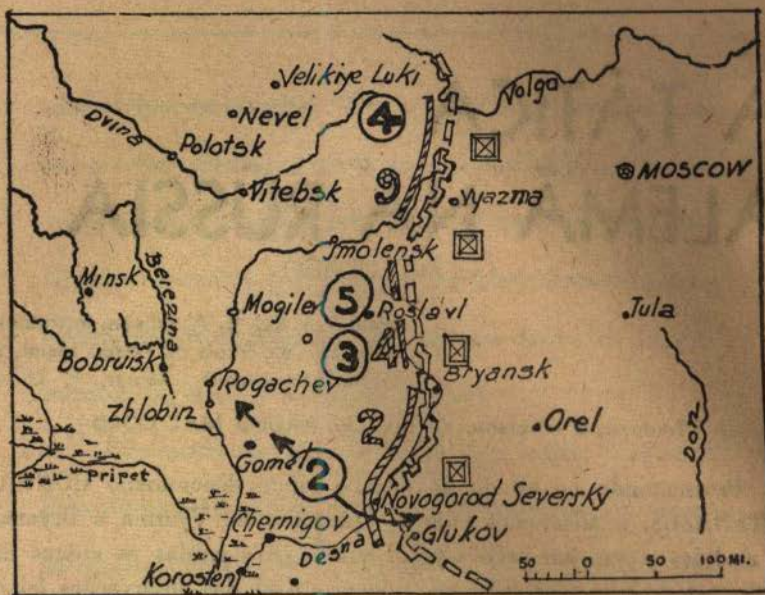


Fig. 8 — Operações de Vyazma-Bryansk, 30 de Setembro

A 2 de outubro, desencadeou-se o ataque principal alemão. O 4.º Exército, de von Kluge, rompeu o centro do dispositivo russo, em uma larga frente. O 3.º Exército Blindado, de Hoth, e o 5.º Exército Blindado, de Reinhardt, avançaram para penetrar pela brecha assim aberta. Ataques de fixação foram feitos por von Weichs, em frente de Bryansk, e por Strauss, em frente de Vyazma. Guderian continuou a avançar em direção a Orel, e o 4.º Exército Blindado, de Hoepner, que normalmente operava com o grupo de exércitos do norte, de von Leeb, iniciou seu deslocamento para nordeste.

O avanço continuou. Hoth virou-se para sueste, na direção de Orel. Parte do 2.º Exército, de von Weichs, envolveu o flanco sul da força de Bryansk, e von Kluge, fendendo o seu exército, envolveu o flanco sul de Vyazma e o flanco norte de Bryansk — suas forças nesse setor tendo a respectiva marcha regulada pela segunda coluna de Guderian. O 4.º e o 5.º Exércitos Blindados formavam a tenaz externa em volta de Vyazma, enquanto o 9.º Exército, de Strauss, envolvia o flanco norte dos russos naquele setor. A 5 de outubro já se esboçava o fechamento das tenazes.

A 6 de Outubro, elementos blindados do exército de Guderian subitamente mudaram de direção, e, mediante um ataque de surpresa, entraram em Bryansk pela retaguarda, a leste. Fecharam-se as tenazes. A força envolvida de Bryansk ocupava uma zona com uma frente de 100 quilômetros e 50 de profundidade. A de Vyazma ocupava uma área menor, mas talvez contivesse efetivos maiores. A situação era aproximadamente a que se acha representada na figura 9.

Aí travou-se uma batalha — senão uma série de batalhas — desenvolvendo-se furiosamente em uma região com uma área de 300 por 400 quilômetros.

A 18 de Outubro, quasi três semanas após o início dessas operações, os últimos remanescentes das forças russas nesse setor foram varridos do campo da luta, os que ainda sobreviviam sendo elementos do 15.º exército russo. Os alemães proclamam ter capturado 700.000 homens e muita operação, além de copioso material. Descontado o provável exatidão destinada à propaganda, representa ainda assim essa batalha um episódio gigantesco, do qual participaram cerca de 78 divisões alemãs.

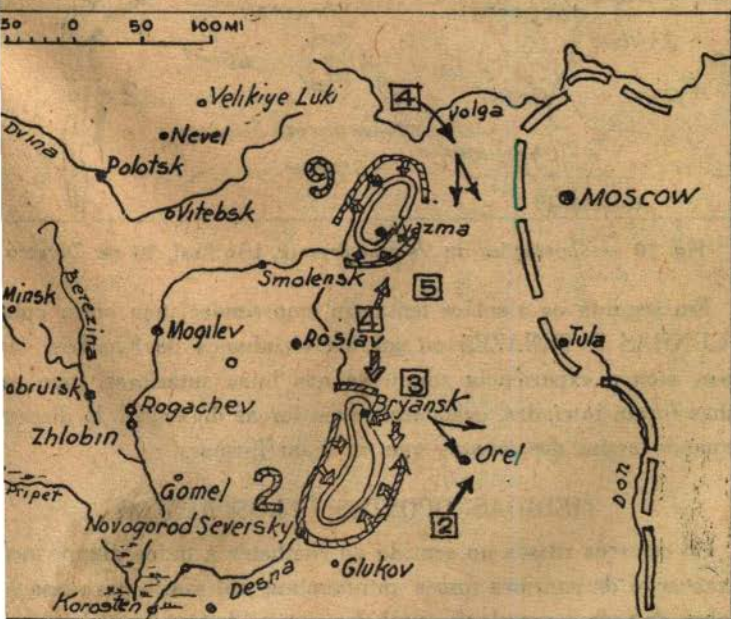


Fig. 9 — Operações de Vyazma-Bryansk, 6 de Outubro

As forças blindadas alemãs, quando substituídas pela infantaria, encarregavam-se da perseguição dos elementos que houvessem logrado escapar das tenazes, até serem detidas pelas defesas organizadas de Moscou, já então guarnecidas. Estas, como indica a fig. 10, foram traçadas atrás do rio Volga, a uma distância de cerca de 70 quilômetros de Moscou, passando em frente de Tula e estendendo-se pela margem esquerda do Don.

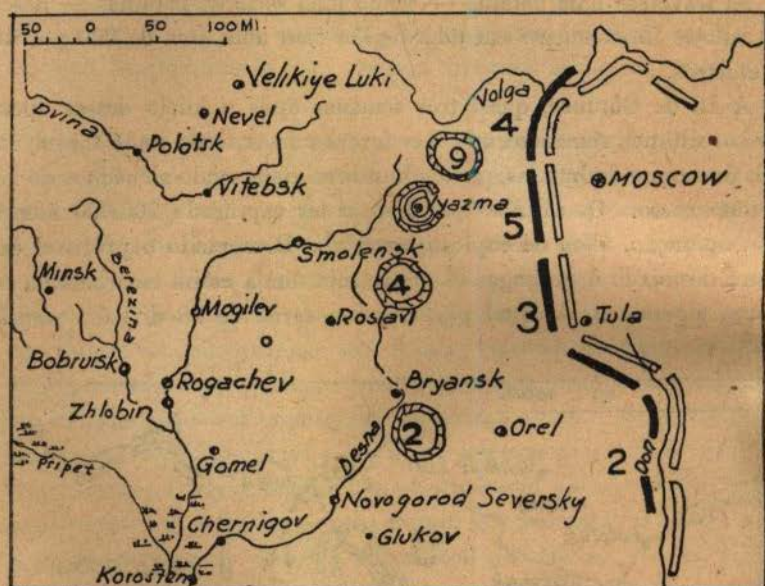


Fig. 10 — Operações de Vyazma-Bryansk, fase final, 10 de Outubro

Em seguida os alemães tentaram empreender uma outra operação de CUNHAS E TENAZES no sul, na vizinhança de Kharkov, mas os russos, com a experiência adquirida nas lutas anteriores, logo que as cunhas foram iniciadas, evacuaram suas forças do centro do dispositivo, escapando assim das tenazes que se iriam formar.

MEDIDAS OPOSTAS PELOS RUSSOS

Os esforços russos no sentido de combater a tática alemã incluíam a escavação de enormes fossos anti-tanques, utilizando para isso a mão de obra de toda a população civil das comunidades circunvizinhas. Lançaram, também, em profusão, minas antitanques, em imensos campos.

Frequentemente contra-atacavam na retaguarda das forças blindadas invasoras, numa tentativa de cortar suas linhas de reabastecimento e de destruir as colunas de infantaria que seguiam aquelas forças. Esses contra-golpes, contudo, tinham consequências muito limitadas, em vista de não serem revestidos da potência adequadà ao fim visado. Quando necessário, as forças blindadas alemãs voltavam-se afim de auxiliar a infantaria de acompanhamento.

Os russos faziam largo uso das destruições para retardar o avanço alemão, aplicando em grosso e implacavelmente a política extrema de destruir não somente materiais de guerra, mas, também, todos os demais recursos, inclusive abrigos e instalações industriais que pudessem ser de valia aos invasores.

As forças — grandes ou pequenas — que se apanhassem envolvidas, em vez de se renderem em massa, como fizeram os franceses, combatiam tanto quanto era possível fazê-lo. Muitas vezes, a resistência se prolongava durante três semanas ou mais. Outras vezes, forças isoladas empenhavam-se em lutas de guerrilhas, em bandos que se refugiavam nas imensas florestas intermináveis da Rússia ou nas zonas alagadiças, continuando por longo tempo a realizar ataques contra pequenos grupos alemães, interrompendo comunicações, etc.. Tais bandos, em cooperação com a população civil da Rússia, cometiam sabotagem continuada e em larga escala. Uma divisão russa, assim isolada, fraccionou-se em turmas de combate (bandos) e durante mais de um mês ofereceu luta ao inimigo, em sua marcha para leste, emergindo, finalmente, em território ainda mantido em poder dos russos com dois terços do seu efetivo originário.

Em geral, os russos tentaram realizar pelo menos alguma ação retardadora em todas as encruzilhadas, travessias de cursos d'água e cidades.

O efeito integralizado dessas resistências parciais retardaram grandemente o avanço alemão. Seu objetivo remoto era impedir às tropas alemãs alcançarem Moscou antes da entrada do severo inverno russo. Enquanto isso, a defesa russa, organizada em profundidade muito grande, tinha impedido aos alemães romperem completamente os exércitos russos e destruir-nos, como, por antecipação, publicamente, jactaram-se de tê-lo feito. Não foi, contudo, senão depois de terem os russos aprendido, como em Kharkov, a evacuar imediatamente suas forças prin-

cipais, ao ser esboçada a penetração das cunhas em seu dispositivo, elas conseguiram evitar enormes perdas de homens e de material.

Não se possuem ainda os pormenores referentes à contra-ofensiva russa, durante o inverno findo, apenas nos sendo dado examinar os fatos que se estão passando e as circunstâncias envolventes. Parece, portanto, que os russos se achavam mais bem preparados que os alemães para a luta nas novas condições impostas pela Natureza. Parece também que, pela utilização intensiva de grandes forças de cavalaria e de todas as armas dotadas de skis e trenós, elas conseguiram obter durante os meses do rigoroso inverno, maior mobilidade que os alemães, e, com linhas de rabastecimento mais curtas, conseguiram cravar, com as suas cunhas nas linhas inimigas. Não parece, contudo, que tenham conseguido levar a cabo, com êxito, o fechamento das enormes tentativas notável característico das operações alemães que precederam.

De qualquer maneira, porém, pode-se afirmar que as operações na Rússia, a partir de junho do ano passado, indubitavelmente mostraram que, em condições apropriadas, o método tático CUNHAS E TENAZES (KEIL UND KESSEL) é de alta eficácia, mas muito complicado e dispendioso, nem sempre as condições sendo favoráveis ao emprego.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podem ser feitas as considerações abaixo, a respeito da operação CUNHAS E TENAZES, anteriormente descrita.

As possibilidades do inimigo devem ser rigorosamente determinadas. Isso exige não somente conhecimento profundo do seu poder inicial e de seus dispositivos, mas, também, apurado compute de todos os fatores em jogo, com relação a espaço e tempo.

Um completo conhecimento da situação inimiga, durante a preparação da luta, é também essencial. Os reconhecimentos, por todos os meios possíveis, inclusive aéreo, devem ser ousados, completos e contínuos.

As transmissões devem ser rápidas e seguras. O rádio é o meio especialmente adequado. Há necessidade, porisso, de um bem elaborado sistema de redes radiotelegráficas.

O estabelecimento de horários rígidos é de crucial importância para as forças blindadas e a pé, têm que se deslocar rapidamente para pontos determinados, afim de permitir o desencadeamento do ataque inicialmente para pontos determinados, afim de permitir o desencadeamento

do ataque inicial exatamente na hora prefixada e a conquista de todos os objetivos dentro do mesmo critério.

A surpresa deve ser realizada por (a) *decepção*, (b) *segredo de reunião*, (c) *velocidade de movimento* e (d) *disfarce contra a observação*.

O domínio do ar, no decorrer da operação, é necessário afim de:

- a) permitir a livre atuação dos aparelhos de observação;
- b) não conceder ao inimigo facilidades de reconhecimento aéreo;
- c) neutralizar a aviação inimiga de combate;
- d) dar apoio imediato às forças de terra.

Constitue minuciosa e laboriosa tarefa o funcionamento do estado-maior no combate, estimando as possibilidades inimigas, determinando a composição, a organização e a disposição da força engajada, reunindo os meios necessários, traçando as minúcias da operação, mantendo o contato entre as unidades independentemente empenhadas e grandemente separadas e formando os planos do reabastecimento essencial de todas essas unidades. Os comandos e os estados-maiores, em todos os escalões, portanto, devem estar perfeitamente treinados e apresentar as melhores condições de eficiência.

Tropas paraquedistas e de desembarque aéreo podem também ser utilizadas, afim de tomar posse do terreno crítico e ocuparem-no até a chegada de outros elementos. Muitos casos houve de emprego dessas tropas aero-transportadas, quer por parte dos alemães quer pelos russos.

A magnitude das forças invasoras, o terreno, o poder defensivo inimigo e o tempo (condições atmosféricas) influem todos na profundidade do golpe desferido pelas cunhas e na grandeza de área abrangido pelas tenazes.

Nas circunstâncias predominantes na campanha da Rússia, números astronômicos, quasi inconcebíveis, representando homens e distâncias estiveram em jogo. Poderia parecer que a uma simples divisão não seria lícito arrojarse a uma operação de CUNHAS E TENAZES. Todavia, como já foi esclarecido, muitas pequenas CUNHAS E TENAZES podem ter lugar dentro de uma grande. Caberia perfeitamente a uma divisão, nessas circunstâncias, desempenhar por si só uma ou mais das operações citadas. Além disso, a situação é de movimentação muito rápida. Muitas vezes, as ordens só poderão conter as missões, havendo necessidade de certas unidades, que se encontrem eventualmente isoladas, operar "por conta própria" durante alguns dias. E' portanto ainda essencial

que os comandos e os estados-maiores de todos os escalões compreendam a natureza geral da operação no conjunto, assim como os planos do alto comando, de maneira que possam em qualquer tempo atuar de acordo com o plano geral, mesmo na ausência de ordens especificadas.

comando, de maneira que possam em qualquer tempo atuar de acordo na mentalidade de todos os comandos nos escalões do exército alemão. Assim, na descrição da batalha de Kiev, encontramos o caso de uma divisão que avançava com elementos de combate destacados à frente. Um desses elementos encontrou um regimento russo defendendo uma cidade. O comandante alemão imediatamente decidiu que "sómente um envolvimento poderia permitir a captura da cidade". De acordo com essa decisão, conservou apenas reduzidas forças em situação frontal, para o ataque de fixação, e passou a noite operando em ambos os flancos com o resto do regimento, atacando com sucesso pela manhã e arremessando os defensores da cidade para um bosque à retaguarda desta, onde foram aniquilados pelas tropas de uma outra divisão que ali se se achava. Não deixa de ser extremamente desconcertante para uma tropa encontrar-se assim envolvida. Sua capacidade de resistência decairá em consequência, inevitavelmente.

Uma última consideração. Os alemães, no front ocidental encontraram os franceses tão completamente desorganizados e inertes que suas forças blindadas conseguiram romper sem esforço os dispositivos encontrados, não tendo sido necessário o emprego de CUNHAS E TENAES para destruir aos bocados as forças inimigas. Os russos foram lutadores pertinazes. Assim, em uma pequena operação daquele genero empreendida contra eles, foi relatado que somente trezentos se deixaram capturar, depois de terem perecido dois mil combatentes. As forças blindadas não se deslocavam na Rússia com a liberdade com que o fizeram na França. Daí a expansão que teve a KEIL UND KESSEL na frente oriental. Em outros teatros de guerra, frente a outros inimigos possuidores de superior armamento e de moral inquebrantável, podemos esperar novas adaptações às situações criadas, por parte dos alemães. Não nos é lícito afirmar que a futura tática alemã contra nós (Estados Unidos) seja calcada em um modelo estereotipado de CUNHAS E TENAZES. Devemos prever o inesperado, predizendo, entretanto, com segurança, que o seu objetivo implacável será o nosso aniquilamento e não apenas a nossa derrota.

REAPROVISIONAMENTO DAS G.U. MOTO-MECANIZADAS, NO DECURSO DAS OPERAÇÕES

Ten. Cel. ALENCAR LIMA

Instrutor de T.G. da E.E.M.

À guiza de colaboração ao estudo do emprego da moto-mecanização na guerra moderna, vamos ventilar o delicado e tão discutido problema do reaprovisionamento, tentando mostrar, à luz de um caso concreto, como é possível dar uma solução à palpitante questão, em se tratando de Grandes Unidades moto-mecanizadas ou motorizadas, sem ferir suas características essenciais: velocidade e raio de ação.

Para isso, o presente trabalho compreenderá duas partes:

- na primeira, abordaremos o aspecto tático do problema, isto é, a articulação da *base de reaprovisionamentos* e as previsões a serem feitas para que ela fique em condições de atender às necessidades das G. U., durante sua progressão;
- na segunda parte, trataremos do funcionamento dos principais serviços, dando seu mecanismo, embora sem detalhes, tanto no âmbito do Exército, como no das Divisões. Aliás, evitaremos os detalhes, muito de propósito, para não sermos levados a tocar em assuntos de organização que, a nosso ver, não devem perder seu caráter reservado, mesmo que ainda não façam parte de publicações oficiais reservadas e que pudessem aqui comparecer sob a forma de sugestão apenas.

T Ê M A (Ver esboço) (1)

Azues de NW e Vermelhos de SE se acham em guerra e, a D — X, o contacto entre seus grossos é balisado pela linha geral FRANCA-RIBEIRÃO-PRETO-S. CARLOS-BOTAS.



(1) De autoria do Ten. Cel. Artur Carnaúba, instrutor M., só daremos o extrato que nos interessa.

Os Vermelhos, mais fortes do que seus adversários, resolvem retomar a ofensiva, com os dois Exércitos de ala — III e I — nas direções FRANCA-ITUVERAVA e S. CARLOS-ARARAQUARA, afim de encurralar as forças Vermelhas (A) que se encontram entre os rios PARDO e MOGI-GUASSÚ.

Para isso, o I Ex. tem a missão de romper a posição inimiga e aproveitar o êxito, rapidamente, na direção de TAQUARITINGA-BEBEDOURO-BARRETOS, de modo a cortar a retirada dos Azues A, para W. do MOGI GUASSÚ.

O I Ex. emprega, nesta operação de aproveitamento do êxito, uma Divisão MOTO-MECANIZADA Pesada (1.^a D. M. M. P.) e duas Divisões de Infantaria Motorizadas (1.^a e 2.^a D. I. M.), postas à sua disposição, para esse fim.

Com estas três G. U., formando um Grupamento moto-mecanizado, a manobra consiste em:

- a) irromper da brecha aberta nas linhas azues, pelo grosso do Exército e progredir rapidamente na direção ARARAQUARA-TAQUARITINGA-BEBEDOURO, de modo a ocupar sucessivamente as transversais:

— ARARAQUARA-RINCÃO;

— TAQUARITINGA-JABOTICABAL;

e o triângulo

— BEBEDOURO-VIRADOURO-BARRETOS;

- b) conquistar esses objetivos com a 1.^a D. M. M. P., seguida da 1.^a D. I. M. que substituirá aquela e deverá manter a posse dos mesmos objetivos, durante o tempo necessário;
- c) ocupar sucessivamente, as passagens de MOGI GUASSÚ, com a 2.^a D. I. M., de modo a cobrir o flanco da D.M.M.P..

CONCLUSÕES QUE INTERESSAM AOS REAPROVISIONAMENTOS

Da situação e da manobra do grupamento moto-mecanizado, tiram-se as seguintes conclusões:

1 — A *Base de Reaprovisionamento* do Ex. que, para o ataque rutura, se acha articulado sobre a rede de estradas de ferro existe em sua zona, não se poderá deslocar, em tempo de atender ao grupamento moto-mecanizado, em vista da rapidez da operação e porque a estrada de ferro, a partir de S. CARLOS, deve estar destruída pelo inimigo;

2 — Em consequência, não pode contar com *base ferroviária* e *base rodoviária normal*, para alimentar o grupamento moto-mecanizado durante sua progressão;

Nota — O grupamento moto-mecanizado pode, pela sua rapidez de progressão, encontrar ainda intactos alguns recursos do inimigo, mas essa hipótese é eventual e não deve influir nas decisões e previsões a serem feitas pelo Comando, para a satisfação das necessidades mínimas julgadas indispensáveis às operações do grupamento.

3 — A linha de comunicações do grupamento, apesar de se alongar muito, não fica ameaçada porque a 2.^a D.I.M. lhe assegura a cobertura, ocupando e mantendo as passagens do rio MOGI GUASSÚ, enquanto houver inimigo na margem oposta.

4 — Quanto à circulação, a carta da região nos permite estabelecer quatro itinerários até a transversal BEBEDOURO — VIRADOURO, ou sejam, 4 eixos para a D.M.M.P. que segue em primeiro escalão e dois a cada uma das D.I.M. que seguem, simultaneamente, em segundo escalão, a partir da transversal ARARAQUARA — RINCÃO.

Para as divisões, a situação é satisfatória, no que concerne às estradas, considerando estas vias de comunicação em bom estado, como geralmente, se verifica no Estado de SÃO PAULO.

1.^a P A R T E

BASE DE REAPROVISIONAMENTOS E PREVISÕES PARA SEU FUNCIONAMENTO DURANTE A MANOBRA DO GRUPAMENTO MOTO-MECANIZADO

Para o equipamento do grosso do Exército, tendo em vista o ataque de rutura e para a alimentação dessa operação, a *base de reaprovisio-*

amentos, apoiada na rede ferroviária, pode ser assim concretizada, em seus principais órgãos:

a) — *Estações de Reaprovisionamento* de víveres, munições, material de engenharia, transmissões, etc., à razão de uma ou duas por Divisão em linha, entre 20 e 40 km da frente, sobre os três ramais que servem ao Exército (vêr esbôço);

b) — *Parque de Reparações de Material Bélico*, para todo o Exército, em RIO CIARO;

c) — *Parque de Reparações de Material automovel e blindado*, em CAMPINAS;

d) — *Depósitos Principais de Carburante*, para reaprovisionamento de unidades providas de carros cisternas (todas as moto-mecanizadas ou motorizadas), nas regiões de PIRASSUNUNGA, RIO CLARO, S. PEDRO, ITIRAPINA;

e) — *Outros órgãos de todos os Serviços*, instalados sobre a rede rodoviária, completando a articulação da *base de reaprovisionamentos*;

f) — *Estoques de víveres, munições, carburante e material diverso*, nas estações de reaprovisionamento e depósitos.

PREVISÕES PARA OS REAPROVISIONAMENTOS DO GRUPAMENTO MOTO-MECANIZADO

A — NECESSIDADES

O Grupamento Moto-mecanizado, durante o aproveitamento do êxito, necessitará do seguinte:

1 — *Material de engenharia*, particularmente o destinado à reparação das estradas e das pontes, danificadas pelo inimigo na sua retirada;

2 — *Carburante*, para o reaprovisionamento das viaturas e carros blindados, pelo menos, à noite, após cada jornada de marcha ou combate;

3 — *Munições*, numa proporção que, mais adiante estudaremos, destinada a manter, diariamente, uma certa potência de fogo, até a conquista do objetivo final;

4 — *Viveres*, em *ração especial*, que assegure uma alimentação satisfatória, pelo menos, antes e depois da jornada de combate, ou seja, pela madrugada e à noite com o mínimo de carga a transportar.

Sob esse aspecto, uma idéia logo surge:

— é indispensável libertar o Grupamento do vai-vem diário de T.E. e T.C., pois do contrário, ou ele perde a mobilidade que o caracteriza, ou esses trens não o alcançam nunca, para o reabastecer.

5 — *Necessidades de outra natureza*, como material de saúde, peças para viaturas, etc., satisfeitas, aliás, pelas dotações orgânicas das unidades ou das Divisões;

6 — *Recuperação do material bélico* e do material blindado e automovel.

B — SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES

Para atender a essas necessidades, de um modo geral, a *base de reaprovisionamentos* do Exército se desdobrará, para a frente, lançando antenas que irão formar, momentaneamente, novas *bases sobre rodas*, sucessivamente, após cada jornada de operações.

Provisões correspondentes estritamente às necessidades da jornada seguinte, devem limitar a capacidade dessas *bases* quotidianas, afim de não torná-las inexecutáveis por insuficiência de meios de transporte e, também, para não congestionar as estradas.

Dest'arte, ligando esse desdobramento da base à marcha do Grupamento moto-mecanizado, o fenómeno se passa com o aspecto geral que vamos examinar.

A hipótese mais desfavorável para os Serviços é a que corresponde à maior facilidade de manobra do grupamento, isto é, ao maior rendimento de sua progressão diária.

Encaremos, então, essa hipótese.

Assim, se o ataque se desencadeia na manhã de D, é possível que a partir de meio dia, o Grupamento moto-mecanizado possa irromper a brecha aberta pelo grosso do Exército.

Considera-se, então, que a 1.^a D. M. M. P. atinja, ainda nesse dia, seu primeiro objetivo ARARAQUARA-RINCÃO, seguida pela 1.^a D. I. M. que a substituirá em fim de jornada.

A 2.^a D. I. M., apenas se aproximará da base de partida, pois não haverá tempo nem espaço para ela ir mais longe.

Para essa jornada, as Divisões levam suas dotações orgânicas completas ou completadas na *base inicial* do Exército.

Não necessitarão, mesmo, de toda sua impedimenta. Parece-nos que só os T. C. das unidades e as munições orgânicas dos grupos, são suficientes para essa meia jornada de combate.

Assim, se procurará reduzir os comboios, tendo em vista aliviar a tropa, no momento crítico da passagem através das zonas ocupadas pelas D. I. e elementos de Exército que tomam parte no ataque de ruptura.

Em fim de jornada de D, isto é, na noite D/D+1, os órgãos de serviço divisionários se reúnem às G. U. e os de Ex., destinados a reforçá-los, cerram, em dois escalões de comboios automóveis:

- um destinado à D.M.M.P., com as provisões — munições, carburante, etc. — julgadas suficientes, conforme o consumo da jornada, em tempo apreciado pelo Exército;
- outro destinado à 1.^a D. I. M., nas mesmas condições acima, a 2.^a D. I. M. continua, nessa noite, ao alcance da *base inicial ferroviária*.

Forma-se, dest'arte, a primeira *base rodoviária sobre rodas*, à retaguarda da transversal ARAQUARA-RINCÃO. Ela só existirá na noite D/D+1 e destina-se a pôr as G.U. em condições de prosseguirem, na jornada seguinte, convenientemente providas de recursos.

Cabe aqui observar que, dado o avanço relativamente pequeno da D. M. M. P. e 1.^a D. I. M., seria, talvez, possível aos seus próprios meios se reaprovisionarem nas *Estações da base inicial*.

Entretanto, considerando que, no dia seguinte, essas G. U. se lançam para a frente, aqueles meios teriam de realizar, num trabalho contínuo, cerca de 200 km., o que não seria possível..

Na jornada de D+1, vamos admitir que a D. M. M. P., encontrando facilidade, conquiste as transversais TAQUARITINGA-JABOTICABAL e BEBEDOURO-VIRADOURO, num percurso total de cerca de 90 km.

A 1.ª D. I. M., como no dia anterior, cerra sobre ela, em fim de jornada e a 2.ª D. I. M. ocupa as passagens sobre o rio MOGI-GUASSÚ, a L. de JABOTICABAL.

Nestas condições, comboios de Exército devem ser preparados para a formação da nova *base rodoviária* e ainda sobre rodas, na noite D+1/D+2; porém, agora, à retaguarda da transversal BEBEDOURO-VIRADOURO, com um escalão aquém da transversal TAQUARITINGA-JABOTICABAL, este destinado à 2.ª D.I.M.

Finalmente, a D+2, admite-se que a D.M.M.P. conquiste seu objetivo final, o triângulo BEBEDOURO-VIRADOURO-BARRETOS e seja substituída pela 1.ª D. I. M., em BARRETOS e 2.ª D.I.M. em BEBEDOURO e passagem sobre o MOGI-GUASSÚ, a L. desta localidade.

Em fim de jornada de D+2, a D.M.M.P. possivelmente se reagrupará na região de BEBEDOURO, já sob a proteção das duas D. I. M.

Na noite D+2/D+3, a nova *base* sobre rodas deve deslocar-se, também em dois escalões, como na noite anterior: um para a altura da transversal BEBEDOURO-VIRADOURO, afim de atender à 1.ª D. I.M. e outro para traz dessa transversal, destinado à D.M.M.P. e à 2.ª D.I.M.

O desdobramento da *base inicial de reaprovisionamentos*, assim realizado em face da manobra mais rápida admitida ao Grupamento moto-mecanizado, caso menos favorável para os serviços, estes ficarão em condições de atender melhor ainda a circunstância de uma progressão mais lenta das G.U. moto-mecanizadas ou motorizadas.

E' óbvio que para ocorrer a tais reaprovisionamentos, o Exército deve ser fortemente dotado de meios automóveis, de preferência *leves* para víveres, *médios* para munições e material diverso e *cisternas* para carburante.

A dotação aproximada desses meios, veremos na 2.ª parte deste trabalho, ao tratarmos do funcionamento de cada Serviço.

Reflexões sobre a Doutrina do emprego dos Carros de Combate

Pelo Major OLÍMPIO MOURÃO FILHO

Interrompemos, neste número, o estudo que vinhamos fazendo, para esclarecer mais uma vez que não estamos expondo a *doutrina francesa*, pelo fato de que não há, nem nunca houve doutrina francesa, alemã ou russa, mas simplesmente uma doutrina única que é a do emprego dos carros, decorrente das condições técnicas dos mesmos — características e possibilidades.

Já vimos, no primeiro trabalho, que tanto alemães como franceses, em seus regulamentos, previram o emprego tático e o estratégico e atualmente, nas operações componentes da grande batalha de Stalingrado, os alemães vêm empregando os carros em estreita cooperação com a Infantaria, de acordo com os numerosos relatos não só teutos, como russos e outros observadores da guerra. A gravura, foto da Cia. de Propaganda do Exército Alemão — mostra uma operação tática de combinação de Carros e Infantaria na tomada de um desfiladeiro, durante a campanha dos Balcans, e correspondendo a uma das modalidades da missão de acompanhamento, descrita em nosso trabalho anterior.

E' necessário, para evitar idéias falsas e concepções erroneas, frisar que no âmbito do emprego tático a Infantaria age em combinação com os Carros, de acordo com as seguintes modalidades:

- 1.ª — O terreno é impermeavel aos carros, ou, pelo menos, muito difficil (rampas artificiais ou naturais, intransponiveis tais como se apresentam; fossas de certas características, e outros obstáculos) — neste caso a Infantaria e os Sapadores *terão de agir no sentido de preparar passagens possiveis, precedendo* os Carros em ações isoladas de verdadeiras *patrulhas técnicas* e só depois eles se precipitam nas brechas e vão cumprir sua missão de *destruir* o fogo inimigo, *desarticu-*



Carros blindados alemães tomam um desfiladeiro.

landó o seu plano de fogo e abrindo caminho ao grosso da Infantaria;

- 2.^a — Além dos obstáculos podem haver ainda os campos de minas entrancados na orla e espaços vazios da posição e, neste caso, além das *patrulhas técnicas numerosas*, destinadas a preparar as passagens, devem haver as encarregadas da limpeza dos campos de minas, agindo elas próprias apoiadas por alguns carros que seguem imediatamente na sua esteira como bases de fogo móveis; (1)
- 3.^a — O terreno não oferece obstáculos aos carros e não há campos de minas assinalados; — trata-se, pois, de posições defensivas nos moldes clássicos (*já agora inteiramente obso-*

(1) Já existem os Carros Caça-Minas, agindo aos pares, em certas situações, arrastando uma rede que provoca a explosão das minas, nos locais onde a dita rede passa. (De observadores da guerra, noticiário e revistas).

letos) sagrados pela guerra de 114-18 (que não dispunham da profundidade e condições técnicas capazes de barrarem os carros modernos). Neste caso, mesmo no âmbito do Grupamento Mixto (Infantaria-Carros), estes precedem-na atacando e penetrando na posição, executando suas missões de destruição e neutralização, atingindo linhas de objetivos que serão depois de curto intervalo alcançadas pela Infantaria.

Desde que seja aberta uma brecha suficiente pelas Divisões apoiadas por Carros (Grupamentos Mixtos e Grupamentos de Conjunto) *se for o caso, por ela, ou pelos espaços vazios, quando os há*, precipitam-se as *Grandes Unidades de Carros* (constituídas especificamente de Carros Pesados de longo raio de ação, potência de fogo e couraça adequada) com o devido apoio de uma *Aviação apropriada*, e, em *manobra estratégica*, procuram atingir, em grandes profundidades, a retaguarda inimiga, desorganizando-a e quebrando assim não só o dispositivo estraté-



Artilharia alemã anti-tanque rechassando um ataque de carros blindados

gico inimigo, como até mesmo, mais profundamente, destruindo a organização das zonas do interior.

Ninguém poderia imaginar a possibilidade de se atirar Grandes Unidades de Carros contra Posições defensivas de porte capaz, arriscando-as ao desgaste infalível e prematuro, com a perda irremediável de material e pessoal custoso, do mesmo modo que não se poderia pensar em empregar desta forma Divisões de Cavalaria.

Havendo brechas ou espaços vazios, aí, sim, é a oportunidade específica de empregar Divisões ou Exércitos Couraçados.

Não havendo, é preciso, fazê-las e, neste caso, *não cabe às Divisões Couraçadas a tarefa de furar as passagens necessárias*; nem elas poderiam executá-las em posições modernas como as realizadas pelos Russos, com 70 km., às vezes, de profundidade e com um Plano realizado de *jogos anti-carros e obstáculos anti-carros*.

Eis porque um Plano de Organização de Forças Moto-Mecanizadas deve prever a existência dos seguintes elementos:

- Unidades Independentes — de Carros Leves e Médios (Batalhões) destinados ao emprego tático, em apoio às Divisões de Infantaria e Cavalaria;
- Grandes Unidades Couraçadas — de Carros Pesados — destinadas ao emprego estratégico em combinação com a Aviação e, em certos casos, com a Artilharia Pesada.

Da organização do Exército Francês constava a Divisão Leve, cujo emprego a prática não sagrou como eficiente. O Exército Americano já teve Divisões de Carros Médios. Todavia, tendo em vista a missão específica das Grandes Unidades Couraçadas, não há que fugir à necessidade de só equipá-las com Carros Pesados, isto é, acima de 13 T.

A Divisão Alemã compreende carros Pesados de 35 Toneladas, peso este que parece ser ótimo para as missões e raio de ação que deles se exige.

Sem dúvida alguma há necessidade de ser feita uma revisão na doutrina. Mas é preciso agir com a máxima cautela porque definir onde e como modificar, é problema complexo que póde afetar todo o

corpo de doutrina. O *livre exame* deve ser rigorosamente vedado — ou as consequências sobre o edifício de nossa cultura militar, de apenas 20 anos de espessura, poderão ser o desabamento sem qualquer proveito.

As primeiras impressões são, na maioria das vezes, algo perigosas porque os fatos observados com muita proximidade de tempo, não oferecem panorama e podem conduzir a falsas conclusões.

Quando a França foi invadida e seu heróico, valoroso e culto Exército baqueou, o mundo alarmou-se e razões as mais variadas foram invocadas para explicar a catástrofe — desde a obra da quinta coluna até à incompetência dos grandes Generais Franceses, não tendo sido poupado ao nobre Exército nem mesmo o insulto e a calúnia.

Os técnicos, então, porfiaram em discussões; hipóteses em número incalculável foram arquitetadas. Devo confessar que a explicação para mim mais agradável, da derrota do grande e nobre Exército, por ser a mais verossímil e aquela que não atira lama sobre os bordados dos Generais é a seguinte:

- 1.º — A superioridade material alemã em Carros de Combate não era, de modo algum, o que exageradamente se supunha embora ela fosse um fato;
- 2.º — A organização defensiva nos moldes clássicos *não tinha os requisitos técnicos* (hoje empregados pelos russos, com notável êxito) para deter o *avanço direto das Grandes Unidades Couraçadas Alemães que, na maioria dos casos abriram por si mesmas as brechas por onde se precipitaram*, embora em certas partes da frente tivesse havido necessidade de abertura prévia de passagens;
- 3.º — O Exército Alemão tendo arrebatado a iniciativa ao Francês, este não mais pôde, por sua vez, lançar suas Divisões Couraçadas (em número de três) na retaguarda Alemã;
- 4.º — A experiência da linha Weygand, primeiro esbôço de organização defensiva moderna, falhou por falta de profundidade, falta de tempo suficiente para os trabalhos e falta de material e pessoal.

Por consequência, toda tentativa de resistência daí por diante iria ser em pura perda, pois a França não perdêra *só uma batalha* continental, mas a própria guerra, na opinião do velho Marechal. Havia ainda alguma coisa da França que Petain julgou valer a pena salvar e propôs o armistício.

Mas, neste caso, poder-se-ia objetar — os Generais Francêses provaram ser incompetentes:

- 1.º — Porque se deixaram surpreender na manobra estratégica;
- 2.º — Porque não previram, desde o tempo de paz, organizações capazes de deter os Carros.

As respostas bem poderiam ser as seguintes:

- 1.º — Os Aliados estavam articulados para a defesa da fronteira da França e dignamente *respeitaram a neutralidade belga*; razões de ordem política superior forçaram Gamelin a desmanchar seu dispositivo inicial para acudir à Bélgica e *defender o litoral*; depois disto, não havia mais possibilidade alguma de ganhar tempo suficiente para *qualquer outra manobra* em boas condições;
- 2.º — Os Alemães não previram com absoluta certeza a possibilidade de, com suas Divisões Couraçadas, romper tão facilmente as organizações defensivas, até então classicas, impedindo ao inimigo toda possibilidade de uma retirada estratégica em boas condições. Empregaram eles diretamente suas Grandes Unidades Mecanizadas contra as ditas organizações, ou começarem por abrir as brechas com o binomio Infantaria-Carros?

Que, em certas partes da frente, na batalha da Flandres, houve, no princípio, o emprego combinado de Infantaria-Carros, hoje não mais resta dúvida. Muitos filmes cinematográficos confirmam-no plenamente.

Do que se dúvida, com muita razão, é que o Alemão esperasse um *feito tão grande e tão rápido* das suas Divisões encouraçadas, embora as mesmas pudessem romper sozinhas as organizações defensivas classicas.

A derrota rápida da França foi, para os chefes Alemães, uma possibilidade de avançar rapidamente na Rússia que tivera tempo de colher os ensinamentos fornecidos pela experiência da linha Wygand e que conseguiu realizar, com êxito apreciável, aquilo que já se julgava impossível em face da ação das Divisões Couraçadas apoiadas pela Aviação:

- Retiradas estratégicas, evitando os bolsões formados pelo celebre *Keil und Kessel* (exemplo — a retirada na frente de Karkow, até ao Volga, com a passagem do Don, de pérmio);
- Organização de posições defensivas impermeáveis ao avanço direto das Divisões encouraçadas forçando o inimigo precisamente às operações de caráter primeiramente tático (combinação de Carros e Infantaria para praticar o furo em pontos limitados da frente) ou o *Keil* (cunha), brechas que pelo alargamento e aprofundamento progressivos, lentos e tenazes, forneciam uma passagem suficiente para as Divisões encouraçadas seguidas das tropas motorizadas, na realização, afinal, do *Kessel*.

Em Maio de 1940, preocupados, sem disporem de informações precisas, trabalhando mais com a imaginação então super-excitada do que com o raciocínio, porque para este faltavam ainda os dados concretos, quantos devaneios amargos e tristes não fizeram muitos oficiais ?!

Como curiosidade, acompanhemos um destes atormentados que escreviam precisamente naqueles dias tragicos da queda da França:

“Que reacções sofrerá a doutrina ?

“Aos que, como eu, se acham longe do teatro dos acontecimentos, tudo parece indicar que houve, devido ao emprego de material moderno, uma verdadeira revolução na arte da guerra. Determinar as dimensões desta revolução, eis o problema.

“Efetivamente, terá ela atingido os princípios da Estratégia, ou apenas os da Tática ou, então, somente trará modificações aos processos, deixando intangíveis os princípios ? E' cedo talvez, para julgar. De qualquer modo quero fixar aqui a impressão profunda que deixou em meu espírito o desenrolar das várias campanhas: rapidez de ação nunca sonhada antes; envoltimentos de grande envergadura em Kutno,

na Polónia, na Belgica e no N. da França, operações que quasi me tentam a afirmar que não há mais possibilidade de se conseguir uma frente estratégica e que as operações, hoje em dia, se desenrolam no plano em todas as direcções, o que ainda mais complicou o aspecto da guerra a três dimensões.

“Quanto aos métodos táticos, a modificação parece profunda.

“Quem mais pode, hoje, falar em segurança aproximada? A que distância é necessário lançar uma Vg para cobrir um dispositivo? 100 Km? 50? 200, ou 500? Mas, uma Vg a esta distância não pode mais ser uma fração taticamente ligada ao seu grosso.

“Chegaremos (que absurdo!) à conclusão de que não há mais segurança aproximada e que a segurança afastada de uma massa é feita por outra que dela não depende taticamente.

“Quanto à divisão do trabalho, isto é, à diferenciação das Armas, se assim lhe podemos chamar, ocorre aqui perguntar: haverá ainda possibilidade de emprego da Cavalaria? E a própria Artilharia, poderá ela ser escalonada como antigamente, segundo a gama classica dos calibres, dando como consequência, pelo desdobramento uma *nuance* no emprego tático? Parece que a palavra apoio diréto, perdeu o sentido.

“O caso, agora, é de ida do calibre na frente da tropa que ocupa — a Infantaria.

“A tendência geral, no terreno da tática parece ser a seguinte: a artilharia couraçada vai *na frente*, e enquanto suas *lagartas* transpõem os obstáculos, seu fogo destrói completamente o inimigo. O infante roda atrás e sua missão principal, substantiva, passou a ser a ocupação do objetivo destruido directamente, *in loco*, pelo fogo que foi à frente. A manobra, agora, parece poder ser definida “como a combinação do *móvimento* com o fogo”.

Quem terá coragem, hoje em dia, de falar em organização de campanha, no sentido *infantaria*, isto é, pá, picareta, abrigo individual, trincheira e quanta perfumaria mais? Quem terá coragem de falar ainda em atiradores de fuzil, caçadores, volteadores, grupo de combate e quanta velharia mais, própria para museus e romances históricos? Com excepção dos lugares expecionais *onde não pôde haver batalhas*, isto é, os terrenos proibidos aos carros, que emprego dar a toda esta gerin-gonça antiga que viemos aprendendo a usar durante 20 anos? Note-mos, de passagem, *que um Exército se organiza e se prepara para as*

Batalhas e não para as ações particulares. Por consequência, não sendo mais possível, nas batalhas, empregar o sobre-dito material com os referidos processos, é necessário refletir um pouco neste momento.

Que tragédia a da nossa geração ! Ingressou ela no oficialato, depois da revolução dos métodos da guerra de 1914-18 e mal se apodera dos mesmos e os assimila, eí-los por terra e nova revolução a *desafiar* nossa flexibilidade intelectual !

Há ainda considerações de ordem mais elevada e geral, e que ocorrem ao espírito dos profissionais.

Um avião de bombardeio em vôo horizontal, — peça movel, oscilante, atirando projetís obrigados a uma trajetória complicada modificada pelo ângulo de retardo e mais as condições meteorológicas — com a sua dispersão escandalosa, por isto impróprio para dar apoio na linha de batalha, impróprio para atacar certos pontos sensíveis de terra como pontes, determinados P.O., rodovias, e alvos do mar, como os navios de guerra, que papel faz, no *âmbito da batalha, na linha de frente*, em face do moderno avião em *piquê*, dotado de uma precisão alucinante, *podendo pretender com toda a lógica conseguir destruir um carro de combate movendo-se em terra ?*

Decididamente, se a guerra 1914-18 era uma guerra a duas dimensões, *no plano*, a atual é claramente a *três dimensões*, e a conquista da 3.^a dimensão não foi feita pelo progresso do bombardeio horizontal, mas, sim pelo avião em *piquê* — mais eficiente do que a artilharia e dotado de uma precisão e alcance consideravelmente maiores !

A revolução começada em 1916 por Churchill, libertando a cou-raça da fixidês em terra e o motor da rodovia, foi completada por Prohلمان, libertando o avião de bombardeio do ângulo de retardo e ameaça abalar em seus fundamentos a estrutura classica e secular da Estratégia e os processos táticos novíssimos de 1914-18 !”

Depois de outras considirações, perguntava o angustiado profissional, em sua dramática divagação:

“Mas, e na América do Sul ? Até que ponto a industrialização dos países desta parte do Continente da Liberdade Sagrada, permitirá a revolução nos métodos e processos ?”

E concluia:

“De algumas coisas podemos ficar certos:

1.º — Necessitamos *pensar* em carros de combate;

1.º — Necessitamos *pensar* em aviação;

3.º — A revisão da doutrina será infalível. Todavia, é necessário ter muito cuidado quando lá chegarmos”.

Hoje, depois que dois anos se passaram e que a distância no tempo já concede uma certa visão panorâmica, panorama que está vivamente iluminado pelos reflexos inteiramente diversos da guerra germano-russa, verificamos que se o *nosso torturado profissional* tinha razão em alguns pontos, noutros sua visão era inteiramente falsa e catastrófica e que é necessário não se esperar do emprego das unidades mecanizadas, *mais do que elas podem dar*, quer no *âmbito local tático*, quer no quadro *estratégico* em que as ações tomam o caráter nitidamente tridimensional, com couraças e motores nos céus e na terra, na mais perfeita articulação possível, ou, do contrário, sem êxito.

Não pretendemos, no momento, desenvolver mais o assunto.

Por ora, basta observarmos que algumas das conclusões a que já se pôde chegar, para a futura revisão, são as seguintes:

- 1.* — A organização defensiva deve repousar na estrutura de um Plano de obstáculos anti-tanque e de um Plano de fogo anti-tanque.

Em face da velocidade de combate dos carros, a profundidade das modernas organizações deverá ser muitas vezes maior, afim de obrigá-los durante o máximo de tempo possível, a se manterem sob o fogo, aumentando assim as probabilidades de sua destruição.

A este respeito é necessário fixar, para melhor compreensão, que a articulação das organizações defensivas visava, substancialmente, conferir às mesmas a malha de fogos indispensáveis para impedirem a abordagem da posição pela Infantaria atacante.

Quando surgiram os carros, a dita *estrutura planejada especificamente contra homens*, acrescentaram-se *disposições complementares contra os carros*.

Falhou. Hoje, a estrutura é *substancial contra os carros*.

E' a base da defesa anti-carro que se organizam as posições defensivas e daí:

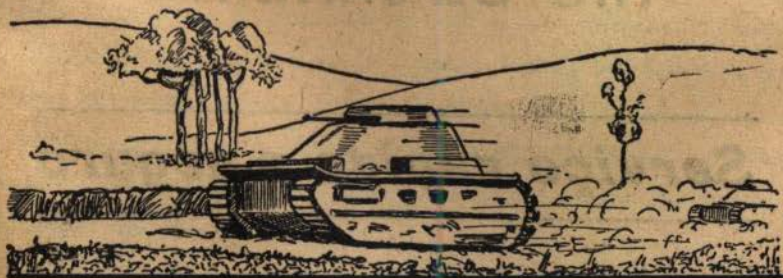
- ossatura do Plano de fogo contra carros;
- ossatura do Plano de Obstáculos contra carros;
- profundidade relativa à sua velocidade e resistência.

Os Franceses ensaiaram realizar a concepção na Linha Weygand, tendo faltado tempo e recursos.

Os russos conseguiram fazê-lo e desde então foi possível deter as Divisões encouraçadas onde existiam as ditas organizações.

- 2.º — A organização de posições de defesa devem ser encaradas *substancialmente* como *apoio* para os *ataque contra o inimigo*, sucessivos, repetidos e de qualquer intensidade. "O melhor meio de se defender é atacar sem descanso". (Dos Regulamentos Russos).
- 3.º — O domínio do espaço aéreo por parte do inimigo *não impossibilita o exercício da defesa com êxito*.

Ou, por outras palavras: para atacar, em operações de vulto, é indispensável o domínio do espaço aéreo; para a defesa, porém, tal domínio não é indispensável — ela pode continuar a ser exercida, com bastante eficiência, mesmo sem ele.



Cousas Práticas

ADQUIRIR livros
pelo serviço de reem-
bolso postal da seção
de publicidade de **"A
Defesa Nacional"**.

CAIXA POSTAL N.º 32

MINISTERIO DA GUERRA

RIO DE JANEIRO

Serviço rápido e seguro

"UM BRAVO"

OFICIO N. 46-B

Uruguaiana, R. G. S. — Em 17 de Setembro de 1942.

Do Comandante da 2.^a D. C.

Ao Sr. Diretor de "A Defesa Nacional".

ASSUNTO: *Atitude heróica de um oficial. (Comunicação e pedido de publicidade).*

I — Para conhecimento do Exército, por meio de ampla publicidade nessa util e patriótica Revista de nossa classe, submeto à sua digna e esclarecida Direção, a cópia junta do relatório feito a este Cmdo. pelo Capitão DIOGO DE FIGUEIREDO MOREIRA JUNIOR, do E. M. desta D. C..

II — Tratando-se de um verdadeiro gesto de bravura, abnegação e espírito de sacrifício, praticado por um oficial — o falecido 1.^o Tenente ALÍPIO SERPA, incluído entre as primeiras vítimas brasileiras do barbarismo das nações do eixo, este Cmdo. já deu conhecimento do mesmo às autoridades superiores e achou de bom grado dirigir-se a "A Defesa Nacional", cujas páginas são bem o reflêxo dos nossos sentimentos e das nossas aspirações.

GEN. DE BDA. JOSÉ SILVESTRE DE MELLO

Cmt. da 2.^a D.C.

CÓPIA

Ururguaiana, R.G.S., Em 15 de Setembro de 1942

UMA ATITUDE HERÓICA QUE PRECISA SER DIVULGADA

Todos nós conhecemos e não nos cansamos de enaltecer os inúmeros episódios da nossa História onde aparecem figuras de brasileiros que por suas heróicas atitudes de abnegação, altruísmo, coragem, espírito de sacrifício e outras tantas qualidades, tornaram-se o orgulho de nossa raça. São apontados à nossa mocidade nas escolas e aos nossos soldados nas casernas, como exemplos de virtudes que devem nortear todos os brasileiros no caminho da honra e do dever.

Antonio João, Marcílio Dias, Greenhalgh e outros tantos, vivem ainda, na memória de todos os bons brasileiros. Seus gestos, suas atitudes heróicas, nas horas difíceis de nossa vida, são verdadeiros estímulos.

Agora que o Brasil atravessa um difícil momento, talvez o mais grave de sua História, em que os bárbaros do século XX, a pretexto de espaço vital, matérias primas e nova ordem, querem subjugar a humanidade, não olhando os meios para atingirem seus objetivos, contamos com mais um exemplo dignificante e nobre de heroísmo, de bravura e de abnegação, de altruísmo e de espírito de sacrifício, de amor à profissão e de cumprimento do dever.

Trata-se do gesto desprendido e magnânimo dos 1.º Tenente ALÍPIO SERPA, vítima da sanha sanguinária dos inimigos da humanidade, ora sepultado com o navio "Itagiba" nas profundezas do Atlântico, junto a seus soldados que não tiveram a fortuna de se salvarem.

O fato me foi narrado em carta, pelo meu velho pai, General reformado DIOGO DE FIGUEIREDO MOREIRA, residente na Capital da República, que, por sua vez o extraiu de uma carta de seu filho, testemunha ocular, naufrago do "Itagiba", o soldado n.º 370 da 3.ª Bia. do 7. G. A. Do., PEDRO PAULO DE FIGUEIREDO MOREIRA, recentemente convocado para o serviço ativo do Exército.

O soldado PEDRO PAULO que se achava sob o comando do Tenente SERPA, nesse navio em viagem para Recife, logo após o torpedeamento, no meio da grande confusão, de gritos de desespero e aflição, procurava um salva-vida. O Ten. SERPA, de pé, muito calmo, com o rosto todo ensanguentado pela explosão do torpedo, vendo-o, deu-lhe um salva-vida dizendo-lhe: — “Calma, seu Figueiredo! muita calma! Eu serei o último a deixar o navio. Saírei depois de todos os meus soldados! Não quero salva-vida!” E assim procedendo, como não pudesse salvar todos os seus subordinados, pereceu tragado pelas ondas enfurecidas do oceano para reviver gloriosamente, nas páginas da História Pátria.

Meu pai, em sua carta, depois de ter elevado o agradecimento a Deus, por ter salvo seu filho, e, orgulhoso pelo seu procedimento humanitário durante a tremenda tragédia, ajudando a salvar seus companheiros e salvando, mesmo, o seu sargento, nadando cerca de 60 metros com este, para atingir uma baleeira; emocionado ainda, por todos esses acontecimentos, assim se expressou quanto ao desassombrado e heróico gesto do Ten. SERPA: “Meu filho, é no momento desta grande emoção que o meu coração cheio de pesar, vai se recordando de extraordinários heroísmos!” Narra então o feito do Ten. SERPA, e comenta: “Foi uma vida preciosa que o Brasil perdeu, mas o seu heroísmo ficará gravado para sempre na memória dos bons patriotas! O Ten. SERPA, queira ou não, será um exemplo vivo de bravura e de amor à sua profissão! Na hora do maior perigo, não se preocupava com sua vida, queria salvar, primeiramente, todos os seus soldados. O Brasil terá que se orgulhar de possuir no seio de seu Exército, soldados desta tempera!”


Gesto como este é raro e por isso mesmo de mérito extraordinário, será um exemplo vivo para toda a mocidade de nossa Pátria; Será apreciado por todos os brasileiros que tiverem noção de honra e amor ao Brasil. Gesto como este, deve ser divulgado o mais amplamente possível, não só por uma questão de justiça à memória desse bravo e à sua família, como também, para que os brasileiros, principalmente nestas horas amargas, possam ver nele, um guia seguro ao cumprimento do dever

“Calma seu Figueiredo ! muita calma !” dizia na hora tremenda o Ten. SERPA.

“Calma, muita calma !” apregoam as Instruções para a Defesa Passiva Civil Anti-Aérea em todo o mundo.


No momento em que vivemos, em que as nossas cidades estão sujeitas aos bombardeios assassínios dos vândalos do “Eixo”, na hora trágica do perigo, o exemplo do Ten. SERPA, aconselhando à tripulação e aos passageiros do “Itagiba”, no instante terrível da catástrofe, “Calma muita calma”, deverá estar sempre presente na memória de todos e por todos ser emitado.

(a) *Diogo de Figueiredo Moreira Junior*
Capitão



Instrução da Observação nos Corpos de Tropa

do Major BATISTA GONÇALVES



Livro indispensavel na biblioteca
DE QUALQUER MILITAR

PREÇO 8\$000 - PELO CORREIO 9\$000

À venda na A DEFESA NACIONAL

Cálculo das correções necessárias ao tiro a grandes distâncias com a metralhadora Madsen

Capitão ÁLVARO LÚCIO DE ARÊAS

Sendo inútil salientar, por ser de conhecimento de todos, a necessidade das correções devidas ao vento, temperatura, pressão, etc. para o tiro a distâncias superiores a 1500 metros, verifica-se entretanto, que o manuseio das tabelas, a quem não tenha o hábito diário de lidar com elas, causa um certo nervosismo que se traduz por demoras em efetuar os cálculos e até erros nesses cálculos.

Quando no Comando do Esquadrão de Metralhadoras e Engenhos do 15.^o R.C.I. então armado com Mtrs. P.H., auxiliado sempre pela dedicada colaboração dos Tenentes Moacir Potiguara, Carlos Gandara Martins e Belarmino Jaime de Mendonça, organizamos, aproveitando trabalhos anteriores de várias fontes; Escola de Armas, Capitão Osvaldo Wagner, uma nova folha de cálculo para as correções da Mtr. P.H., que além de facilitar o seguimento das operações, as ensinasse.

Com a distribuição do material Madsen, mais facil se tornaram essas correções é, por conseguinte, sua adaptação à nossa Folha de Cálculo. Verificamos então, que com a produção dessas folhas em grande número, sua distribuição aos oficiais e graduados do Esquadrão e a obrigatoriedade de exercícios diários, despertou-se grande interesse pelo problema, com beneficos resultados sobre a instrução.

No intuito de colaborar com os companheiros que atualmente servem nos Esq. Mtrs. é que fazemos esta publicação, solicitando aos companheiros que porventura ainda não trabalharam com estas folhas, que tomem um Boletim de Sondagem qualquer, e resolvam um problema de correções, com e sem a folha de cálculo. Verificarão pessoalmente que o tempo economizado, compensa largamente o trabalho de fazê-las reproduzir e distribuir.

FOLHA DE CÁLCULO DAS CORREÇÕES PARA O TIRO DE METRALHADORA

DADOS INICIAIS

Distância m
 Ponto de Referência
 Deriva . . . Mil. (. . . Pr. . . . Tb.)
 Limbo
 Alt. da posição m
 Alt. do objetivo m
 Dif. de altitude m
 Usura do cano Vo.
 Temp. do cartucho °
 Az. dir. tiro Dcg ou . Mil.
 (1 Dcg. = 160 Mil.)

BOLETIM DE SONDAGEM

.

MEMENTO DE INTERPRE- TAÇÃO DO BOLETIM

Forma { AB CD EF
 GH IJ KL
 MN OP QR

ABC: Hora até 10 minutos
 DE: Temperatura em graus
 F: Estado higrométrico do ar
 GHI: Alt. do posto em Dcm.
 JKL: Pressão atmosférica em mm.
 MN: Flexão de medição do vento
 OP: Azimuth da direção vento
 (Dcg)
 QR: Velocidade Vento aumentada
 de 50

INTERPRETAÇÃO DO BOLETIM

Hora h. min.
 Temperatura °
 Pressão mm.
 Alt. do posto m
 Az. dir. vento Dcg
 Velocidade do vento M.p.s.

DADOS A ESTABELECER

Ângulo Vento-Plano Dcg
 (Diferença entre Az. Vt. e Az. T.
 Se Az. Vt. for menor, aumentá-la
 de 40 Dcg.)
 Pressão na posição mm
 (Fazer a di. entre a alt. da posição
 e a do posto de sondagem. A cada
 100 m de dif. para menos, corres-
 ponde um aumento de 9 mm na
 pressão e vice-versa)
 Diminuição de Vo. m
 (Temp. do cartucho menos 25,5. Ca-
 da grão de dif. vale 0,5 m. Somar
 algebricamente a perda de Vo. da
 usura a este resultado).

CORREÇÕES

I — EM DISTÂNCIA

	+	-
1— Ângulo de Elevação		
(Tab. 1)		
2— Ângulo de Sítio		
(Tab. 4 ou Luneta)		
3— Pressão na posição		
(Tab. 5)		
4— Temperatura		
(Tab. 5)		
5— Vento distância		
(Tab. 6)		
6— Diminuição de Vo		
(Tab. 8)		
Total		
Ang. elevação corrigido		
		Mil.

II — EM DIREÇÃO

	+	-
7— Vento direção		
(Tab. 7)		
8— Direção		
(Tab. 1 Col. 6)		
Total		
Correção a fazer		
Deriva corrigida		
Limbo corrigido		
		Mil.

OS REPAROS DE F.M. NO ESQUADRÃO DE FUZILEIROS

Capitão JAYME PRESTES PACHECO

Instrutor de Tática de Cavalaria do C.R.A.O.

Oxalá possam servir à minha arma as presentes considerações a respeito da presença dos reparos de F. M. no Esquadrão de Fuzileiros.

Assunto bastante desenvolvido no Curso da E. A., nem por isso de muita difusão no seio da tropa, quiçá sujeito a controvérsias. Confesso que sou adepto entusiasta do emprego dos reparos naquele Esquadrão e com tristeza os veria imobilizados junto aos T. C. (N.º 24 da II Parte do R. E. C. C.).

A primeira consideração relativa ao assunto, que se nos apresenta, é sobre o fato de ser a nossa metralhadora o nosso F. M. com reparo. Trata-se, é certo, da mesma cousa; a idéia tática, porém, limitou o seu emprego nas mãos do fuzileiro. Entre as causas que o limitaram, a principal evidentemente reside na mobilidade que precisa ter o Pelotão de Fuzileiros para poder cumprir as suas missões.

Com efeito, a distribuição dos reparos aos fuzileiros implica na idéia de seu transporte e introduz a priori alguns reflexos importantes na instrução. Entretanto, em regra, nenhuma realização material antecede a idéia; esta, no caso, reside na ordem tática. Não é porque exista a metralhadora que se tornou possível crear a frente de uma posição uma barragem de fogos intransponível, mas precisamente porque a necessidade dessa barragem creou a metralhadora.

Isto posto, objetivemos a questão perguntando:

1.º — Qual a razão de ser da distribuição dos reparos ao Esquadrão de Fuzileiros?

2.º — Que aspecto novo, em consequência, esse fáto em-
presta a instrução dos fuzileiros ?

3.º — Qual a interpretação que se deve dar ao n.º 24
da II Parte do R.E.C.C., já citado ?

Já se tem dito que a Ação Retardadora é o denominador
comum de todas as ações da CAVALARIA e a sua impor-
tância cresce a ponto de constituir uma propriedade sua

Buscar o contacto com o inimigo o mais longe possível
e depois manobrar em retirada sobre posições sucessivas,
pondo a frente de cada posição e na distância do limite eficaz
das armas, um sistema de fogos longinquos e uma cortina de
fogos tão densa quanto possível, tudo com o fim de ganhar
tempo, trocar espaço por tempo, obrigando o inimigo a desdo-
bramentos frequentes, — tal é a fisionomia da ação retarda-
dora onde o que é capital é o não deixar aferrar-se.

Ora, enquadrado ou isolado, o Esquadrão de Fuzileiros
participará dessa operação ou isolado, o Esquadrão de Fuzi-
leiros participará dessa operação, seja no Quadro da D.C.,
seja no Quadro do R.C.D.

Além disso, esse propósito deliberado de ganhar tempo
não existe apenas quando se dispõe de espaço para ceder ao
inimigo; se tem outras vezes em operações assaz comuns
para o Esquadrão. Então, se trata de retardar a progressão
do inimigo baseado exclusivamente num sistema de fogos
ajustados onde como que nossa arma renuncia a propria mo-
bilidade.

Se na ação retardadora o capital é o não deixar afer-
rar-se, não é menos certo que o aferramento não exclue a
segurança onde nem sempre se póde permutar espaço por
idéia do ganhar tempo, como no caso dos destacamentos de
segurança onde nem sempre se pode permutar espaço por
tempo, mas, correndo o risco que uma conduta prefixada
impõe, há o interesse em se retardar o inimigo desde que se
apresente ao alcance eficaz das armas da defesa. Conclue-se
do exposto, a falar certo, que um Esquadrão de Fuzileiros
não poderá cumprir essas missões se não dispuzer de metra-
lhadoras de reforço.

Mas, como nem sempre poderá ser reforçado, segue-se que terá as mesmas necessidades de fazer tiros longínquos e a mesma oportunidade de utilizar ao máximo a potencia de seu armamento.

Alienar essa oportunidade quando o F.M. sobre reparo é bastante para permitir atuar eficientemente e cumprir aquelas missões, seria admitir procedimento homologado ao motorista que dispondo de um excelente carro perdesse uma corrida por usar a mudança de tração em vez de fazê-lo para a de velocidade.

Ora, a necessidade de fazer tiros longínquos no limite da alça, muito longe do inimigo para que a impedimenta dos reparos comprometa sua mobilidade ou a conduta que lhe foi traçada, impõe a distribuição dos reparos ao Esquadrão de fuzileiros, que usará assim o número de F.M. necessários a realização daqueles tiros. E mais, usa-os-á, não apenas na ação retardadora, enquadrado ou isolado, ou nos Destacamentos de Segurança onde houver a idéia de ganhar tempo, mas até nos agrupamentos da base de fogos, para reforçando a ação das metralhadoras assegurar a superioridade de fogo, e, ainda, mesmo que a conduta seja de resistência, nos Postos avançados, realizando tiros nos intervalos e flanqueamentos, dispostos atrás da linha de Resistência, nos "Pontos importantes do terreno" (N.º 125 da III Parte do R.E.C.C.).

E' evidente que a presença do reparo nas mãos do fuzileiro, empresta um novo aspecto a sua instrução. Além da instrução de fuzileiro, comum a todas as praças do G.C., e aquela de fuzileiro de escól, trata-se também de exercitá-lo na colocação rápida do F.M. sobre reparo; exercitá-lo na preparação do tiro diréto a vista e no limite da alça, e do tiro mascarado; ensinar-lhe a regulação do tiro; dar-lhe as noções completas sobre o regime de tiro; ensinar-lhe a amarração do tiro, assim como principalmente a agir em equipes de 2 F.M. na realização da alternancia das peças.

Não se trata, é certo, de complicar a sua instrução ensinando-lhe o uso da luneta, pois que não atirarão os fuzileiros além do limite da alça, tiro diréto e a vista. Não se trata

ainda de organizar “Secções de Metralhadoras”, mas equipes de fuzileiros de escól capazes de atirar com F.M. sobre reparo e de realizar a alternancia das peças quando necessária. Trata-se de um emprego em carácter de emergência toda vez que se precise produzir fogos para ganhar tempo, satisfazer uma imposição de conduta ou, no ataque, concorrer com as metralhadoras na base de fogos.

Afinal, não há novidade, propriamente, nesta instrução. Ainda há pouco se faziam os fuzileiros receber instruções de metralhadora no Esquadrão de Metralhadoras. Entretanto, a necessidade de que os fuzileiros possam agir como metralhadoras persiste, pois que é no Esquadrão de Fuzileiros que o Esquadrão de Metralhadoras recrutará atiradores e muniçadores para preencher seus claros no combate.

Diz o n.º 24 da II Parte do R. E. C. C.: “Os reparos quando distribuidos aos Esquadrões de Cavalaria, constituirão um grupamento junto aos T. C. do Esquadrão”.

“Quando”, importa em dizer **que nem sempre** são distribuidos; e, **quando distribuidos**, ficam nos T. C., onde constituirão um agrupamento”.

Essa é a tradução da letra do Regulamento.

Mas, constituir **um grupamento de reparos** ?

Para que ?

Sabemos que nos T. C. há 2 F. M. de reserva. Acrescendo a esses F. M. os seus reparos, efetivamente teremos constituido **um grupamento de tiro** capaz de alí msmo, junto aos T. C. e dos cavalos de mão — se incumbir da defesa contra ataques aéreos em vôo baixo e concorrer com eficiência na segurança dos cavalos de mão.

Mas, e os outros reparos ? — Sabemos que nas viaturas não há lugares para transportá-los. Além disso, se houvesse, os reparos não poderiam acompanhar o Esquadrão em todos os terrenos, e o Esquadrão nã disporia dos reparos senão junto aos T.C. Logo somos forçados a confessar, que não está regulado o transporte dos reparos, no número citado do R. E. C. C. Mas, a presença do reparo no Esquadrão, já vimos, é neces-

sária; nem por isso, os fuzileiros deixarão de saber utilizá-lo, visto que a sua instrução será completada.

Onde, pois transportar os reparos?

Responde, o Regulamento (n.º 29 — II Parte): “Conduzidos em cargueiros poderão passar em atalhos abertos no mato e nas encostas das montanhas onde seria impraticável às viaturas; ao contrário, seus deslocamentos a galope, não são possíveis senão em pequenos percursos”.

Ora, se às Metralhadoras, onde é maior a impedimenta, o Regulamento faculta um transporte em cargueiro, é evidente que para os fuzileiros, com mais forte razão, o transporte se dará em cargueiro. Demais, no Esquadrão de Fuzileiros, para que os movimentos sejam duradouros, não haverá grandes percursos a galope, pois não é normal senão na carga, ação muito excepcional onde um reparo não o acompanhando também não o acompanharão os F. M. e munição em cargueiro. O combate normal é pelo fogo, e a pé. Ao geral se subordina o particular.

Pelo que se viu anteriormente, o reparo só poderá servir ao Esquadrão, se for transportado em cargueiro, capaz de acompanhá-lo em qualquer terreno como o acompanham seus F.M. e a sua munição.

Além disso, se atentarmos para as dificuldades do remuniciamento ligado às particularidades das nossas estradas, pelo menos, num cargueiro para cada reparo, ainda seria impossível o transporte de mais dez bolsas de munição, ou sejam, mais dois mil quinhentos e sessenta tiros, além do existente, transportado pelo Pelotão.

Do exposto resume-se que:

Para que um Esquadrão de Fuzileiros possa cumprir rigorosamente uma missão onde domine a idéia de ganhar tempo, é indispensável:

- 1.º — Que lhes sejam distribuídos os reparos de seus F. M..
- 2.º — Que a instrução dos fuzileiros tenham um aspecto novo.

- 3.º — Que os reparos de F. M. sejam transportados em cargueiro, no próprio G.C. ou no Grupo Extra-numerário do Pelotão.

Conclue-se, de resto, que não se trata para o Esquadrão de cumprir uma missão particular ou eventual, pois a idéia de ganhar tempo está no denominador comum de todas as ações da nossa ARMA.

Rio, 26-VII-942.

Biblioteca da "A DEFESA NACIONAL"

Livros à venda:

Instrução da Observação nos Corpos de Tropa — Major Armando Batista Gonçalves	9\$000
Limites do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo	11\$000
Leis gerais da Língua Portuguesa — Ten.-Cel. Altamirano Nunes Pereira	6\$500
Legiões Aladas — Italo Balbo	16\$000
Lições de Topometria e Agrimensura — Cel. Artur Paulino	17\$000
Legislação sobre Su-Tenentes — Cap. Ayrton Nonato de Faria	2\$000
Morteiros — Cap. Guttenberg Ayres Miranda	10\$000
Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antônio P. Lira	19\$000
Manual Colombofilo — Dr. Freitas Lima	9\$000
Manobras de Nioac — Gal. Klinger	5\$000
Mais Uma Carga, Camaradas! — Gal. Benício da Silva	21\$000
Manual do Sapador Mineiro — Ten.-Cel. Benjamin Galhardo	16\$000
Noções de Topologia — Cel. Arthur Paulino	6\$000
Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino	13\$000
Notas sobre o emprego do Batalhão no terreno — Cmt. Audet	3\$500
Notas de Aula — Cap. Cyro Sodré	9\$000
Ortografia Simplificada Brasileira — Gal. Klinger	4\$500
O Serviço de Informações e de Transmissões em Campanha durante uma ação dum regimento de infantaria (caso concreto) — Cap. Geraldo Cortes	10\$500
Organização de Competições entre equipes. — Cap. Jair	3\$000
O Oficial de Cavalaria — Gal. V. Benício da Silva	11\$000
Oeste Paranaense — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo	9\$000
O Surto do Japão — Major Nicanor G. Souza	2\$000
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	5\$000
Os Pombos Correios e a Defesa Nacional - Dr. Freitas Lima	4\$000
O Livro do Soldado — Ten.-Cel. Araripe	7\$000
O Oficial de Informações — A. Mermet — Trad. e aplic. Cap. José Horacio Garcia	6\$500

Companhia Anti-Carros do Regimento de Infantaria

(Traduzido do Infantry Field Manual)

Cap. FERNANDO SOTER DA SILVEIRA

CAPÍTULO I

DOUTRINA

1 — **Métodos Gerais de ação anti-carros** — a) A ação das unidades anti-carros pode ser incluída na ação de outros elementos em combate, quer na ofensiva quer na defensiva. Na marcha de aproximação e ataque, os movimentos e posições de unidades anti-carros devem ser coordenados para proteger a tropa atacante e suas reservas dos contra-ataques do inimigo. Na defensiva, cobrem a L. P. R. e barram as vias de acesso aos carros, ou são grupadas com reservas de Infantaria ou de unidade blindadas, para o apoio de contra-ataque. O emprego de unidades anti-carros como elementos independentes defensivos e sua distribuição, tendo em vista cobrir todas as possíveis vias de penetração para o ataque de carros ou permitir a imediata proteção a todos os escalões das tropas, prevalecem sobre a ação não coordenada no conjunto da posição e sobre uma dispersão de meios da defesa anti-carros com consequente perda de eficiência. O plano geral de ação de uma unidade deve ser completado com o emprego de unidades anti-carros.

b) Dentro das limitações fixadas pelo dispositivo e missão das tropas, o terreno dita a distribuição das unidades de canhões anti-carros.

c) A defesa de uma posição, provida de unidades blindadas, contra uma tropa inimiga, compreende dois elementos principais: 1.º) Posições organizadas em profundidade para a defesa da posição de resistência e abrangendo as unidades anti-carros (reforçadas, quando necessário) dos regimentos de 1.º escalão e meios passivos anti-carros, tais como minas e obstáculos; 2.º) Reservas de grandes unidades mantidas para contra-ataques, inclusive tropa de Infantaria (a pé), unidades blindadas e unidades anti-carros.

d) Onde as posições organizadas, inclusive meios passivos e ativos anti-carros, não conseguem deter o ataque, desarticulam-no, retardam e canalizam as unidades blindadas atacantes e assim criam condições favoráveis a contra-ataques das reservas intactas da defesa. As unidades anti-carros em reserva ocupam posições de tal maneira que permitam proteção contra carros inimigos, possibilitem a desarticulação e canalizem os carros para zonas onde eles possam efetivamente sofrer a ação das forças contra-atacantes e outras medidas passivas e ativas previstas. A localização de minas anti-carros e obstáculos deve ser conhecida pelas tropas de contra-ataque, especialmente elementos amigos mecanizados. Sempre que possível, a localização dos campos de minas e obstáculos deve ser coordenada antecipadamente com os planos de contra-ataques.

2 — **Instrução** — a) Os elementos da companhia anti-carros recebem a instrução individual do soldado e a instrução especializada relativa às guarnições das peças anti-carros. Todos os elementos da Cia. recebem instrução de motoristas e conhecimentos necessários ao emprego do tiro do fuzil metralhador contra objetivos inopinados terrestres e aéreos.

b) As unidades anti-carros recebem também instrução com as unidades de carros, ambas como tropas amigas e inimigas (exercícios de dupla-ação). Elas são instruídas no conhecimento do poder e pontos vulneráveis dos carros, suas características diferenciais e seus métodos de combate. Os comandantes das unidades anti-carros incutem nos seus homens que o campo de visão limitado das guarnições dos carros au-

menta as vantagens da cobertura e do mascaramento das peças; que a fuga diante dos veículos blindados provoca destruição certa; e que um espírito tenaz aliado a uma oportuna abertura do fogo dá às guarnições do canhão todas as possibilidades de êxito. São alertados de que a prematura abertura do fogo pode denunciar as posições das armas e determinar a sua neutralização antes que a guarnição da arma possa cumprir sua missão; e que a luta entre elas e o inimigo blindado dura somente poucos minutos e será decidida principalmente por sua perícia e resistência moral. São instruídos para conhecer a praticabilidade do terreno aos movimentos de carros e à relativa eficácia dos obstáculos anti-carros.

c) Os treinamentos para dirigir em terreno variando são feitos tendo em vista ensinar aos motoristas a estimarem o conjunto viatura-peça, a amplitude das curvas em relação a esse conjunto e facilitar a rápida ocupação de posições e deslocamentos rápidos. Cuidados devem ser tomados quando se trabalha em terreno acidentado, afim de evitar avarias à viatura e à peça.

d) As viaturas-tratoras (ou as viaturas de munição), quando deslocando-se na zona de combate, seguem as de seus cmts. de Secção ou Pel. a uma distância de 50 a 100 metros mais ou menos. Se a viatura da frente para, as outras param, mantendo as distâncias, a menos que seja determinado cerrá-las. Tão logo as viaturas param, são retiradas das estradas ou caminhos e estacionam sob as arvores, num bosque ou atrás de qualquer cobertura que exista nas vizinhanças. Se possível elas estacionam abrigadas. Se o cmt. determina ou faz o sinal "abrigar", os condutores das viaturas se esforçam por colocá-las atrás de muros, edifícios, massas de terra, ou dentro de depressões que melhor as cubram das vistas e fogos. Alguns ramos de arvores são habitualmente conduzidos e usados para disfarçar as silhuetas das viaturas e peças se são obrigados a parar em terreno descoberto. Peças e viaturas são estacionadas e disfarçadas de modo a poderem prontamente retomar a marcha.

e) Em terreno acidentado ou difícil, os homens apeam e seguem suas viaturas, auxiliando-as se necessário. Um homem segue à frente escolhendo o caminho. A noite ele conduz uma lanterna surda e o motorista segue a luz.

f) Itinerários cobertos são preferidos. Orlas de bosques, construções disseminadas ou arvores contribuem para o mascaramento. Cristas limpas são evitadas. Quando se é forçado a atravessar uma crista, escolhe-se um ponto em que a silhueta da viatura seja dissimulada por arvores, casas etc.

g) Em terreno desconhecido o cmt. deve proceder a escolha de um itinerário (com um balisador e a pé se necessário).

h) No deslocamento para posições não completamente protegidas por outras tropas, as viaturas avançam por lance, cada lance sendo reconhecido por um único veículo, um homem a pé ou motociclista, antes que seja feito o deslocamento de todos os elementos para a frente.

3 — Combate — Ordens e Informações — Cada cmt. de unidade anti-carros transmite prontamente aos seus subordinados o seguinte:

a) **Informações sobre o inimigo** — Tornar conhecidas e acentuar as mais recentes identificações e informações concernentes aos movimentos de carros e outras forças motorizadas.

b) **Informações de nossas próprias tropas de apoio** — Localização, identificação e idéia de emprego de tropas amigas, especialmente de forças mecanizadas e motorizadas. Missões e localizações nas vizinhanças, de armas anti-carros, unidades vizinhas e de apoio. Localização de minas, obstáculos naturais e artificiais.

c) **Missão da unidade** — Indicação das tropas, sua instalação ou acidente do terreno a ser protegido. Designação de setores (quando for o caso).

d) **Diversos** — Previsões para segurança local, dotação de munição e aprovisionamento, posições alternadas, posições suplementares, locais das viaturas-tratoras, serviço de alerta, posições de alerta, sinais convencionados, comunicações e transmissões.

e) **Localização de:**

- 1) posto de saúde;
- 2) ponto de distribuição de munição;
- 3) posto de Comando.

4 — **Segurança local e serviço de alerta** — a) Os Comandantes das unidades anti-carros fazem previsões para a segurança local de suas unidades e prescrevem um eficiente sistema de alerta. Em marcha de estrada, em aproximação, estacionamento, locais de reunião e em combate, vigilância constante e meios seguros de transmissão e alerta são mantidos para prevenir contra surpresas e dar tempo ao eficaz emprego das armas. As unidades anti-carros coordenam com as tropas amigas vizinhas a segurança local, as transmissões e os sinais de alerta. Cadeias de transmissão são exigidas frequentemente na transmissão de sinais. A observação aérea e os destacamentos motorizados, ambos em reconhecimento, dão geralmente o primeiro aviso da presença de carros inimigos nas vizinhanças das unidades. Para dar aviso de aproximação ou presença de aviões inimigos, elementos mecanizados ou ataques terrestres, são prescritos três silvos longos de apito ou businar de automóveis — repetido várias vezes, ou três tiros espaçados igualmente com fuzil ou pistola ou três rajadas curtas de metralhadoras. Durante o dia, quem dá o sinal, indica a direção do perigo iminente. À noite, ou durante o dia, se necessário, o sinal de alarma será completado pela voz indicando a direção provável do ataque.

b) Em deslocamento, são efetuados contínuos reconhecimento. Rádio e sinais convencionados são empregados para manter ligação e dar aviso a tempo.

c) Uma unidade anti-carro em posição de alerta estabelece postos de observação e de alerta em toda a área pela qual é responsável e a distâncias tais que assegurem a chegada a tempo das peças às suas posições de tiro. Deve haver comunicações seguras entre a unidade e seus postos de observação e alerta. Telefones de campanha ou radiotelefonia podem ser usados, quando os elementos anti-carros não estejam demasiadamente separados.

d) Em situações defensivas em que os postos de observação e de alerta anti-carros sejam conjugados com o sistema de transmissões, suas chamadas de alerta terão prioridade.

(Continua)

NOVA E MELHOR

CIGARROS

Lincoln

TIPO AMERICANO

C/º DE CIGARROS CASTELLÕES



LIGEIRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SURPRESA TÉCNICA

Pelo Capitão A. C. MUNIZ DE ARAGÃO

I — ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A SURPRESA

Os fatores, por excelência, construtores do êxito são:

— a surpresa;

— e a potência.

Só o primeiro permite que o menor número vença ao maior.

Na Guerra, só é batido, completamente, aquele que não sabe informar-se a tempo. Que não utiliza, convenientemente, os conhecimentos que possui sobre o adversário.

Aquele que se mantém ao corrente da situação. Que prevê as possibilidades do inimigo, pode manobrar de modo a obter vantagens reais. Não se deixa destruir, mesmo que disponha de meios insuficientes. Garante, sempre, tempo e espaço para manobrar. Conserva, em qualquer circunstância, a liberdade de ação.

O valor do imprevisto é de tal modo evidente, que não vale a pena insistir. E' inútil justificá-lo.

O inesperado é possível nos mais variados campos:

a — Político diplomático:

As relações que os neutros conservam com os beligerantes representam uma fonte de energias. A sua evolução deve ser estudada e acompanhada.

Na Guerra Italo-Etiope, a ação dos neutros causa sérios embaraços aos fascistas. Não é decisiva, visto que a superioridade dos peninsulares é gigantesca.

b — Econômico:

Realizado o equilíbrio entre as forças militares, a situação econômica é que decide. Possibilitando a satisfação das necessidades materiais dos exércitos e do povo, ao se tornar deficiente, determina a decadência moral da nação. Amortece a vontade de lutar.

Os Alemães, em 1918, são surpreendidos pelo fator econômico, que subestimaram. Não resistem a uma guerra de longa duração. Luta de desgasto.

c — Moral:

O valor real e o prestígio de que gozam os governos. As relações entre o Estado e a Nação. A mentalidade e as tendências do povo em face das cousas bélicas, etc., são dados necessários à orientação das operações.

A campanha da Grécia, no atual conflito, é um exemplo. Os Helenos surpreendem os adversários e o mundo com o heroísmo e a abnegação revelados.

Os Italianos, pela falta de entusiasmo e combatividade, desfazem os sonhos de imperialismo de Mussolini. Vinte anos não bastaram para transformar pacíficos artistas em vis agressores !

Os Ingleses, após Dunquerque, decepcionam os governantes de Vichy e os Alemães.

d — Estratégico:

A dissimulação ao Inimigo da ordem de batalha, da situação das forças no teatro de operações e das regiões e direções em que estas forças serão empregadas, é um dever fundamental do Comando.

Em primórdios de Setembro de 1914, Von Kluck ignora a massa de manobra concentrada em Paris. Valendo-se desta circunstância, Joffre arrebatou a vitória do Marne. Salva a França !

e — Tático:

A ocultação ao Adversário dos métodos de ação, do efetivo e valor da tropa, do ponto e a hora do ataque, do sistema de fogos, etc., deve ser um cuidado do Chefe, em todos os escalões. Um simples indício pode prejudicar uma ação de grande envergadura.

Em Março de 1917, o traçado da linha Hindenburgo é revelado precocemente. Os meios rádio-elétricos, empregados sem restrições, são os responsáveis pela traição.

f — Técnica:

A surpresa ocasionada por novas armas, de efeitos desconhecidos, é um fator de superioridade incontestável. Particularmente no campo psicológico.

Com 500 castelhanos e alguns cavalos. Côrtes conquista o reino dos Aztécas, defendido por milhões de guerreiros, (1519).

Em 276 A. C., Pirro com 25.000 homens e 20 elefantes desbarata 40.0000 romanos nas batalhas de Heracléa e Asculum.. Os gigantescos animais apavoram os latinos.

Em Zama, os cartagineses empregam aqueles paquidermes em grande número. Não obstante, Cipião esmaga Anibal. O espanto causado 70 anos antes não mais se justifica.

O gás de combate, empregado pelos Alemães em Ypres, é uma dolorosa surpresa para os aliados em 1915.

II — ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A POTÊNCIA

O ideal é realizar a surpresa total. Em todos os campos. Em grande escala. Em intensidade crescente.

A surpresa, principalmente a técnica, é realizada múltiplas vezes na Conflagração Européia. Invenções diversas são lançadas nos campos de batalha. Entretanto, não produzem resultados decisivos.

E por que ?

Não são arremessados em quantidade suficiente para produzir o desequilíbrio total. As tropas não estão adestradas para aproveitar, convenientemente, as vantagens que os inventos lhes proporcionam.

As ações realizadas falta potência.

Em 1917, os carros de assalto não asseguram aos Ingleses vitórias definitivas. Em 1940, os Alemães esmagam, fulminantemente, exércitos e nações ! E' que estes dão à massa de blindados a potência relativa aos resultados desejados.

III — A SURPRESA TÉCNICA

As invenções do espírito humano, as possibilidades científicas e industriais modernas facilitam, de maneira crescente, a surpresa nos conflitos.

Para semear a desordem e o pânico nas fileiras inimigas basta uma nova descoberta. A pólvora, o tanque e os gases são exemplos incontestáveis.

A simples adaptação às finalidades bélicas de meios ou materiais já existentes é suficiente para atingir os mesmos resultados. Os lança-chamas, os aviões de assalto são prova eloquente.

A imaginação do homem e a técnica atual reservam muitos imprevistos. Para que atinjam o alvo desejado devem, por certo, satisfazer algumas condições. Condições materiais. Condições de execução. Condições de emprego.

A eficácia do material deve ser de ordem física e moral. Os primeiros canhões não causam sobressalto. Os projéteis são inertes.

A fabricação do engenho deve ser rápida, econômica, em série e secreta. Como os tanques ingleses, em 1917.

A determinação dos processos de emprego é muito complicada e difícil. Não é suficiente determinar regras. E' indispensável fazê-las aplicar pelos executantes. Trata-se de dar alma ao material.

A adoção de um invento de combate exige nova organização. O G.C. é uma consequência do F.M.

E' difícil instruir a tropa em novos processos de combate. Muito mais trabalhoso, modificar a mentalidade dos oficiais. As heroicas, mas inúteis, cargas da cavalaria francesa, em 1914, são um atestado.

O emprego de um engenho na batalha deve ser maciço. Generalizado. Em proporções tais, que ocasione a ruptura e o desequilíbrio totais.

A audácia, nesta ocasião, é tudo !

Lançado com economia, produz efeito restrito. Limitado no tempo e no espaço. Permite a parada. Facilita a resposta.

Os gases utilizados pelos Germânicos, em 1915, são neutralizados pelas máscaras. Os Ingleses respondem com o projetores "Livens". Os Alemaes triplicam, adotando-os.

A aplicação, em larga escala, de um engenho inédito só será possível se o Alto Comando tiver fé em sua eficiência. Se os resultados esperados forem compensadores. Esta esperança justificará grandes sacrifícios econômicos, indispensáveis à grande produção.

A pesquisa de meios de combate, capazes de desencadear a surpresa, exige que toda e qualquer invenção seja estimulada e estudada.

Um órgão especializado do Estado deve provocar, animar e orientar os esforços particulares. Encarregar-se da execução e experimentação dos prototipos.

Os inventores sempre existiram. E' suficiente selecioná-los, tornando a pesquisa organizada.

A mobilização industrial deve ser prevista desde o tempo de paz. O estudo técnico das possibilidades científicas, industriais e econômicas, não podem ser relegadas para a última hora. O problema da coordenação e da preparação industrial e civil é vital para a defesa nacional.

A seleção dos engenhos deve obedecer a um critério judicioso. Qualquer invento, cuja a base seja um produto estratégico ou muito caro, tem que ser, desde logo, eliminado.

Ao contrário, um país rico em petróleo tem interesse em utilizar produtos químicos, capazes de destruir os animais de tração do adversário pobre em meios de transporte mecânicos.

Conclusão, a surpresa técnica é sempre possível. Deve ser buscada sem desfalecimento. Porque:

- o progresso científico é ilimitado;
- o desenvolvimento das indústrias permite fabricações rápidas, em série;
- é possível conservar em segredo os novos meios de combate.

IV — PROTEÇÃO CONTRA A SURPRESA TÉCNICA

A Guerra moderna é total. As ações bélicas visam a aniquilar os exércitos, as populações, a economia geral das nações. Asfixiar as forças vivas dos países em luta.

Assim, não é possível antever todos os meios de ataque, agressão e morte que o adversário utilizará. O campo das previsões é e será vasto. Ilimitado !

Entretanto, certas medidas podem atenuar os efeitos da surpresa técnica:

1 — A formação de especialistas, particularmente de Oficiais Técnicos, facilitará a descoberta de meios de defesa.

2 — A busca das informações, desde os tempos de paz, estender-se-á a todos os setores de atividade dos prováveis inimigos. Aos laboratórios e fábricas. Aos campos de experiência e armazens. Tudo será esquadrinhado.

Durante a guerra, os combatentes que sofrerem os efeitos de um novo engenho, terão o dever de transmitir, imediatamente, ao Comando informações precisas sobre os danos sofridos.

3 — O desenvolvimento e a adaptação das indústrias facilitarão a procura e possibilitarão a confecção de meios de defesa.

Em Outubro de 1914 os Alemães são bloqueados. Sentem a falta de corpos nitrados. Apela para os químicos e industria afim. A produção do azoto retirado do ar atende, a partir deste momento, a todas as solicitações da guerra.

4 — Surge uma nova máquina de destruição. Todos os esforços orientar-se-ão no sentido de modificar os processos táticos, com o objetivo de diminuir as perdas e atenuar o efeito moral. Em seguida, no de neutralizar a ação da surpresa técnica. Por fim, no de contra-atacar com meios mais eficazes do que os do adversário.

O exemplo dos gases de combate, já citados, é perfeito. Ao inopinado segue-se a parada. A esta, a resposta.

Gases, mascaras e projetores "Livens" se sucedem !

Destarte, impõe-se a criação de órgãos especiais, destinados a fixar as medidas de defesa e revide.

Estes institutos não podem ser improvisados. O imprevisto pode constituir um golpe mortal para o país. Particularmente, se a industria é incipiente. Incapaz de anulá-lo, retrucando com uma nova invenção.

Em São Paulo existe o Instituto de Pesquisas Tecnológicas. No Rio, o Instituto Nacional de Tecnologia. Ambos, particularmente o primeiro, tem prestado assinalados serviços às indústrias particulares e às forças armadas. São elementos preciosos. Devem ser olhados com carinho.

A Escola Técnica do Exército, que já formou grande número de especialistas insignes, é a célula de onde irradiam os orientadores da nossa produção bélica, defensiva e ofensiva.

Esses estabelecimentos são indispensáveis, básicos, vitais à defesa nacional. Rivalizam, em importância, com o mais adestrado estado maior.

* * *

A surpresa científica assegura consideráveis vantagens. Algumas vezes decisivas. Sobre isto as dúvidas não subsistem !

O Brasil, como nação de ideais liberais e democráticos, é e será, por muito tempo, uma potência militar de segunda ordem.

Em consequência, deve-se procurar, por todos os meios e fôrmas, aumentar as suas possibilidades de sucesso em um conflito armado. A Pátria está acima de tudo. Tudo é justo, certo, se empregado em seu benefício. Não há restrições, repugnâncias, preconceitos ou crime, quando o Brasil está em perigo. Nenhum sacrifício é demasiadamente grande, em se tratando dele !

A surpresa técnica é uma arma poderosa. Devemos usá-la violentamente !

Os Oficiais Técnicos tem a palavra.

Rio, Agosto 1942

Livros à venda na Biblioteca da A Defesa Nacional

História Militar do Brasil — Gustavo Barroso	13\$000
Índios do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo	13\$000
Indicador Paranhos até 1935	13\$000
Invasão e Tomada das Ilhas Balticas	5\$000
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel J. B. Magalhães	3\$000
Instrução na Cavalaria — Cap. Mena Barreto	11\$000

Caixotaria Brasil Ltda.



RUA GENERAL CAMARA 313
Rio de Janeiro

Srs. Oficiais! Ide viajar?
Procurai a "Caixotaria Brasil"
Trabalha 90 % para militares
Centenas de atestados.
Engrandamento de moveis, cristais, louças etc.
Encarrega-se de embarque e despacho
Orçamento sem compromisso

Rua General Camara, 313
Fone 43-4339

O Observador Avançado

Problema tático esclarecendo a conduta do Observador Avançado e como se processa a ligação Artilharia — Infantaria, no Exército Alemão. (1)

Pelo Major VON ONDARZA

Tradução do Cap. LINDOLPHO FERRAZ FILHO

Na manhã de 6 de outubro, o 8.º R. I., reforçado por um Batalhão de Infantaria e tendo o 3.º Regimento de Artilharia em apoio direto, atravessava o Danúbio, próximo a Leibi, continuando seu avanço contra um inimigo estabelecido face a N. W.

O 8.º R. I. constituía a coluna da direita da 3.ª D. I., cujo eixo de marcha era: Leibi-Ob Elchingen-Göttingen-Albeck-Hörvelsingen-Bernstadt-Holz Kirch. (Croquis n.º 1).

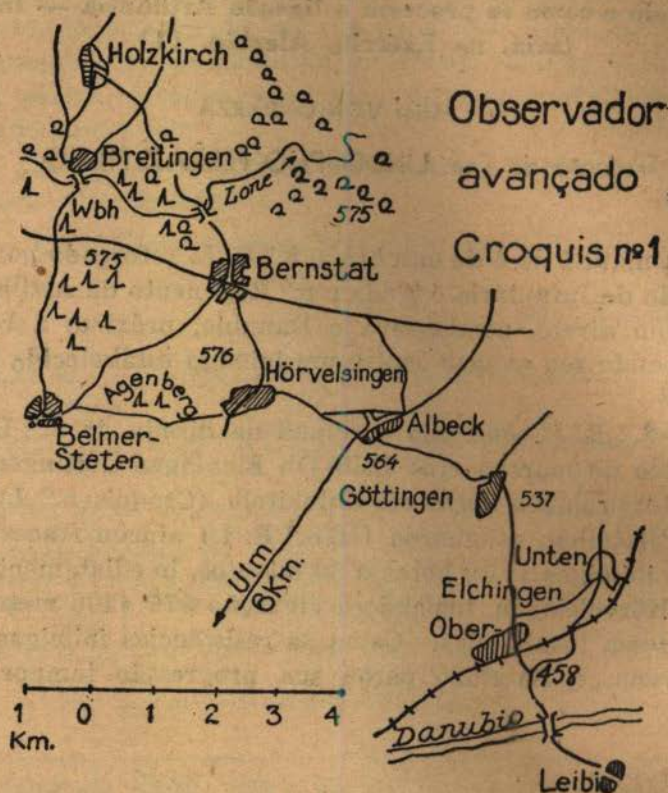
O Batalhão vanguarda (II/8.º R. I.) atacou fracos elementos inimigos às 10 horas e 30 minutos, imediatamente ao N. de Hörvelsingen, tomando a elevação 576' (400 metros a N.W. dessa localidade). Como as resistências inimigas aumentassem, o Batalhão parou sua progressão temporariamente.

NOTAS: —

- 1) A tropa é aguerrida, mas está fatigada por ter realizado uma marcha forçada.
- 2) A tropa está com equipamento normal.
- 3) O inimigo tem chefes e está bem equipado.

(1) Publicado em "Artilleristische Rundschau" — Dezembro de 1940 e "The Artillery Journal", — Abril de 1941.

- 4) Aviação — Alguns aviões de reconhecimento, isolados, voam em grande altura.
- 5) Cartas — Somente na escala de 1/100.000.
- 6) Tempo claro, com sol e um tanto quente.

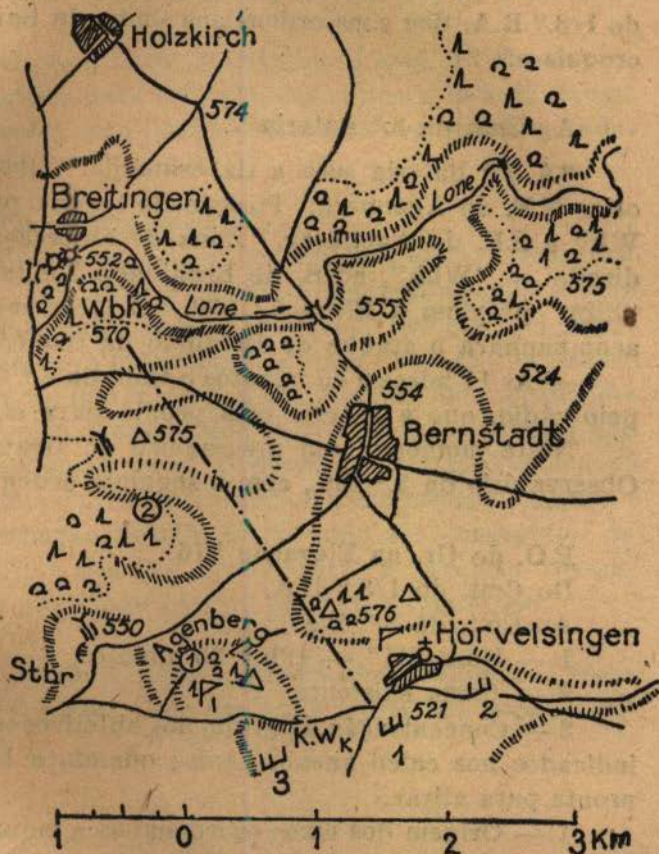


— O inimigo está de posse do terreno a W. da linha: Bernstadt-Elevação 575. O Cmt. do 8.º R. I. decidiu atacar com 2 Batalhões em primeiro escalão. O Esforço principal será exercido à esquerda; ao ataque seguirá uma breve pausa para o reajustamento e preparação do tiro.

O ataque será levado até as orlas do bosque ao S. de Breitingen (1.º objetivo). Limites entre os I e II Batalhões:

— Orlas W. do bosque da Elevação 576 — Wbh ao S. de Breitingen. (croquis n.º 2)

Observador
avançado
Croquis nº 2



Nota - As posições sucessivas do observador avançado são indicadas por ① e ②

Ordens ao Cmt. do I/3.º R.A.

“Seu Grupo apoiará o ataque do 8.º R.I., a partir das posições ao S. de Hörvelsingens, tomando particular atenção no ataque do I/8.º R.I., para o que neutralizará o inimigo

na Elevação 575 (1500 m W. de Bernstadt) e prevenindo-se contra qualquer ataque de flanco vindo na direção de Bernstadt e dos bosques mais altos, a N.W. desta localidade”.

— Às 11 horas e 15 minutos, na Elevação 576, o Cmt. do I/3.º R.A. deu suas ordens aos Cmts. de Baterias. (Veja croquis n.º 2)

Ao Cmt. da 3.ª Bateria !

“A 3.ª Bateria será a da esquerda. Observatório nas orlas N.E. de Agenberg. Posição de bateria próximo a “K. Wk” a S.E. de Agenberg. Zona de observação: — limite direito — “Wbh”, ao S. de Breitingen, limite esquerdo — “Stbr” próximo à Elevação 550. O Observador avançado acompanhará o ataque do Batalhão da esquerda”.

— Às 11 horas e 45 minutos o Cmt. da 3.ª Bia. comunica, pelo rádio, que a bateria está pronta para atirar.

Neste momento, um mensageiro do Grupo chega, ao Observatório da 3.ª Bia., com a seguinte ordem:

P.O. do Gr. na Elevação 576.

Do Cmt. do I/3.º R.A.

Ao Cmt. da 3.ª Bia.

1 — Hora “H” — 12h e 30 minutos.

2 — Carta existente.

3 — Concentração de grupo nos objetivos nos. 204 e 207, indicados nos calco anexo. Avise quando a bateria estiver pronta para atirar.

4 — Origem dos eixos coordenados a empregar e orientação dos mesmos, a da cruz da igreja, no interior da localidade de Bernstadt.

5 — Alvos auxiliares para 6 de Outubro:

A — Igreja de Hörvelsingén.

B — Moinho nas orlas S.W. de Breitingen.

C — Igreja de Bernstadt.

6 — Não há restrições para o tiro.

a.) Franz — Major Cmt. I/3.º R.A.”

— Enquanto o Cmt. da bateria leu esta ordem, o Tenente, que fôra designado como “observador avançado”, comunicou: “Irei agora ao I/8.º R. I. e de lá para as primeiras linhas da companhia da esquerda”.

QUESTÃO — Seria aconselhavel que o “observador avançado” partisse para a frente, antes que a bateria tivesse recebido instruções mais detalhadas, como por exemplo, dados relativos ao tiro ?

RESPOSTA — Sim, seria.

O observador avançado nunca espera; ele age. Seu tempo é precioso. Ele precisa atingir a companhia com a qual irá operar, antes que ela comece o avanço. Por que? O observador avançado deve informar-se, com o Cmt. da Cia., sobre o terreno exato em que se dará a progressão. Este mostra-lhe os objetivos que já tenham sido identificados e aqueles que podem ser, particularmente, perigosos à companhia, ou, os pontos do terreno onde existem fortes resistências inimigas.

Esta informação detalhada só pode ser conseguida na companhia de 1.º escalão; como regra, a precisão desses detalhes não é percebida no P.C. ou P.O. do batalhão.

Questão: — Que deve o observador avançado levar sempre consigo, mesmo que sua ação tenha um tempo limitado ?

Resposta:

- 1 — Carta da região;
- 2 — Locação exata das posições de sua bateria (se possível os dados relativos às outras baterias do Grupo);
- 3 — Direção de vigilância;
- 4 — Transferidor;
- 5 — Régua graduada — esquadro de locar;
- 6 — Tabela de tiro;
- 7 — Binóculo;
- 8 — 2 rádios-telefonistas, com o equipamento rádio completo.

"Espere !" disse o comandante da 3.^a bateria.

"Leve um calco com os tiros previstos pelo Grupo".

O Tenente recebeu o calco e seguiu, de uma vez, com os 2 rádios-telefonistas e o equipamento rádio.

Questão: — Por que o Tenente vai para a Cia. da esquerda ?

Resposta: — Porque, passados 30 minutos, quando Tenente viu o Cmt. do I/8.^o R.I. próximo ao P.O. da 3.^a Bt. aproximou-se dele e apresentou-se como sendo o "observador avançado", ao que o Cmt. do Btl. mostrou-lhe os pontos de observação, quais as duas companhias, em 1.^o escalão, iriam partir para o ataque.

O Tenente teve, imediatamente, a impressão de que o terreno na zona de ação da companhia da esquerda lhe seria mais favorável à observação. Em vista disso comunicou ao Cmt. do Btl.: "eu irei para as primeiras linhas da Cia. da esquerda e avançarei com ela, desde que seja melhor para observar de lá". O Cmt. do Batalhão aprovou sua iniciativa.

— As 12 horas e 30 minutos o Tenente caminhava para a frente, através de regiões desenhadas, a procura do Cmt. da Cia. da Esq. Foi fácil encontrá-lo, porque um infantaria que já conhecia o papel e trabalho do observador de artilharia, viu-o e chamou-o. "Tenente, o Capitão está para a frente e avançou por aqui".

Quando chegou lá, o comandante da companhia orientou-o com poucas palavras. "Avançarei com minha Companhia até próximo à orla daquele bosque de árvores. Alargue-me de vê-lo aqui. Lá, na esquerda da companhia, está uma metralhadora inimiga que atira, logo que um de meus homens levanta a cabeça. Coloquei uma metralhadora posada para neutralizá-la, logo que avancemos. Entretanto gostaria que voce atirasse, algumas poucas granadas, nela".

— O observador avançado de artilharia estava esperando justamente por isso. Após um rápido estudo de sua carta, ele concluiu a distância e deriva. Nesta ocasião se

rádio-telefonista comunica: "A ligação com a bateria está pronta!".

O O Tenente comanda: "Granada...!"

Carga 3 !

Espoleta instantanea !

Sómente a 4.^a Peça !

Vigilância n.º 1 — 480 !

Sítio 300 !

Alça 2800 ! (2)

Questão: — Deveria o observador avançado abrir fogo, sem, primeiro, ter obtido permissão do Cmt. da Bateria ?

Resposta: — Sim !

O Cmt. da Bia. lhe havia destinado a 4.^a Peça, sempre que houvesse urgência. Em caso de objetivos mais importantes e maiores, ele atirará com toda a bateria. Pode acontecer que o Cmt. da Bia. atirando com toda a bateria, então o Cmt. da L.F. comunicará ao observador avançado, mas não deixará de receber os seus comandos de tiro.

Comunicações como estas: "Poderei atirar ? Estou aqui... ou ali. Vi isto ou aquilo, etc, etc" causam perda de tempo valioso.

Questão: — Por que processo o observador avançado prepara os comandos de tiro, para bater um objetivo próximo à sua própria infantaria ?

Resposta: — Ele determina, por intermédio de sua tabela de tiro, de quantos metros poderá cair, quem do objetivo, um tiro mais curto, para a distância em que o mesmo se encontra.

Na tabela de tiro ele encontra: Dispersão para a carga 3 na distância de 2800 metros = $43 \times 3 = 129$ m, ou, arredondando, 130 metros.

(2) Os presentes comandos não estão adaptados ao que prescreve a nossa I. G. T. A.

Se toda a bateria atirar aumentando a alça de $43 \times 6 = 258$ m ou, arredondando para 260, estará seguro de não atingir as tropas amigas.

Questão: — Devemos fazer o enquadramento com lances de 400 metros ?

Resposta: — Não; quando atiramos nas proximidades de tropas amigas, devemos partir de alças seguramente longas e fazer lances pequenos. (inferiores à margem de segurança).

* * *

São 12 horas e 30 minutos. O Ataque começou.

A direita e esquerda estão algumas metralhadoras atirando. O inimigo é repellido vigorosamente. Na Elevação 575 estão caindo algumas granadas atiradas por diversas baterias.

O tiro conduzido pelo observador avançado foi coroado de êxito, silenciando a metralhadora inimiga; e, a companhia está progredindo por lances.

O Cmt. da Cia. chama o observador avançado de artilharia e lhe comunica: "Vou avançar! Queres ir comigo?" Ao que o Tenente responde: "Não; permanecerei aqui enquanto estiver observando bem!".

Questão: — E' recomendavel essa maneira de agir do artilheiro ? Poderá deixar de permanecer com o Cmt. da Cia ?

Resposta: — O procedimento do artilheiro está certo. A principal missão do observador avançado é — atirar —; e, só poderá atirar se estiver vendo alguma coisa. Ele permanece em seu posto de observação tanto tempo quanto lhe seja possivel apoiar, efetivamente, a companhia, conduzindo "tiros à vista".

Estaria errado se resolvesse avançar, sómente para mostrar sangue frio ou coragem. Sua atividade consistiria então, meramente, em mudanças de observatório, instalar seu rádio,

apanhá-lo novamente e seguir para a frente mais uma vez. Não teria tempo para atirar. Muito embora se reconheça a importância de um contato pessoal com o Cmt. da Cia., repetimos: a principal missão do observador avançado é, sempre, atirar.

* * *

O observador avançado conseguiu atirar na metralhadora que estava disfarçada nas orlas do bosque, em frente à companhia e, assim, facilitou o avanço da infantaria. A companhia está agora se aproximando do bosque.

Chegou pois a hora dele deslocar-se e restabelecer o contato com os primeiros elementos da infantaria, afim de, quando a companhia deixar o bosque em direção à Elevação 575, poder apoiar a continuação do ataque até a linha a atingir prevista.

Ele avança até as primeiras linhas da companhia. Um de seus rádios-telefonistas está tendo dificuldade em transportar o equipamento rádio, pelo que o oficial o ajuda, segurando em um dos suportes. Isto torna a progressão mais fácil. Em pouco tempo a orla do bosque é alcançada e há boa visibilidade para a Elevação 575.

O observador avisa a seus homens para instalar o aparelho. Um pequeno fosso, na extremidade do bosque, proporciona um bom abrigo.

O tiro de uma metralhadora inimiga está caindo a poucos metros; entretanto o Cmt. da Cia. não está vendo, por sua situação.

Há qualquer coisa em seu aparelho de rádio, pois não consegue restabelecer a ligação com sua bateria. E' o momento de ter paciência e não fazer barulho.

Um cabo da 3.^a Cia. vem rastejando da direita e comunica: "Em frente, numa escavação de areia, cerca de 400 m daqui, está um canhão de infantaria causando-nos grandes dificuldades. Não temos comunicação com o Batalhão. O Tenente poderá vêr o canhão se identificar a escavação de areia. O Capitão pede-lhe para pô-lo fóra de combate".

Questão: — Que teria feito o observador avançado, uma vez que não tinha ligação com sua bateria e, portanto, não poderia atirar ? Permaneceria sem nada fazer até restabelecer a ligação ?

Resposta: — Talvez que ele vá à frente, mais uma vez, esperando uma oportunidade em que a metralhadora inimiga, que estava metralhando o terreno em sua frente, cesse ou diminua o fogo.

O Cmt. da Cia. ficou satisfeito em vê-lo, e mostra-lhe o objetivo. Que poderá ele fazer ? Todos estão contando com o artilheiro.

O Observador volta ao lugar em que deixou seus homens e pergunta: "Já tem ligação ?", recebendo a resposta: "Não, ainda não conseguimos falar com a bateria!"

O Tenente tenta, então, usar uma outra frequência para ligar-se com a 1.^a Bateria. Desta vez consegue. Em face dessa última experiência, já havia locado, em sua carta, as outras baterias e as suas direções de vigilância, antes do ataque.

Péde, então, à 1.^a Bia., uma Peça, dizendo que o apoio à Companhia da esquerda é de grande urgência. A peça lhe é dada e, após alguns minutos, poudé abrir fogo e neutralizar o canhão inimigo, permitindo que a companhia avançasse.

— Casualmente, conseguiu restabelecer a ligação com sua bateria.

Recebe de seu Grupo a informação de que a encosta W. da Elevação 575 ainda está ocupada pelo inimigo. Espaldões de Mtr. aí podem ser identificados. O Ten. Zimmerman, observador avançado da 3.^a Bia., neutralize-as, com sua bateria.

— Nesta mesma ocasião, o 3.^o R.A. recebe um pedido de tiro, do I/8.^o R.I., sobre a Elevação 575, principalmente na encosta W, que está ocupada por fortes elementos inimigos e que tornam impossível a progressão da infantaria.

Logo que recebeu este pedido, o Cmt. do Gr. verifica que, infelizmente, as encostas W. da referida Elevação, não

são vistas de nenhum dos observatórios de suas baterias ou do Gr. Está em ligação com o observador avançado da 1.^a Bia. e o Observador da 2.^a Bia. está tão para direita que não poderá ajudá-lo.

Questão: — Qual a decisão do Cmt. do Grupo, em face dessas circunstâncias ?

Resposta: — Ele dá a seguinte ordem:

“O observador avançado da 3.^a bateria faça uma rápida regulação, com sua bateria, nas metralhadoras que se encontram na encosta W. da Elevação 575. Os elementos de tiro para as 1.^a e 2.^a baterias serão determinados no Grupo, na Central de Tiro, e, todo o tiro do Gr. será ajustado sobre aquela região. O referido observador avançado observará o tiro para todo o Grupo”.

— Esta maneira de proceder é, muitas vezes, vantajosa. Como o ataque prossegue, o Cmt. do Gr. verifica que, muitas vezes, suas baterias não podem observar continuamente o tiro sobre certos objetivos importantes, no momento em que a infantaria os deseja. Recorre, então, à ação centralizadora de algumas baterias sobre esses objetivos.

Este tipo de tiro é baseado na presunção de que o Cmt. do Gr. pode fiar-se na perícia e prática do artilheiro que está como observador avançado. Sua importância cresce, assim, consideravelmente.

Ocasionalmente há que, muitas vezes, caem sobre ele a responsabilidade completa do apoio à Infantaria.

Se, como muitas vezes acontece, o próprio Cmt. de Bia. não é o observador avançado, seu melhor Tenente é o naturalmente indicado para exercer essas funções.

A maneira de agir do observador avançado, como pintamos há pouco, demonstra, que é possível uma fácil cooperação entre o observador e o infante, principalmente quando o artilheiro que é mandado para frente, é conhecido do Batalhão ou da Companhia apoiada.

Deve-se, portanto, mandar sempre o mesmo oficial para trabalhar com a mesma unidade de infantaria. Debaixo

desse princípio de conhecimento pessoal, pode-se afirmar com garantia, que o artilheiro ajudará sua irmã d'arma n situações mais difíceis.

Concluimos, após este relato, que:

“A atividade do observador avançado exige, em face da dificuldade deste tipo particular de tiro, um conhecimento profissional seguro das questões de artilharia, bastante experiência, assim como um bom conhecimento de tática de infantaria e grande parcela de iniciativa”.

“De modo a cumprir sua principal missão, o observador avançado pode não estar junto ao Cmt. da Inf., isto é, desde que seu logar seja aquele de onde melhor se veja e, assim apoie, efetivamente, a infantaria por intermédio de seu fogo”.



SUAVIDADE

NÃO estrague o seu bom humor, logo pela manhã. Com a Gillette Azul faz-se, suavemente, em dois tempos, a barba mais difícil.



Lamina GILLETTE AZUL

O adestramento do cavalo d'armas

Capitão HUGO M. BETHLEM

A' GUIZA DE PREFA'CIO

1 — Ninguém **aprende** equitação, somente, lendo; mas, ninguém **progride** em equitação, sem ler. Se é verdade, que o cavalo constitui o primeiro e eterno livro do cavaleiro, sem as cartilhas dos mestres não é possível compreendê-lo, inteiramente. Hoje que os desbravadores da arte equestre, abrindo as portas do templo, permitiram aos leigos conhecê-la e, num extraordinário esforço e penosa dedicação, transmitiram à seus discípulos os mistérios que os impressionavam, chegou-se a verificar, que a equitação é uma arte com fundamentos científicos, que se explica, se ensina e se aprende, e que permite, ressaltar mais ainda, o valor do mais velho, leal e útil amigo do homem.

Pode-se, hoje, falar em gerações de cavaleiros, que difundindo com segurança seus conhecimentos, colaboraram para aumentar o número, dos que admiram o cavalo e procuram torná-lo mais nobre e perfeito, contribuindo, indireta ou diretamente, no fomento da criação de bons equinos, de peso indiscutível na economia e defesa nacionais.

Ensinar equitação, passou a ser então, para quem sabe, um dever cívico, que cresce de importância, em nossa época, quando o cavalo, mais heróico que nunca, mais eficiente e sacrificado que em nenhuma outra fase de sua história, é também, mais anônimo, mais desconhecido e repudiado. Para a máquina, voltam-se os olhares e as atenções, enquanto milhares de corceis, fustigados pelas fadigas dos grandes lanços modernos, enchem com seus cadáveres os campos e as estradas que os exércitos percorrem em busca da vitória. Lá, jazem eles, confundindo seus corpos com os dos soldados, es-

quecidos e relegados, na sublime humildade de quem serve à pátria com a serenidade estoica de um dever cumprido.

Cada vez mais, é preciso saber utilizar o cavalo de guerra. Nós sentimos que sua época não passou e que seu patear ecôa nos teatros de batalha de todas as frentes do mundo: humilde entre os varais, violento sob os tirantes, soberbo sob o peso de seu cavaleiro, o cavalo é ainda, o animal de guerra mais indispensável ao guerreiro moderno.

Fragil, porem, em seu arcabouço gigante, é necessário tratá-lo, adestrá-lo e querê-lo, para tê-lo, sempre, no momento oportuno, apto a cumprir qualquer missão.

2 — Mas, como lhe maltratam ou lhe ignoram ! E' tão docil e sereno, que o primeiro a montá-lo, julga-se senhor de seus segredos e, admitindo-se cavaleiro emérito, doutrina com desembaraço e desassombro. Em torno de coisas simples, então, mil confusões se criam e, cavaleiros novos ou desistem de se aprofundar e contentam-se com resultados medíocres, ou praticam verdadeiros atentados que incapacitam suas montadas. Esquecem-se, em geral, que é impossível lutar contra o tempo e que o fator primordial do êxito de seus esforços reside em si mesmos; "só adestra quem está de posse das ajudas e, na conquista desta, o verdadeiro cavaleiro trabalha toda a sua vida". Posse das ajudas representa: fixidez absoluta, independência, fineza, sentimento. E' consequência de um tenaz e bem orientado trabalho diário, de flexionamentos, de atenção, de vontade de melhorar sempre e cada vez mais.

3 — Escrevemos essas notas, em caráter de fichas, para os oficiais do 5.º R.C.D. procurando sintetizar da forma mais clara, que permitiram nossas posses, o pensamento dos grandes mestres da Escola Francesa, cujo grande codificador foi o Gen. FAVEROT. Conteem, enxertos de nossa própria experiência, conquistada sob a orientação de consagrados cavaleiros nacionais. Foi escrita para ser lida e posta em prática por cavaleiros — oficiais — que já atingiram um adiantado progresso e, a custa de seus esforços próprios, já se sentem à vontade, quando, sem estribos, em qualquer andadura e

qualquer terreno, teem a certeza absoluta, de que suas mãos, independente das reações do movimento, não interferem involuntariamente, na boca de suas montadas. Conteem citações, de outros mestres como L'HOTTE, SALINS e SEVY e pensamos que representam o mínimo indispensavel, para que o cavaleiro adiantado adestre o seu cavalo d'armas de maneira racional.

4 — Tudo que aí está, foi sentido e aplicado. Talvez descubra alguns ensinamentos que só são oportunos ensinar, quando se tem a convicção de que os cavaleiros estão em condições de compreende-los, assim como, só se deve dar conhecimento aos jovens, do fenômeno sexual, à proporção que amadurecem; mas, da mesma forma, com que certos páis, sentindo que seus filhos aprendem erradamente, ao convívio das ruas, noções que deveriam receber puras para respeitá-las, resolvem abrir com franqueza, as portas do mistério, acreditamos também ser melhor, descerrar certos véos, mesmo arriscando-nos à incompreensão ou a infligir os temores de alguns mestres.

Que estes nos perdôem, se erramos. Que, ao menos, a melhor intenção, de dar novos recursos aos novos cavaleiros, em benefício do ressurgimento do cavalo de guerra, nos penitencie, se incorremos no que criticamos: falar demais, doutrinatariamente, aumentando a confusão.

A esses mestres, a quem devemos o privilégio de ter compreendido "a maior conquista do homem", o nosso preito de gratidão. Abalanchando-nos a publicar notas sobre equitação, antes que muitos deles o façam, rendemos nossas homenagens a seus nomes, os quais são entre outros, que nos serviram de exemplo ou guia, — especialmente na Escola Militar e Curso Especial de Equitação, — os seguintes:

- OROMAR OSORIO;
- OSWALDO ROCHA;
- JOÃO FRANCO PONTES;
- OSWALDO BORBA;
- JOAQUIM CAMARINHA;
- MANOEL GARCIA DE SOUZA.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Oficiais

Ficha n.º 1

Assunto	Ensinaamentos
<p>Fins do adextra- mento. Método. Subordinações im- postas pelo tempo, cavalo e adeanta- mento do cava- leiro.</p>	<p>O adestramento do cavalo tem por fim, torná-lo fácil e agradável de montar, regular em suas anda- duras, dócil, franco e também tão elegante, quanto comporte o seu conjunto. (Faverot). Para que seja fácil e agradável de montar, regular em suas anda- duras, é preciso que seja bem equilibrado, isto é, <i>leve na mão, direito de espaldas e de garupa, calmo</i> <i>e para a frente</i>, (L'Hotte) (conservando por si mesmo o mais possível o seu equilíbrio, sem o recurso das ajudas). Ante nosso objetivo primordial, — o cavalo de guerra, — essas condições devem ser acrescidas da ap- tidão em atravessar qualquer terreno e em qualquer an- dadura. Essas finalidades obedecem rigorosamente a certos princípios básicos, imutáveis, qualquer que seja a utilização que se tem em vista do cavalo, e se su- bordinam, ao tempo mais ou menos longo de trabalho, em face do tipo, do sangue, da índole, da idade e do adeantamento do animal, assim como da maior ou menor <i>posse das ajudas</i> por parte do cavaleiro. Daí a necessidade, de seguir uma sequência, através um método: quanto ao cavalo — iniciação e adestramento propriamente dito; quanto ao cavaleiro, um treina- mento intensivo para conseguir da melhor forma a ne- cessária independência de ajudas — segredo da posse e do tato equestre.</p>
<p>Ajudas. Princí- pios. Posição e ação. Emprego das ajudas. Equi- líbrio.</p>	<p>As ajudas são os elementos que servem de <i>lin- guagem</i> entre o cavaleiro e o cavalo. São elas, as rédeas, as pernas e o peso do corpo. Devido ao desen- volvimento mental do cavalo, precisam ser sempre em- pregadas de uma mesma forma, para um determinado efeito. Todas as ajudas são intermitentes e alternadas, nada valendo as ações bruscas, desordenadas, vio- lentas ou inoportunas. Daí, os <i>princípios básicos a</i> <i>atender</i>. Quanto ao cavaleiro: — saber sempre o que quer antes de pedir; “partir do simples para o com- plexo”; “não castigar sobre o reflexo de um castigo anterior”; “lembrar sempre, que é mais provável ser</p>

o erro culpa sua que do animal". Quanto ao emprego no cavalo: "As ações de perna não contrariam as de mão (mão sem perna e perna sem mão); "as ações da perna, precedem e preparam as ações da mão"; "a ação de uma rédea não deve contrariar a da outra, quando muito regula"; "*a posição precede a ação*"; "quem comanda o movimento é o post-mão". Chama-se *ação* a força de impulsão provocada pelas ajudas e necessária para determinar um movimento pedido. Ela impõe a distensão das molas que suportam a massa. Chama-se *posição* a repartição normal do peso da massa, acrescido do peso do cavaleiro, sobre os 4 membros, tendo em vista o movimento pedido. (Faverot). Tem por consequência, dispor favoravelmente os raios articulares, predispondo o movimento pela justa repartição do peso. O *movimento*, assim, é fruto da posição e consequente ação. A passagem do movimento à inação se obtém também, partindo da posição que se impõe ao cavalo e que permite anular a ação. Pelo disposto a sequência das ajudas para se determinar ou anular o movimento, começa pela aplicação do peso do corpo que determina a posição, ação das pernas que indica o movimento e ação das mãos que o regula. Por estes três meios, em justa e coesa aplicação, o cavaleiro *impõe sua vontade* ao seu cavalo. Com as ajudas, o cavaleiro procura desde o início do trabalho, equilibrar sua montada. O *equilíbrio* consiste, na maior ou menor facilidade, com que o cavalo modifica a repartição de seu peso sobre os 4 membros, para tomar as diferentes posições que determinam as ações. Quanto mais perfeito o equilíbrio tanto mais fácil será o deslocamento do peso em todos os sentidos. Em virtude desse princípio, diz-se, que um cavalo está em equilíbrio, quando, simples indicações, bastam para o cavaleiro modificar, à sua vontade, a disposição do peso sobre as colunas de sustentação. Temos como certo que: *iniciar é conquistar o equilíbrio e adestrar é aperfeiçoar este equilíbrio.*

5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.

Assunto	Ensinamentos
Iniciação e adestramento.	<p>Em virtude das condições do cavalo, o método exige, que o trabalho desse, após a doma, comece pela <i>iniciação</i>. Nesta fase da educação do cavalo, que é geral é novo, o objetivo que se tem em vista é torná-lo conhecedor das ajudas, flexioná-lo através um ginástica metódica, familiarizá-lo com todos os ambientes, dar-lhe fôlego, resistência e músculos, e identificar-lo com os obstáculos naturais. (R. Eq.). Durante esse desenvolvimento, cujo tempo é fator das qualidades do cavalo e do cavaleiro, mas em média atinge um ano — o cavaleiro sem esquecer a condição básica — de que sua vontade deve sempre imperar sobre a do cavalo, — é o mais condescendente possível e, procura, sem ferir jamais os <i>princípios básicos</i>, conduzir o animal, a cumprir sem luta, suas determinações. À proporção que o adestramento surge e, que, ele vai compreendendo melhor as ajudas e demonstra maior submissão, as exigências vão gradualmente aumentando. De qualquer forma, porém, o cavaleiro desde o primeiro dia, tem em mira tornar o <i>mais possível</i>, seu cavalo <i>leve, calmo para a frente e direito</i>. Desde que, o animal é conhecedor das ajudas, que está musculando e ginasticado, habituado ao exterior e ao terreno variado, iniciado no obstáculo, ritmado em suas andaduras, resistente, dócil, calmo, começa o cavaleiro, a fase do adestramento. Ela se alcança sem transições, visto como, em face do aumento das exigências, que veio se processando gradualmente, o cavalo torna-se apto às maiores solicitações. Não há uma linha de separação como se julga. Pouco a pouco, o cavaleiro sente e verifica que seu cavalo, está pronto a receber uma maior intensidade de pedidos, para acelerar o aperfeiçoamento de sua forma. Desde este momento, quer visando o salto, o picadeiro, o exterior, ou qualquer outra utilização do cavalo, começa o adestramento, que se marca pelo ponto em que o cavaleiro inicia, <i>sem tergiversações a impor sua vontade à sua montada</i>. Daí em diante,</p>

então, esforça-se, cada dia, para melhorar a *leveza* e a estabilidade do balanceiro (ramener); para tornar cada vez mais completa a obediência às pernas (condição que impõe a calma); para mantê-lo sem esforço, direito de *espaldas* e de garupa. Preocupa-se em habituá-lo, desde cedo, a dispensar o recurso das ajudas, para se manter fluente e impulsionado, numa determinada andadura (descida de mãos e pernas); aperfeiçoa, dia a dia, a sua capacidade de engajamento da garupa, mantenedora da impulsão e da amplitude das andaduras (*rassembler*).

Conselhos para o êxito, durante a iniciação e o adestramento.

Fora de qualquer dúvida, é o fato, de que o cavaleiro novo, que ainda não possui suficiente independência de ajudas, não inicia um cavalo e, muito menos, o adestra. Importa, portanto, para um maior progresso na educação do cavalo, que o cavaleiro seja o mais adeantado possível, dispondo de uma perfeita posição que lhe permita a posse das ajudas, motivo da sensibilidade maior ou menor às reações do animal. Desta forma, o cavaleiro tem que procurar constantemente se aperfeiçoar, aprimorando sua fixidez, leveza de mão, observação do cavalo, energia e entusiasmo. O segredo do êxito, quer na iniciação, adestramento ou readestramento, reside nas primeiras lições, em que a justeza das ajudas firma um nítido entendimento entre o cavaleiro e sua montada; a forma decidida e serena porque o cavaleiro a comanda, influe em seu espírito, predispondo-a a uma franca submissão. E' no começo, da iniciação ou do adestramento, que o cavaleiro precisa ter maior paciência, conformando-se com pequenos resultados certos, não se empolgando com o meio ambiente, especialmente, os espectadores, quebrando a sequência com demonstrações desordenadas e espalhafatosas, — não se impressionando com resultados de cavalos mais faceis e, aguardando, serena e seguramente, o momento em que o seu, conhecendo as ajudas, fará demonstrações muito mais perfeitas.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 3

Assunto	Ensinamentos
Leveza. Ramener (colocação do balanceiro).	<p>Compreende-se por <i>leveza na mão</i>, a qualidade especial do cavalo, que obedece sem relutancia às ajudas, sem que a mão experimente a sensação de <i>um peso</i> mais ou menos difficil de deslocar, ou de <i>uma força</i> que resiste a sua ação (Feverot). A leveza se reconhece então, pela ausencia de resistências de peso e de força, aos efeitos da embocadura. (Idem). <i>A simples meia tensão de uma ou das duas redeas</i>, deve provocar a mobilidade suave do maxilar inferior, sem que a cabeça se mova e sem que a abertura da boca se torne sensivelmente aparente; a lingua do animal deve fazer então saltar uma das embocaduras sobre a outra, produzindo por momentos um <i>ruido argentino</i>, além disso, é preciso, que esta mobilidade suave persista por um certo tempo e não cesse <i>bruscamente</i>. Tais são as condições cujo conjunto constitui a verdadeira leveza. E' para o cavaleiro o <i>índice</i> revelador e <i>infalivel</i> do equilibrio perfeito do cavalo, enquanto <i>subsistir sem alteração</i>. (Idem). E' preciso no entanto, não esquecer, que, se a verdadeira leveza só cabe à attitude anterior, — familiar ao cavalo adeantado de picadeiro, — a procura da leveza, ou melhor a preocupação em tornar o cavalo leve, deve vir desde os primeiros passos da iniciação. Importa mesmo frizar, que o próprio apoio, franco e decidido, do cavalo de iniciação sobre a mão do cavaleiro, deve ser sempre, o mais possivel, despido da sensação de peso ou força. Esse deve, com o desenvolver do trabalho, se tornar <i>gradualmente</i> leve, a ponto da sensação da boca se transmitir sempre, ante as sollicitações da mão, por um mascar franco e calmo. De fato, o cavaleiro precisa ter a preocupação, serena e constante, de procurar anular as resistências, ou atenuá-las o mais possivel, em qualquer cavalo e em qualquer fase do trabalho. Como dissemos acima, a <i>simples meia tensão das rédeas</i> (com mais ou menos intensidade), provocada pelo cerrar dos dedos (com mais ou menos energia), deve povocar a mobilidade suave do ma-</p>

xiliar inferior, *sem que a cabeça se mova e a abertura da boca se torne sensivelmente aparente*. Esta posição, firme da cabeça, *sustentada por si mesmo* pela estabilidade do pescoço, é o que chamamos *ramener* (colocação do balanceiro). É preciso firmar, que o *ramener*, que no cavalo adeantado de picadeiro, tem uma atitude definida, é, em qualquer grau de trabalho, *a posição fixa do balanceiro, que se sustenta por si mesmo*, em consequência da leveza, que é resultante da descontração do post-mão (engajamento). Assim lembremos sempre, que não é a imposição rígida das rédeas que determina a posição da cabeça, mas sim o engajamento, cuja prova é a descontração do maxilar; ou dizendo como Feverot — o *ramener*, *se obtém por si mesmo*.

Atentos aos princípios básicos, compreendemos a razão desta frase e, não esqueceremos nunca, que todas as atitudes do cavalo partem do post-mão para a frente, alcançando-se os diversos objetivos pelo racional e progressivo emprego das ajudas. Desta forma, a procura da leveza, desde o início do trabalho, exigindo uma grande atenção das pernas, predispõe o cavalo a uma perfeita colocação do balanceiro, que é qualquer, conforme o objetivo em vista, devendo ser no cavalo de iniciação e no de esporte, mais baixo do que alto. Volto a insistir, que as rédeas, não impõe pela rigidez da mão, o *ramener*, mas pedem a leveza. Esta por sua vez é fruto da posição que determinou a ação, estando o cavalo na frente das pernas (engajamento). Por conseguinte, deve ser preocupação constante do cavaleiro, manter sempre seu cavalo para a frente, calmo e ritimado em suas andaduras, procurando em todos os momentos a leveza, que lhe trará, em consequência, a posição e estabilidade do balanceiro.

Maxilar cedendo é sinal de descontração.

É axioma em equitação, que serve de base para compreensão do que acima se expôs, que o cavalo não pode contrair nenhuma das partes de seu corpo, para opor resistência, sem contrair o maxilar.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 4

Assunto	Ensinaamentos
<p>Como se pede a leveza. O valor do rompimento perfeito do equilíbrio para iniciar qualquer andadura. O erro das correções iniciais em marcha.</p>	<p>Indiscutivelmente, a experiência e o bom senso, têm demonstrado que o segredo do movimento reside, na perfeição da rutura do equilíbrio. Considerando o cavalo calmo, parado e direito, — a posição precedendo a ação — esta, que começa pelas pernas, incita o cavalo a se lançar para a frente; encontra, então a barreira formada pelas mãos, que cedendo, permitem o movimento para a frente, sobre o apoio, que deve ser o mais leve possível, em função do progresso do cavalo — Esta imobilidade em estação, porém, presuppõe uma completa descontração do animal, descontração essa que se verifica pela mobilidade do maxilar. “Nenhum cavalo consegue contrair parte alguma de seu, corpo para opor resistências, sem contrair o maxilar”, sendo a recíproca verdadeira. Neste caso, sempre partir, após descontrair — nunca pedir absolutamente nada, com o cavalo contraído. Considerando como fundamental, que as pernas estão sempre coladas ao cavalo, para que, <i>vigilantes</i>, suas ações precedam as da mão, o cavaleiro, antes de iniciar qualquer movimento, pede a leveza. (E’ preciso também que ela se mantenha, gradualmente, em marcha). Num trabalho orientado, com objetivos definidos, mesmo durante a iniciação, após o primeiro desbastamento, em que o cavalo já compreende que a ação da perna determina o movimento e a da rédea o regula ou o anula, essa preocupação se justifica. “O cavaleiro procura sentir a boca do animal, dando gradualmente, meia-tensão às rédeas ou mesmo à uma delas, afim de verificar se o maxilar está suave e móvel. O cavalo deve responder descontaindo-o e movimentando a embocadura na boca”. (Faverot). Deve ser preocupação contínua e atenta do cavaleiro, ceder o mais depressa possível, <i>sem contudo precipitar esse gesto</i>. Esta mobilidade, demonstra, que o cavalo está em equilíbrio e apto a receber a posição e consequente ação, para iniciar qualquer movimento. Se a mão não encontra</p>

a leveza, no momento em que a meia tensão das rédeas se produz, continua a agir, aumentando gradualmente a intensidade. Nos cavalo novos, qualquer resultado, por mais insignificante que seja, deve satisfazer, *insistindo-se depois de recompensar*. A força lenta a que nos referimos, deve produzir a leveza. "*E' o meio normal para obte-la*". (Faverot). À qualquer resposta do cavalo a mão cede e, a perna, que já mantinha o contacto e a atenção, reunindo-o, determina o movimento para a frente. Se o trabalho foi bem executado, o cavalo parte, calmo na andadura solicitada, desde o primeiro passo, estirando, pelo alongamento suave do pescoço, *que se sustenta por si mesmo*, as rédeas das mãos do cavaleiro. E' absolutamente condenado, portanto, partir com o animal desorganizado, sob o pretexto ou esperança de regular a andadura em marcha. Nota-se, constantemente, que a linguagem das ajudas, por ser elementar, exige ser simples e sempre igual, o que determina a aplicação correta, desde a posição ao emprego das mesmas. O princípio de qualquer trabalho, exige paciência e persistência para se coroar de êxito, mas traz a compensação, de logo após o perfeito entendimento do cavalo, os resultados mais avançados e brilhantes chegarem de forma tão rápida, que até surpreende o cavaleiro novo. *Evitar sempre durante a iniciação e o princípio do adestramento, corrigir em marcha*. Para todo o erro retomar o alto, descontraír o cavalo e partir certo, mesmo que essa operação tenha que se repetir, centenas de vezes. Desde o primeiro passo, partir certo. *Antes deste passo não se conformar nunca, mas, após este, recompensar largamente*.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 5

Assunto	Ensinaamentos
Das resistências. (peso e força)..	<p>Devido a má distribuição do peso, sobre os raios articulares, o cavalo, durante o adestramento, apresenta duas resistências características: a de <i>peso</i> e a de <i>força</i>. Quando o cavaleiro após insistir, pacientemente, durante longo tempo, na meia tensão à procura da leveza, vê que o seu cavalo se conserva mudo e indifferente, é que há resistências maiores, fruto de fortes contrações, que necessitam de outros meios para ser vencidas. A resistência de peso (que nos cavalo novos e calmos é mais comum, pois o peso do cavaleiro desloca seu centro de gravidade para a frente), dá, ao cavaleiro, a sensação de suportar na mão o peso de uma massa inerte, difficil de deslocar. A resistência de força é a sensação, que o cavaleiro sente na mão — quando procura a leveza — de uma força que lhe puxa as rédeas, ou uma delas, provinda de contrações musculares do maxilar e dirigidas instintiva ou voluntariamente pelo cavalo, contra a ação da embocadura. Esta <i>resistência ativa</i> desperta a idéia de luta travada contra o cavaleiro, luta esta que o cavaleiro não deve nunca em princípio aceitar — vencendo-a com energia mas com serenidade. Combate-se a resistência de peso pela <i>meias paradas</i> e as de força pelas <i>vibrações</i>.</p>
Como se executam a meia-parada e a vibração.	<p>Para aplicar a <i>meia-parada</i>, estando montado, o cavaleiro, sem cessar o contacto das mãos com a boca do cavalo, e sem as aproximar de seu corpo, no princípio, cerra-as energicamente; os punhos assim fechados, giram vivamente, os dedos tão para cima quanto possível. (Compreende-se bem, que o movimento é assim de baixo para cima e de dentro para fora). Em seguida, as mãos aumentam, instantaneamente sua ação sobre a embocadura, elevando-se sem pancada, debaixo para cima e dá frente para traz. A potência desse efeito deve ser <i>proporcional à resistência encontrada</i>. (Faverot). A meia-parada se executa, indistintamente, com uma ou duas rédeas alter-</p>

nadas ou simultaneamente e sobre qualquer embocadura, e não *deverá nunca fazer recuar o cavalo*. A *vibração* é uma sucessão de pequenas sacudidelas, uma tremura imprimida a embocadura, seja com as duas rédeas ou com uma delas. Como a meia-parada, a vibração se pode dar sobre qualquer embocadura. Dura um ou vários segundos e será forte ou fraca, conforme a resistência encontrada. Nunca, porém, violenta ou em pancadas na boca do cavalo. *Não deverá variar de intensidade durante sua aplicação e não poderá, como a meia-parada, fazer recuar o cavalo*. (id.). Desta forma, se o cavaleiro encontrar uma resistência de peso emprega uma ou várias meias-paradas se necessário; se encontra resistência de força, o mesmo, quanto às vibrações. Logo que julgue anuladas as resistências, deve procurar sentir a boca do cavalo, pela *meia-tensão, meio normal de pedir a leveza*. A resposta certa do cavalo, é a prova do sucesso obtido. Se persiste mudo a essas solicitações, é que a operação foi mal feita, necessitando ser repetida cada vez com mais *delicadeza e tato*. Se o cavalo se agita, obter a imobilidade primeiro, o que se impõe à custa de meias-paradas, *proporcionais em energia*, à falta cometida. Logo que ele se entrega e faz alto, o cavaleiro calmo, procura compreender o que se passa com sua montada. *Note-se que as meias-paradas, tornam-se mais raras e menos violentas a proporção que o cavalo se entrega*. Obtida a imobilidade, retomar o ciclo normal da lição. Após um pequeno resultado, que se compensa e se insiste em seguida para obter a confirmação e gravar na memória do cavalo, é sempre conveniente, lançá-lo, franca e calmamente, para a frente numa trotada larga, mormente nos cavalos novos de iniciação, para predispor-lo, sempre, à marcha para a frente.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 6

Assunto	Ensinaamentos
Decompor a força e o movimento.	<p>Como já dissemos, o segredo da andadura está no rompimento. Para partir certo, importa que o cavallo esteja imóvel e calmo. Insistimos que isto deve se verificar, mesmo com os cavalos novos de iniciação. E' comum no entanto, pelas más condições de equilíbrio (má repartição do peso sobre os 4 membros), ou pela irritabilidade em não querer se deixar dominar (muitas vezes também fruto de coegas, dores, fraqueza), o cavallo se apresentar inquieto, quando se exige a imobilidade, ou se lançar para a frente e para os lados, pesando sobre a mão, numa ação passiva. O primeiro dos aspectos que se reflete quasi sempre em resistências de força, são punidos com as vibrações, acompanhadas de meias paradas se for o caso, e o segundo aspecto, quasi sempre apresentando resistência de peso, pelas meias-paradas; ambas applicadas da forma porque foram expostas em ficha anterior, preocupado o cavaleiro com a delicadeza e o tato, na execução. E' absolutamente condenada qualquer idéia de luta, ou irritabilidade por parte do cavaleiro, <i>que precisa se convencer</i>, e o fará — pela experiência em diversos cavalos, — que este, é o único processo, capaz de impor ao animal a sua vontade obtendo a docilidade. Obtido o alto calmo, imóvel, o cavaleiro, pelo processo já descrito, pede o movimento. Se parte mal, se precipita-se, erra, endurece o maxilar, levanta a cabeça, coloca-se atraz do apoio, atravessa-se, apresenta resistências: <i>imediatamente alto, descontrain, partir</i>. E só partir de novo depois de calmo e imóvel. Que se repita a operação centenas de vezes, <i>mas só partir certo</i>. Durante o movimento, qualquer variação da attitude que atente contra o que se deseja, <i>novamente, alto, descontrain, partir</i>. E' a isto que chamamos, em breves palavras, <i>decompor a força e o movimento</i>. (Faverot).</p>

Correções em marcha. Notícias sobre impulsão.

As correções em marcha só se iniciam, quando o cavalo já atingiu um grande adiantamento e sem se desorganizar, compreende a correção. Se a leveza desaparece em movimento, é fruto de uma resistência. Pela mesma sequência, de meia-tensão, vibração ou meia-parada, conforme a resistência, o cavaleiro procura retomá-la, conservando ou voltando ao equilíbrio anterior. No entanto, nunca podem determinar a *quebra da impulsão e modificar o ritmo da andadura*. Pelo contrário, a impulsão que se mede pela fluência e brilho das andaduras, quando em marcha, *porque ela é a reunião de forças sob a massa*, determinando os movimentos francos e enérgicos do cavalo, tende a se modificar, desaparecendo, quando desaparece a leveza. (De passagem se diga, que a impulsão, é resultante de maior ou menor engajamento dos posteriores, por determinação do cavaleiro). Assim, lembrando sempre, que as ações de perna precedem as de mão, as pernas procuram, reunindo o cavalo, mantê-lo no mesmo brilho, enquanto as mãos, solicitam o corretivo necessário, em face do desaparecimento da leveza, *índice imediato* de qualquer alteração da atitude do cavalo. Nota-se vulgarmente, que nos cavalos de iniciação e de esporte, os cavaleiros, no interesse de familiarizá-los o mais possível com a vontade franca de andarem para a frente, procuram quase sempre corrigi-los em marcha, fazendo com que eles se apoiem à custa de meias-paradas, que lhes determinarão, também, a regularidade das andaduras. Mas nota-se igualmente que não são cavalos inteiramente dominados nem impulsionados; são cavalos que andam para a frente, num equilíbrio instável sobre as espaldas, atendendo às ações da mão com uma certa brutalidade e pesados às ações da perna. Muito embora, haja necessidade nesses cavalos, quando se tem em vista, objetivos muito próximos, de ir desbordando as dificuldades e procurando mante-los calmos e docéis nas andaduras e afeitos ao obstáculo, forçoso é convir, que nunca estarão perfeitos e, o cavaleiro mais adeantado, que tem responsabilidades em apresentar seu cavalo, tem que partir desses princípios, únicos capazes, de lhe entregar inteiramente em suas mãos o seu cavalo.

(Continua no próximo número)

CARTILHA DA MOCIDADE

Noções de Higiene e Primeiros Socorros
Educação Moral - Civismo

Publicação autorizada pelo E. M. E. e aprovada pela Diretoria de Saúde do Exército

Capitão MICALDAS CORRÊA

Bibliotéca de "A Defesa Nacional"

PREÇO Cr\$ 6,00

"Aqui reuniu rápidas lições, faceis e nítidas, sobre higiene, educação moral e civismo, destinando-as aos sorteados, principalmente. Este pequeno volume, entretanto, poderá ser adotado nas diversas escolas com grande proveito.

.....

Tudo isso sem pompas, verbalismo e frases, numa sintaxe lúcida — sujeito, verbo, atributo — simplificada, facilitada, afeiçoada à compreensão.

.....

E' um livro oportuno e generoso. Há, no Brasil, ainda, cerca de oitenta por cento de analfabetos. Mas, os alfabetizados reclamam educação. Aí está o fim deste volume".

ELOY PONTES

"Para leitura do adulto que se alfabetiza não haverá em língua nacional nada tão inteligente, tão equilibrado e tão completo.

.....

... tem-se que salientar a forma — clara, direta, limpa; o método — de um forte poder persuasivo, pois que tudo se desenvolve espontaneamente, com apelo a associações muito hábeis; a substância — sempre do melhor quilate.

Temas delicados e fundamentais, que vêm recebendo um tratamento irritantemente inepto por parte dos abundantes empreiteiros da literatura "moral e cívica", surgem na "Cartilha da Mocidade" em termos inteiramente novos, cujas características são bom gosto e objetividade".

UMBERTO PEREGRINO

DISCURSO pronunciado pelo Gen. HEITOR AUGUSTO BORGES

na sessão magna conjunta da LIGA DA DEFESA NACIONAL e UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL por ocasião da recepção dos novos sócios da Liga e convocação dos antigos escoteiros que teve lugar a 12 de Outubro último no edifício do D.I.P.

Desempenhando-me da incumbencia honrosa de saudar a LIGA DA DEFESA NACIONAL em nome dos seus novos socios, quero dirigir o meu primeiro pensamento para o passado, numa homenagem à memoria dos seus fundadores, os valerosos patriotas que, no já longinquo ano de 1916, concebiam em linhas simples porem majestosas, esse magnífico TEMPLO a que hoje vimos nos abrigar, e devotamente se entregavam à tarefa de sua construção.

Venceslau Braz, Pedro Lessa, Miguel Calmon, Gregorio da Fonseca, Afonso Vizeu, Coelho Neto, Genserico Vasconcelo e tantos outros entre os quais sobresaia a figura inconfundivel desse extraordinário poeta-soldado que foi Olavo Bilac, o reservista perpetuo do Brasil. Gloria eterna aos seus nomes pelos prestimosos serviços que de sua obra já resultaram; pelos admiráveis frutos que legaram às gerações de agora e pelo exemplo que nos deixaram de idealismo construtivo e de civismo feito palavra congregadora e ação fecunda.

Mestres de otimismo, em um ambiente trabalhado pelo azedume das descrenças depressivas e pessimismos acabrunhadores; homens de ação num meio propício às divagações inconquentes e aos belos sonhos que se comprazem e se esgotam em ser simplesmente sonhos, acreditavam equilibradamente no valor educativo da palavra, fugindo, porém, da palrice sem conteudo e sem objetividade para contrapor ao discurso vasio ou louvaminheiro, não a inatividade melancólica, mas a palavra simples verdadeira e persuasiva, nobilitando, num mesmo passo o verbo e a ação ou, melhor, fundindo-os numa só e mesma cousa.

Face aos estreitos dilemas em que o governismo sistemático e o opoisionismo a todo o transe se esforçavam por encerrar a realidade da vida, deram-nos uma visão mais nobre e mais digna da vida política; conjugando, numa terra de civilismos prevenidos e desconfiados e de

militarismos exclusivistas e sectários, os sentimentos e ações de civis e militares, mostraram que uns e outros, longe de serem de mundos diferentes que necessariamente se excluem, muito ao contrário, são parcelas entrosadas desse todo fundamental: — o Brasil.

Mas não quero evocar sómente os seus nomes, evôco por igual a sua época, a época em que se congregaram em torno à Bandeira da Liga da Defesa Nacional.

Lembre-mos que o ano é o de 1916; que a Europa se debatia na grande fogueira da 1.^a Grande Guerra; que o Brasil se avisinhava dos acontecimentos que em Outubro de 1917 o alinhariam hombro a hombro com os adversários da Alemanha Kaiserista.

Muito semelhantes, como vemos, eram as circunstâncias daqueles dias com as dos nossos dias, para que por si sós identifiquem e aproximem os sentimentos e os propósitos dos fundadores da Liga da Defesa Nacional com os propósitos e os sentimentos daqueles que hoje dela se aproximam e a seu serviço se colocam.

Hoje, como então, a guerra avassala continentes e mares. Hoje, como hontem, o Brasil dela participa, tendo sido nela envolvido, nas duas vezes, atravez de uma similitude de fatos que evidência ser o adversário o mesmo eterno profanador dos mais sagrados princípios do direito, o eterno violador de compromissos de honra, e objetivando, nas duas vezes, uma similitude de propósitos que patenteia ser o Brasil, por vocação e destino, um soldado da causa democrática entre as demais nações do mundo.

Então a Alemanha era o Kaiserismo, a truculência de uma dinastia insolita e desejosa de trazer o mundo ritmado à cadência do “passo de ganso” e de trazer o pensamento do mundo submisso às inflexões da “kultur” pangermanista.

Hoje a Alemanha é o Hitlerismo, uma truculência mais experiente e sistematizada, onde não há apenas o “passo de ganso” mas há também a “camisa parda” e há a Gestapo, e onde o pangermanismo se transformou em “racismo”, ideologia escravizadora do pensamento e inimiga da verdade.

Definindo os objetivos da Liga da Defesa Nacional em 1916, os seus fundadores entre outros pontos indicavam-lhe as seguintes finalidades:

- manter em todo o Brasil a idéia da coesão e integridade nacional;
- difundir a educação cívica e o culto do patriotismo;
- combater o analfabetismo, o alcoolismo e a dissolução dos costumes;
- fundar e sustentar associações de escoteiros e linhas de tiro;
- apoiar a execução das leis de preparo e organização militar;
- promover o ensino da lingua pátria nas escolas estrangeiras.

do Brasil e a criação de escolas primárias nos núcleos coloniais.

— O exame desse programa de ação evidência o quanto é ele ainda atual e palpitante, e quanto trabalho ele nos sugere, e quantos problemas ele coloca à nossa frente, num desafio à nossa inteligência, à nossa força de vontade e à nossa atividade.

Certo, em muitos desses pontos, senão em todos, o progresso realizado pelo país é considerável; mas evidentemente muito há que fazer ainda, tanto é verdade que o solucionamento das grandes questões nacionais jamais encontra termo, apresentando, ao contrário, em sua evolução ininterrupta, o contínuo desdobrar de questões novas e de aspectos inéditos.

E é por isso que continua a ser programa dos nossos dias, o combate ao analfabetismo, a difusão ampla do ensino, afim de que se melhore a capacidade de trabalho do brasileiro, e se eleve o nível cultural do povo. Com mais instrução teremos melhores operários, melhores agricultores, melhores soldados.

— Continua a ser digno do melhor interesse da geração de hoje o combate à dissolução e ao atraso dos costumes, sendo mister eliminar a ação corroedora do alcool e do jogo, bem assim, a ação deformadora e emoliente das crendices e das abusões.

— Continua de pé o problema do escotismo, exigindo uma melhor compreensão e um maior amparo das autoridades e das famílias, pois que será através da doutrina escoteira que poderemos dar aos nossos filhos uma educação ativa e pura, fortalecedora do corpo e da vontade, inspiradora de sentimentos sociais altruístas e patrióticos, formadora de bons cidadãos e de bons chefes.

— Temos ainda que enfrentar o problema dos núcleos coloniais e a assimilação dos emigrantes, o combate aos quistos raciais, de modo a que não tenhamos a toldar os horizontes do futuro, questões irritantes de minorias a desempenharem papel de enfraquecedores da vontade nacional.

— E continua, finalmente, de pé, pois que são questões que nunca se encerram, são e serão de todos os dias, aquelas referentes à propaganda do serviço militar, à educação cívica do povo, ao fortalecimento dos laços morais da comunidade brasileira.

São em suma esses pontos, aqui rapidamente sumariados, aqueles que estão na base do problema da defesa do Brasil. Os fundadores da LIGA DA DEFESA NACIONAL, ao entreverem-nos, abarcaram o problema em toda a sua amplitude, numa antecipação notável que lhes permitia ver os caminhos que haveriam de conduzir os povos aos quadros complexíssimos da "guerra total".

— A difusão ampla da educação cívica decorre da compreensão de que a guerra não é mistér exclusivo das forças armadas, é tarefa que compete a todos os cidadãos.

— A educação pelo escotismo indica a compreensão de que a guerra exige combatentes fortes de corpo e de espírito, educados desde a infância na escola dos trabalhos áspers e da auto direção conjugada com a disciplina de equipe.

— A difusão de escolas objetiva a formação de soldados de superior nível mental, e portanto, mais capazes, já no manejo das armas, o que é importante, já na compreensão política da guerra, o que é mais importante ainda.

— O combate aos costumes desregrados e aos hábitos de corrupção social indica a visão clara de que não é possível um “front” sólido quando o “interior” não apresenta um clima de austeridade e de pureza, e de que, se hoje nos permitimos uma sorridente tolerância para com os vícios que se acastelam por traz das suavidades mundanas e que se desfarçam sob sorrisos inocentes e até sob propósitos edificantes, amanhã poderemos ter a vontade e a energia entorpecidas, e possuindo embora canhões, tanques e aviões, não tenhamos a capacidade para movimentá-los.

Por todos esses títulos podemos avaliar o quanto a Liga da Defesa Nacional representou e representa no quadro do fortalecimento militar do país e da mobilização das nossas energias para a guerra. Prestigiá-la, servi-la, entregar à sua inspiração os nossos zelos patrióticos e os nossos anseios de trabalho significa contribuir de forma a mais efetiva para a resolução dos graves problemas de hoje e vale por uma participação ativa no esforço de guerra do Brasil.

Agindo como congregadora de vontades, como creadora de um clima moral sadio onde as vibrações do civismo popular se expandam e se desdobram nas múltiplas tarefas de cooperação que os fatos forem aconselhando ou sugerindo; impulsionando os timoratos e os apáticos; sofrendo os exaltados e disciplinando os dispersivos; esclarecendo e exortando a todos; confundindo e apontando à execração pública e à ação punitiva da justiça o multiforme quinta-colunismo — terá a Liga da Defesa Nacional se colocado no campo que lhe compete nesta hora, que é o campo da preparação moral para a guerra contra o Nazismo.

Esta preparação, que os estudiosos da História Militar sabem ter sido sempre um fator importante para decidir das vitórias, é hoje, mercê das condições que caracterizam as batalhas, um elemento fundamental de êxito, e de certa forma sobreleva a própria preparação material.

E sendo a preparação moral mais importante hoje do que nunca, é também mais complexa, dado o aspecto tentacular da guerra moderna e a ampliação do conceito de combatente, que já não se restringe à figura do soldado, do marinheiro e do aviador, e inclui operários e

camponezes, agricultores e industriais, funcionários e intellectuais, as mulheres, os velhos, as crianças, a Nação inteira.

Se antes era suficiente cuidar da preparação moral das forças armadas, hoje o problema se amplia imensamente, assumindo aspectos novos e jamais entrevistos, pois que se trata da preparação moral de todo um povo. E em que consistirá essa preparação? Em síntese ela significa levantar no povo a vontade de lutar e de vencer, preservar-lhe essa vontade de continuo solapada pela propaganda adversa e pela ação de inúmeros fatores de desagregação, manter-lhe o tonus emocional indispensavel para os grandes entusiasmos construtores, e finalmente dar-lhe consciência clara dos moveis e dos fins da sua guerra, para que, da configuração justa e nítida daquilo que se combate, possa o povo retirar o espirito de decisão, o ânimo combativo e as supremas energias que explicam o que comumente chamamos os milagres da guerra: Dunkerque, Londres, Malta, Stalingrado...

Há dias, em entrevista memoravel à imprensa, o Exmo. Snr. Ministro da Guerra acentuava muito bem o caráter ideológico desta guerra. Com palavras quasi idénticas nos vinha, ao mesmo tempo, do chefe inimigo, o mesmo pensamento — esta guerra é de ideologias.

Mas, como o material, que é idéntico — tanques e aviões que se entrechocam, uns e outros de linhas tão semelhantes que, dir-se-ia, construidos na mesma fábrica — as palavras podem ser idénticas, mas as idéias que fazem mover e agitar aqueles tanques e aqueles aviões são diferentes e antagonicas.

A idéia do Snr. Ministro da Guerra, que é a nossa e que deve ser a de todo o brasileiro que verdadeiramente seja brasileiro, é aquela que tem a seu favor os reclamos do progresso e dos direitos do povo e da Humanidade e não a da Nova Ordem que campeia infrene na Europa onde o virus do totalitarismo nazi-facista conspurca todos os direitos humanos, escravizando povos e indivíduos; a idéia que nos anima a alma é a que se identifica com a sagrada causa da Justiça e da Liberdade. E esta é a que há de vencer.

Preparar o combatente brasileiro será, desse ponto de vista, dar-lhe consciência destas idéias, das idéias pelas quais combatemos, infundir-lhe a convicção de que são elas superiores às idéias do inimigo.

A Liga da Defesa Nacional deverá portanto levar a sua contribuição nesse sector, esclarecendo o povo sobre o significado político, cultural e moral do Nazismo, de modo a que sejamos todos, anti-nazistas e anti-facistas conscientes e ativos e façamos do combate ao Nazismo e ao Facismo, sob todas as suas formas, o estímulo de nossas preocupações diárias.

— Esta guerra, senhores, é a guerra dos governos eficientes e enérgicos, das forças militares adestradas e bem equipadas e dos povos coesos, esclarecidos, animosos e decididos a tudo.

O governo do presidente Getúlio Vargas é o penhor de que à frente da Nação teremos um líder experiente e resoluto, conhecedor dos nossos problemas e das nossas possibilidades, e portanto, capaz de imprimir à nossa participação na guerra um cunho de eficiência de valor enestimável para a causa comum das Nações Unidas e propiciatória de uma crescente influência do Brasil no mundo de após guerra.

As Forças Armadas, cientes de suas responsabilidades, ciosas dos seus braços e do patrimônio moral que lhes legaram os Caxias, os Tamandaré, os Barrosos e os Osórios estão à altura das circunstâncias presentes, e repetirão, para nosso orgulho e para nossa grandeza, os feitos dos seus heróis tutelares.

E no fundo do quadro, a tudo animando e dando significação a tudo o povo brasileiro, guardião das virtudes das gerações que fizeram as Bandeiras, expulsaram os Holandeses, organizaram nossas riquezas e povoaram nossas cidades, fizeram a Independência, combateram no Paraguai e realizaram a República; Povo, Governo e Forças Armadas, irmanados num só ideal, haverão de ser dignos aliados das forças da Liberdade na luta contra a Opressão nazi-facista.

Cabe-me ainda como Presidente da U.E.B. a grata incumbência de saudar também os antigos Chefes escoteiros aqui presentes, convocados que foram para, mais uma vez participarem de nossas atividades e comungarem conosco na cadeia da fraternidade sob o lema — um por todos — todos por um.

E' sobretudo, dessa união, união efetiva se desdobrando em cooperação e colaboração que resultará a energia necessária para enfrentar as duras provações de suor, de sangue e de lágrimas que o Brasil terá de enfrentar e cujo exemplo já podemos dar hoje aqui neste recinto e nesta data tão festiva em que se comemora a união de neste recinto e nesta data tão festiva em que se comemorará a união de

A esses valorosos vanguardeiros do movimento escotista do Brasil, beneméritos, também, como aqueles vultos que organizaram a Liga, os nossos mais fraternais agradecimentos, as nossas mais calorosas saudações, pelo denodo esforço, pelo edificante exemplo de previdência e energia, de caráter e inteligência, de tenacidade e força de vontade com que souberam implantar na nossa Pátria a semente da doutrina de Baden Powel cujos frutos hoje contemplamos com orgulho, inclusive essa maganina dama — D. Jeronima de Mesquita, que sendo uma das primeiras a semear o grão do escotismo entre nós, continua, ainda, num sector paralelo, na elevada missão educativa fazendo de cada moça brasileira uma bandeirante, desbravando heroicamente a floresta feminina para o verdadeiro papel da mulher em qualquer circunstância da vida.

A presença desses Mestres neste momento nos conforta e anima e confirma que quem foi escoteiro nunca mais deixará de sê-lo, tal é

a empolgante doutrina badeana que, uma vez seguida por toda a Juventude brasileira, transformará o Brasil, levando-o a ocupar o lugar que tem direito pela sua extensão, pelas suas riquezas inexploradas, pelo valor de seus filhos.

Saúdo escoteiramente aos Mestres do Escotismo.

Sempre Alerta !

RESPONDENDO às homenagens que lhe prestaram os oficiais da Guarnição da Vila Militar e Deodoro e da Infantaria Divisioaaria da 1.^a D.I., por ocasião da passagem do comando, o nosso diretor, Snr. Gen. HEITOR AUGUSTO BORGES, assim se expressou:

A manifestação que acabas de me prestar, coroando o trabalho em comum de quatro anos de arduas tarefas, toca tão profundamente o meu coração que o meu agradecimento, mesmo que pudesse emprestar-lhe o colorido brilhante das palavras sonoras e rebuscadas, seria muito fraco para exprimir todo o meu estado de alma.

E' que à feição natural de minha personalidade e à deficiência na arte da eloquência, vêm se ajuntar ainda os sentimentos de saudades que já me empanam a alma, ao lembrar que será esta a última vez que terei oportunidade de me dirigir diretamente aos presados camaradas que tão cavalheresca e eficientemente me ajudaram a desempenhar as minhas funções de chefe; devo, mesmo, confessar que deixo o vosso convívio com a singular sensibilidade de quem perdeu alguma coisa de si !

Não direi que não a tenha merecido, e, talvez, isto seja interpretado como uma grande manifestação de vaidade ! E' preciso considerar, porém, que a modestia nem sempre deve prevalecer e que, as vezes, não traz vantagens nem ao sujeito nem ao meio em que se agita. Já falei no meu boletim no equilíbrio que deve haver entre os imperativos da disciplina e os ditames suaves de camaradagem; idêntico equilíbrio é preciso existir entre a modestia e a vaidade, porque, enfim, é o equilíbrio, justa combinação de forças, determinando a regularidade e permanência do movimento, que é a base de todas as instituições humana.

Sem dúvida, esta manifestação não traduz uma simples homenagem ao homem, ao chefe que vos deixa, pois que ele não teria uma inteligência mais brilhante, nem uma capacidade de ação maior, nem

um caráter mais elevado que qualquer de vós; nenhuma qualidade ou predicado que não se encontre em qualquer que aqui se ache.

Perquerindo as origens dos sentimentos e idéias que orientaram o vosso gesto, vou encontrar na unidade de vistas, sempre reinante entre nós, a mola real que nos fez agir.

Tendo latente em vós o instinto da cooperação e da colaboração e norteados pelos verdadeiros ideais patrióticos para o bem do Exército e da Nação, fácil foi estabelecer-se esta comunhão de idéas de que resultou a harmonia de um comando longo de quatro anos através de arduos trabalhos e duras atividades como as que requer a maior guarnição militar do Brasil.

Entregando-nos com amor e energia à edificante missão de aparelhar a mocidade para a regeneração e fortalecimento da Pátria, empregando todo nosso esforço e ardor no preparo dos jovens brasileiros para a Defesa Nacional, estabelecemos um estreito e leal entendimento, numa renascença gloriosa de sinceridade de intenções, de atitudes e de pensamentos sadios e viris.

Nesse ambiente de energias em que todos tem a nítida compreensão de seus direitos como de seus deveres e obrigações, em que o esforço de todos está orientado numa só direção, clara e luminosa, não houve lugar para o vice-jamento de ideais budicos nem mesa verde onde pudesse campeiar o jogo da libertingem privilegiada de que nos fala o eminente chefe do E.M.E.; ao contrário, se até há pouco ele patenteou a coesão e solidez das coletividades perfeitamente coordenadas e dirigidas, com o estado de guerra, que veio ao encontro do pensamento nacional e, portanto, do Exército, houve um retezamento de energias, uma unificação mais estreita ainda entre todos, manifestando que estamos fieis aos grandes ideais que abraçamos e que são os da Pátria livre e soberana; se até então, as simpatias e pensamentos desse conglomerado de vontades era de apoio às grandes Pátrias da justiça e da liberdade, o negregado atentado nazi-facista, como de costume, traiçoeiro e cruel, fê-lo retemperar-se como um só bloco granítico pronto a concorrer com seu sangue para o esmagamento do eterno inimigo da raça humana — o alemão.

E', pois, nesta unidade granítica — milagre de integração total de nossas vontades que lobrigo o movel real de vosso gesto.

Assim, meus senhores, essa manifestação resultando da comunhão de idéias e de ideais que nos congregam e, unem reverte mais a vós que sois a maioria, que propriamente a mim; esse êxito que ainda agora teve a assinalá-la a palavra generosa de vosso interprete, foi muito mais vosso que meu e, como tal, é claro que a vós cabem os louros da vitória.

Entretanto, aceito-a com ufânia e gratidão porque a força e beleza da união precisam de um ponto de aplicação que, aqui, a graduação hierárquica indica, no momento da separação. E levo comigo, com especial carinho e satisfação, a lembrança que objetiva os vossos sentimentos

comquanto ela não possa aumentar, no meu espírito, as reminiscências agradáveis de nosso convívio, os ensinamentos colhidos no vosso trato, e as gratas recordações de vossa atividade civil e militar, que a distância da separação não poderia mergulhar na penumbra do esquecimento.

E, agora, na deficiência da minha oratória que impossibilita forjar um instrumento adequado e na altura de responder às bondosas palavras do vosso orador e à magnanimidade dessa homenagem, peço venia para unir meu coração ao vosso num afetuoso abraço de reconhecimento, pronunciando as palavras de fé que me assoberbam a alma: — tenho uma imorredoura fé nos destinos do Brasil mercê do patriotismo de seus filhos; tenho uma fé inabalável na vitória de nossa causa porque é a causa de justiça e da liberdade !

J. J. BAKER

EXPORTAÇÃO DE MICA

Avenida Rio Branco, 9 - sala 268

TELEFONE 43-3409

RIO DE JANEIRO

Luiz F. Braga & Filhos

**ESPECIALISTAS EM GRUPOS ELETROGENOS
A GASOLINA, QUEROZENE, ÓLEO E VENTO**

MOTORES A EXPLOSÃO DE 1/2 a 30 HP.

Evaristo da Veiga, 83-B

Rio

OFICINA DE SERRALHEIRO ESQUADRIAS DE FERRO — J. P. Madureira — Rua Viscondeusa de Pirassinunga, 97-A — Tel. 42-3257.

**ARMAZEM GLOBO — Luiz Lourenço Dias — Estrada do Areal, 659
— Rocha Miranda — Rio de Janeiro.**

ARMAZEM S. JOSE'

LIQUIDOS E COMESTIVEIS — GENEROS DE PRIMEIRA
VENDAS SO' A DINHEIRO

MANOEL GOMES

Rua Coronel José Ricardo, 738 — Olinda — Estado do Rio

Café e Leiteria Castruz

Café, Leite, Queijos, Manteiga, Balas e Variado sortimento
de Bebidas — TELEFONE 29-5940

TEIXEIRA E COSTA

Av. João Ribeiro, 351 - Terra Nova - Rio

Ao Forte do Coelho Neto

Líquidos e Comestíveis — Vendas exclusivamente a dinheiro
Grande Variedade em Bebidas Nacionais e Estrangeiras

GUERINO BASSIN

Estrada do Areal, 1420-A — E. F. Rio d'Ouro — Rio de Janeiro

União Gráfica Ltda.

Registrado

Papelaria Tipografia Encadernação

MODICIDADE — RAPIDEZ — PERFEIÇÃO

Rua do Costa, 82 — Fone 43-1549 — Rio de Janeiro

A METALURGICA FEDERAL

Fundição de Metal e Bronze, Fabricação de fêchos de ferro e metal,
Carrinhos de ferro para aterro, Correntes de ferro, Ferramentas para agricultura,
Construções, trilhos para corredeira de vitrine, parafusos, etc.

Joaquim Corrêa de Sousa

RUA DOS CAJUEIROS, 69 — TELEFONE 43-2010 — RIO DE JANEIRO

Código RIBEIRO — End. Tel. MERALDÉFE

STEFAN ZWEIG

"O MUNDO QUE EU VI" (Minhas memórias)

EDITORA GUANABARA

Waissman - Kocogan Ltd.

Rua do Ouvidor, 132 — Tel: 22-7231 — End. Telegr. "EDIGUA" — Rio de Janeiro

O SISTEMA LEGAL DE UNIDADES DE MEDIDAS

Major ALBERTO RIBEIRO PAZ

(Continuação)

c) MEDIDAS DO CALOR

1) — Diferença de temperatura.

Nome da unidade: grau centesimal, centígrado ou Célsius.

Símbolo: °C ou ° ou °abs ou °K.

Definição: Diferença de temperatura equivalente a 1 grau da escala termodinâmica, representada de acordo com as prescrições estabelecidas nas resoluções das Conferências Gerais de Pesos e Mdidas.

Notas:—

1) — O símbolo ° será usado quando não possa haver dúvida sobre o seu significado.

2) — As temperaturas referidas ao zero da escala centesimal, centígrada ou Célsius, que é a temperatura normal de fusão do gelo, serão representadas pelo símbolo °C.

3) — As temperaturas referidas ao zero absoluto, que corresponde à temperatura — 273,16 °C, serão representadas pelos símbolos °abs ou °K.

4) — Ao grau absoluto também se denomina grau Kelvin.

II) — Quantidade de calor.

Nome da unidade: caloria.

Símbolo: cal.

Definição: Quantidade de calor necessária para elevar à temperatura de 1 grama de água pura de 14,5 °C a 15,5 °C sob a pressão atmosférica normal.

Nomes	Símbolos	Valores
termia	th	1 000 000 cal
militermia	mth	1 000 cal
quilocaloria ou grande caloria	kcal	1 000 cal
frigoria	fg	1 000 cal
caloria ou pequena caloria ou caloria grama	cal	1 cal
microtermia	μth	1 cal
milicaloria	mcal	0,001 cal
microcaloria	μcal	0,000 001 cal

Nota: —

1) — Na técnica da refrigeração poderá ser usada a denominação **frigoria** como equivalente a uma quantidade de calor de 1 quilo-caloria retirada de um sistema material.

d) MEDIDAS DA ÓTICA

I) — Intensidade luminosa.

Nome da unidade: vela internacional.

Símbolo: v.i

Definição: Intensidade luminosa definida em função da média das intensidades médias horizontais, sob determinado regimen de funcionamento, de um grupo de lâmpadas elétricas conservadas no "Bureau of Standards" em Washington, no Laboratório Central da "Société Française de Electri-

ciens", em Paris e no "National Physical Laboratory", em Londres.

Notas: —

1) — Seus múltiplos e sub-múltiplos não teem designação própria.

2) — Para fins legais, a **vela decimal**, definida como a fração $\frac{1}{20}$ da intensidade de padrão **violle**, pode ser considerada como equivalente à vela internacional.

II) — Fluxo luminoso.

Nome da unidade: lumen.

Símbolo: Lm

Definação: Fluxo luminoso no interior de um ângulo sólido de 1 esfero-radiano por uma fonte puntiforme de intensidade invariável, de mesmo valor em todas as direções, e igual a 1 vela internacional.

Nota: 1) — Seus múltiplos e sub-múltiplos não teem designação própria.

III) — Iluminamento, iluminância ou aclaramento.

Nome da unidade: lux.

Símbolo: lux

Definição: Iluminamento de uma superfície de área igual a 1 metro quadrado recebendo na direção normal um fluxo luminoso.

Múltiplo usual:

Nome	Símbolo	Valor
fot	f	10 000 lux

Nota: 1) — Seus múltiplos e sub-múltiplos decimais não teem designação própria, com exceção do **fot**.

IV) — **Brilho superficial ou brilhância.**

Nome da unidade: Vela internacional por centímetro quadrado.

Símbolo: v. i/cm²

Definição: Brilho superficial de uma fonte cuja área é de 1 centímetro quadrado e cuja intensidade na direção normal à superfície é uniforme, invariável e igual a 1 vela internacional.

Notas: 1) — Seus múltiplos e sub-múltiplos não têm designação própria.

2) — A vela por centímetro quadrado pode ser denominada **Stilb** (Símbolo: **Sb**).

V) — **Radiância.**

Nome da unidade: Rádio lux ou lumen por metro quadrado.

Símbolo: rdlux ou Lm/m²

Definição: Radiância de uma superfície que irradia uniformemente um fluxo de 1 lumen por metro quadrado.

Múltiplo usual:

Nome	Símbolo	Valor
radiofot	rdfot	10 000 Lm/m ²

Nota: 1) — Seus múltiplos e sub-múltiplos decimais não têm designação própria, com exceção do **radiofot**.

VI) — **Convergência.**

Nome da unidade: dioptria.

Símbolo: di

Definição: Convergência de um sistema ótico cuja distância focal é igual a 1 metro.

Nota: 1) — Seus múltiplos e sub-múltiplos decimais não tem designação própria.

e) MEDIDAS ELÉTRICAS

I) — Intensidade de corrente elétrica.

Nome da unidade: ampere internacional.

Símbolo: A

Definição: Intensidade de uma corrente elétrica invariável que, atravessando uma solução aquosa de nitrato de prata, de acordo com as condições estabelecidas pela Repartição Internacional de Pesos e Medidas, deposita 0,001 118 00 gramas de prata por segundo.

Múltiplo e sub-múltiplos usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
quiloampere	kA	1 000 A
miliampère	mA	0,001 A
microampère	μ A	0,000 001 A

Nota: 1) — A palavra internacional pode ser omitida no nome da unidade e de seus múltiplos e sub-múltiplos.

II) — Resistência elétrica.

Nome da unidade: ohm internacional.

Símbolo: Ω

Definição: Resistência oferecida a uma corrente elétrica invariável por uma coluna de mercúrio de massa igual a 14,452 1 gramas, cuja área de secção transversal é constante e cujo comprimento é de 106,300 centímetros, mantida à temperatura de 0°C.

Múltiplo e sub-múltiplo usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
megaohm	MΩ	1 000 000 Ω
microhm	μΩ	0,000 0001 Ω

Nota: 1) — A palavra internacional poderá ser omitida no nome, da unidade e de seus múltiplos e sub-múltiplos.

III) — Diferença de potencial elétrico ou tenso elétrica é força eletro motriz.

Nome da unidade: volts internacional.

Símbolo: V

Definição: Diferença de potencial elétrico existente entre as extremidades de um condutor de resistência igual a 1 ohm internacional, percorrido por uma corrente de intensidade invariável, igual a 1 ampère internacional.

Múltiplos e sub-múltiplos usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
quilovolt	kV	1 000 V
milivolt	mV	0,001 V
microvolt	μV	0,000 001 V

Nota: 1) — A palavra internacional poderá ser omitida no nome da unidade e de seus múltiplos e sub-múltiplos.

IV) — Quantidade de eletricidade ou massa elétrica.

Nome da unidade: coulomb internacional ou ampère-segundo.

Símbolo: C ou As

Definição: Quantidade de eletricidade que atravessa durante 1 segundo uma secção transversal qualquer de um condutor percorrido por uma corrente de intensidade invariável, igual a 1 ampère internacional.

Múltiplos e sub-múltiplos usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
ampère hora	Ah	3 600 C
quilocoulomb	kC	1 000 C
microcoulomb	μ C	0,000 001 C

Notas: —

1) — A palavra internacional poderá ser omitida no nome da unidade e de seus múltiplos e sub-múltiplos.

2) — Outras unidades e quantidade de eletricidade podem ser obtidas substituindo-se no nome, na definição e no símbolo acima mencionados, o ampère por qualquer unidade legal de intensidade de corrente elétrica e o segundo por qualquer unidade legal de tempo.

V) — Capacidade elétrica.

Nome da unidade: farad internacional.

Símbolo: F

Definição: Capacidade de um condensador que, carregado com uma quantidade de eletricidade igual a 1 coulomb internacional, apresenta entre suas armaduras uma diferença de potencial de 1 volt internacional.

Sub-múltiplos usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
microfarad	μ F	0,000 001 F
micro microfarad	$\mu\mu$ F	0,000 000 000 001 F

Nota: 1) — A palavra internacional poderá ser omitida no nome da unidade e de seus múltiplos e sub-múltiplos.

VI) — Indução própria, self-indução ou coeficiente de self-indução e indução mútua ou coeficiente de indução mútua.

Nome da unidade: henry internacional.

Símbolo: H

Definição: Indução própria de uma bobina na qual se produz uma força eletro-motriz de 1 volt internacional, quando a intensidade da corrente que a percorre varia uniformemente, à razão de 1 ampère internacional por segundo.

Sub-múltiplos usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
milihenry	mH	0,001 H
microhenry	μ H	0,000 001 H

Nota: 1) — A palavra internacional poderá ser omitida no nome da unidade e de seus múltiplos e sub-múltiplos.

VII) — Potência elétrica.

Nome da unidade: watt internacional.

Símbolo: W

Definição: Potência elétrica desenvolvida num circuito fechado em que a força eletro motriz é invariável e igual a 1 volt internacional e a intensidade da corrente elétrica, também invariável, é igual a 1 ampère internacional.

Múltiplos usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
quilowatt	kW	1 000 W
quilovolt ampère	kVA	1 000 W
hectowatt	hW	100 W
volt ampère	VA	1 W

Notas: —

1) — A palavra internacional poderá ser omitida no nome da unidade e de seus múltiplos e sub-múltiplos.

2) — Para fins legais o watt internacional pode ser considerado como equivalente a 10 000 000 erg/s.

VIII) — Trabalho elétrico e energia elétrica.

Nome da unidade: joule internacional ou watt segundo.

Símbolo: J ou Ws

Definição: Trabalho desenvolvido durante 1 segundo num sistema em que a potência elétrica se mantém invariável e igual a 1 watt internacional.

Múltiplo usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
quilowatt hora	kWh	3 600 000 J
watt hora	Wh	3 600 J
quilo joule	kJ	1 000 J

Notas: —

1) — A palavra internacional poderá ser omitida no nome da unidade e de seus múltiplos e sub-múltiplos.

2) — Para fins legais 1 joule internacional pode ser considerado como equivalente a 10 000 000 erg.

3) — Outras unidades de energia elétrica podem ser obtidas substituindo-se no nome, na definição e no símbolo acima indicados, o watt por qualquer unidade legal de potência elétrica e o segundo por qualquer unidade legal de tempo.

No que diz respeito aos símbolos há a fazer as seguintes observações:

1) — Na simbologia das unidades elétricas podem ser usadas também as letras minúsculas.

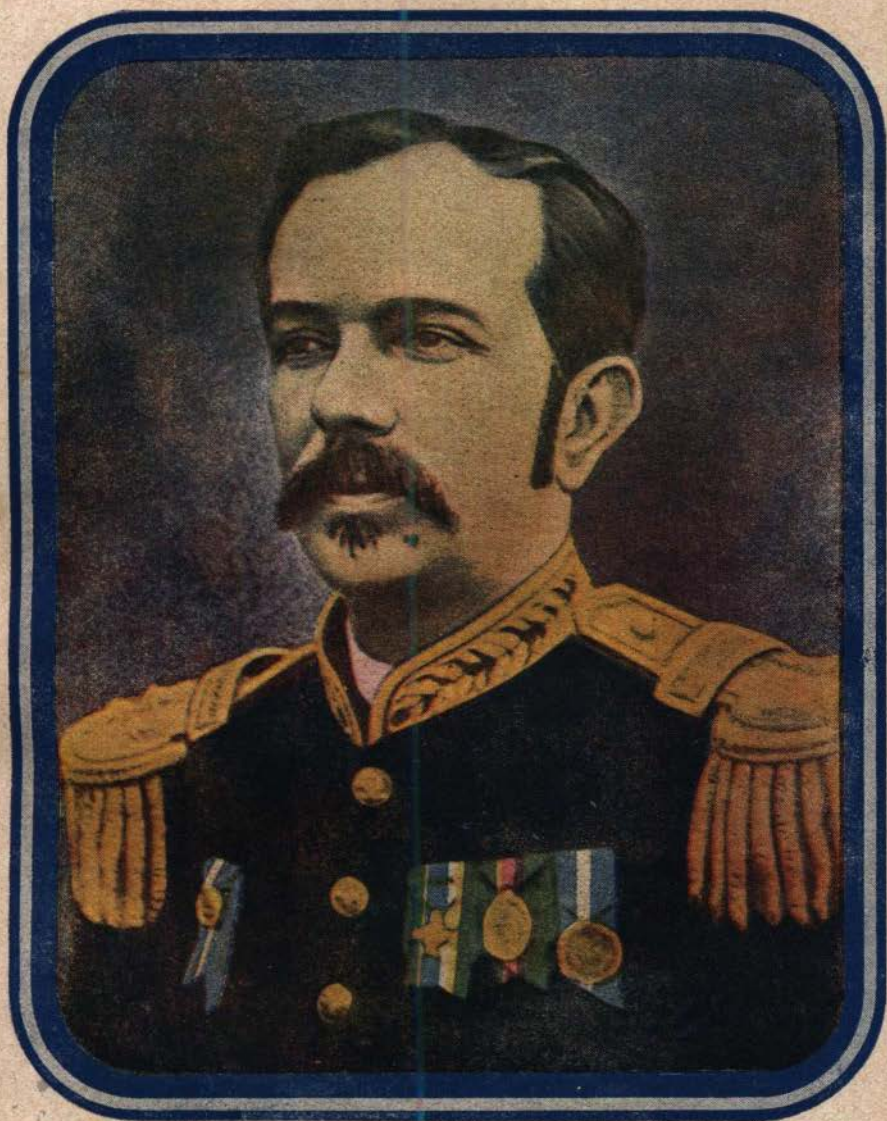
2) — Grafias algebricamente equivalentes podem substituir-se indiferentemente. Assim o **centímetro por segundo**, por exemplo, pode representar-se por qualquer das formas seguintes:

$$\frac{\text{cm}}{\text{s}}; \text{cm} / \text{s}; \text{cm/s}; \text{cm s}^{-1}$$

A designação geral dos múltiplos e sub-múltiplos decimais das unidades legais de medidas, bem como a conversão de unidades estrangeiras, fazem-se de acordo com os quadros que se seguem.

Continua

A Diretoria de "A Defesa Nacional" faz sentir aos seus colaboradores que, ao findar os artigos em partes que vem publicando, sómente permitirá a publicidade de colaborações completas, por maior que elas sejam.



Floriano – o elemento consolidador da República Brasileira, uma das maiores glórias do Exército que engrandeceu com suas atitudes desassombradas.

LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

Biografias do Barão do Rio Branco

Pelo Capitão UMBERTO PEREGRINO

I

RAUL DO RIO BRANCO — *Reminiscencias do Barão do Rio Branco* — Liv. José Olimpio — 1942.

DE PARANHOS ANTUNES — *História do Grande Chanceler (vida e obra do Barão do Rio Branco)* — Biblioteca Militar — 1942.

CEL. F. DE PAULA CIDADE E TEN.-CEL. JONAS CORREIA — *Barão do Rio Branco* — Ed. do D.I.P. — 1941.

Recorda-se quasi sempre a vida dos nossos grandes homens dentro de um intransigente convencionalismo. Datas, feitos, frases — eis tudo. Daí uma galeria de mumias, figuras artificiais, sem expressão humana, desligadas do ambiente em que viveram, e não é possível compreendê-las nem amá-las.

Só se vai à alma com a alma. As figuras sem humanidade, sejam reais e imaginarias, não têm sentido. Olham-se como quem olha um cromo de folhinha, distribuido pelo homem da padaria. E as biografias entre nós são quasi sempre lindos cromos... Que brilho, que cores caprichadas! O rosado do rosto tem uma frescura eterna — nunca o herói interrompeu a saúde, nunca as emoções avivaram ou desmaiaram aquele tom... O olhar é o mesmo, tranquilo ou energico, vago ou dominador — nunca o herói o toldou, nunca se refletiu nele inquietação, angustia, dúvida... Os cabelos fazem gosto, impecaveis — nunca o herói enfiou os dedos por eles num gesto de desespero, nunca fálhou de discipliná-los todo dia de manhã cedo... A boca trás uma expressão de rigoroso equilibrio — nunca o herói riu amargo, riu nervoso, nem muito menos riu uma boa gargalhada, como qualquer mortal. Nas roupas, nos gestos, nas idéias, em tudo, sempre o mesmo arranjo meticuloso. Lindos cromos!

E, como assinalou Gastão Cruls, "ai do escritor que se arriscasse a surpreender qualquer herói indigena de trajes mais à frescata ou postura menos consentânea com as chamadas normas da boa educação". Os grandes homens nacionais só podem aparecer à posteridade como se mostravam às visitas — metidos na roupa da missa, engomados, duros, solenes. Por isso mesmo não dizem, em geral, mais à nossa sensibilidade do que os seus bronzes de meio de praça. São figuras polidas, envernizadas, quasi bonecos, destituídas, pois, de qualquer interesse humano.

E' raro um Pedro I, cuja cronica corre livre em toda a sua estravagância, pitoresco ou nobresa, o que só tem feito, de resto, acentuar-lhe o sabor histórico.

O quadro se estreita mais e as reacções tornam-se extremamente violentas se se intenta, por ventura, discutir um herói ainda quente do contacto com este mundo, prolongado em filhos, ou cultuado por discípulos, por amigos.

Ora, os grandes homens são patrimonio das suas patrias, quando não o são da humanidade, e assim estão sujeitos a analyse, a crítica, a comparação — elementos de que é feito o julgamento histórico. Não deve prevalecer, pois, nenhuma consideração pessoal nos estudos dessa ordem, sob pena de deixarem de ser estudos, resvalando à categoria de simples cronica biográfica.

De outra parte a biografia de um homem notavel tem de situar-se no quadro em que ele atuou. Tomando o biographado isoladamente ter-se-á apenas uma pose, um retrato desses tirados em estúdio tendo por fundo uma parede ou uma cortina que depois, na impressão, aparecerá neutra, uma simples sombra. E' verdade que muitos fotografos caprichosos dispõem, para desenrolar atrás do cliente, de ricas paisagens — mar, montanhas, rios, campinas. Há também os que possuem roupas a carater, de sorte que são restaurados ou manipulados de subito garbosos almirantes, faiscantes embaixadores, suntuosas damas antigas, o que seja preciso, podem crer.

Pois bem, numerosas são as biografias assim. E certamente as do segundo tipo serão as menos estimaveis, porque pretenciosas e falsas.

Os grandes modelos da moderna literatura biográfica — Disraeli, Lyautey, Lincoln, Bismarck, Napoleão, Fouché, Erasmo, Facundo — fixam épocas, reconstituem ambientes, estudam transformações sociais e políticas, de sorte que os heróis não apenas são noticiados, mas verdadeiramente revivem.

Entre nós o Sr. Eloi Pontes está realizando uma notavel obra nesses moldes, representada pelos seus estudos sobre Raul Pompeia, Euclides da Cunha e Machado de Assis, os quais nos transportam fielmente ao tempo e ao espaço em que eles tiveram existência.

Ora, seguramente Rio Branco não recebeu ainda o tratamento biográfico que lhe compete por força do seu extraordinário valor pessoal.

e da sua gigantesca projeção na vida brasileira. Tem tido, isto sim, numerosos biografos, que pouco se acrescentam uns aos outros, confidados que ficam ao relato das etapas da vida do grande Chanceler e à exaltação dos seus feitos. Obras de apologia, com valiosa aplicação educativa, que tem apreciável mérito quando não pretendem ser mais do que isso, e que revelam na assiduidade e no fervor com que são trabalhadas o soberano lugar de Rio Branco na admiração nacional.

Mas onde a verdadeira biografia de José Maria da Silva Paranhos? Onde as investigações que surpreendam no menino, no estudante de direito, no professor de história e geografia, no político, no jornalista, a vocação de diplomata? Onde a sondagem que estabeleça as exatas influências do Visconde sobre o Barão! Onde um roteiro sobre a formação intelectual de Rio Branco, cujos conhecimentos aprofundados de geografia histórica e história colonial foram a base das suas conquistas diplomáticas? Onde um apanhado das imensas repercussões da obra de Rio Branco no plano continental? Onde, sequer, a fixação dos reflexos da sua obra no nosso equilíbrio interno, tão periclitante na transição republicana?

A personalidade de Rio Branco não foi, certamente, multiforme. Pelo contrário, na plenitude o Barão concentrou-se exclusivamente nas atividades do Itamarati, onde até vivia, como se sabe, encerrado entre montões de livros e documentos, num aposento cujo banheiro era o único artigo de luxo. Contudo, há certas faces e certas atitudes do segundo Rio Branco que reclamam uma discussão esclarecedora, sem que isso possa constituir, de forma alguma, rebaixamento na gloria e no mérito do grande brasileiro. Da sua obra, por outro lado, de natureza tão ampla, de sentido político tão profundo, de resultados práticos tão positivos, decorrem mil aspectos a serem convenientemente estudados.

As rumorosas "Memorias" de Oliveira Lima, publicadas há cinco anos atrás, lançaram, por exemplo, algumas interrogações em torno de Rio Branco. Será, por vezes, exagerado o calor com que são referidos episódios e tecidos alguns comentários, o que se explica pelo atrito, pelo roçar e até pelo abalroar de outras vidas com a do memorialista. Não fosse ele tão humano como os que humaniza cantando coisas! Sente-se, porém, que denuncia muita verdade e se com alguns se torna aspero e agressivo, o leitor nem liga, porque as vitimas são pessoas perfeitamente isentas da nossa admiração ou figuras discutidas que o tempo vem se encarregando de situar justamente no sentido das observações de Oliveira Lima. E fazem prova em abono da intenção honesta dessas "Memorias", a simpatia com que são tratados, entre outros, Deodoro, Floriano, José Verissimo, Jaceguai, Machado de Assis, Carlos Laet, Euclides da Cunha. De outra parte faz restrições a nomes estrangeiros com quem não tinha nada a ver, como Roosevelt (Teodoro), Wilson, e a amigos pessoais (Teófilo Braga, Eduardo Prado), o que pode não ser muito delicado, mas atesta sinceridade.

Quanto a Rio Branco o depoimento de Oliveira Lima trai, à primeira vista, algum despeito e vasta ciumada. Aliás, segundo todos os sinais, a ciumada era recíproca, e isto vem consignado até em trabalhos cem por cento apologéticos, como o do Capitão De Paranhos Antunes, que assim se expressa: "parece que ambos se detestam e têm ciúme um do outro, sendo mais acentuado o de Oliveira Lima, pelas vitórias do rival". (1) De qualquer modo, porém, há umas questões que foram lançadas ou ao menos renovadas pelo historiador de "D. João VI no Brasil", e que não podem ser resolvidas por eliminação, mas por discussão. Importa apurar, por exemplo, a conduta de Rio Branco para com o Gen. Dionísio Cerqueira, na questão das Missões. O consagrado autor das "Reminiscências da Guerra do Paraguai" era o segundo plenipotenciário na comissão chefiada pelo barão de Aguiar d'Andrade, falecido subitamente em Washington, do que resultou a nomeação de José Maria da Silva Paranhos, nosso consul em Liverpool. Dionísio Cerqueira "conhecia in loco o território em litígio, fora na Constituinte o proficiente relator do parecer contrário a adoção do tratado de partilha negociado por Enrique Moreno e firmado em Montevideo por Quintino Bocaiuva e Estanislão Zeballos, e foi afinal quem no Ministério d'Estado em Madrid descobriu o documento conclusivo em nosso favor, a saber, o chamado mapa das Cortes". (Memórias, O. Lima, p. 184). Pois bem, não obstante tudo isso, foi vedado a Dionísio Cerqueira firmar também a memória submetida ao Presidente Cleveland, a qual levou unicamente a assinatura de Rio Branco.

Outra questão evitada pelos biografos do segundo Rio Branco é a de que este, em algumas ocasiões, teria promovido certa encenação para valorizar seu trabalho. Afirma-o Oliveira Lima com elementos muito positivos. Segundo refere, poucos dias antes de ser proferido o laudo de 1.º de dezembro de 1900 (caso do Amapá) Rio Branco escrevera-lhe para Londres, onde dirigia a legação, recomendando que "telegrafasse em seu nome ao nosso governo que receiava muito que o arbitro dividisse o território ao meio". Ora, Raul do Rio Branco nas suas "Reminiscências" não faz a menor alusão a tais riscos quando relata minuciosamente toda a evolução dessa arbitragem. Pelo contrário, suas impressões só transparecem segurança. "Trabalhou meu

(1) Não atino é com o significado do complemento que o autor da "História do Grande Chanceler" dá a essa observação. Diz ele que "quem quiser certificar-se disso", isto é, de que Oliveira Lima "nunca apreciou bastante o barão", e que "ambos se detestam e têm ciúmes um do outro", "leia as barretadas que Lima lança a Rio Branco, em seu livro póstumo *Memórias*". (p. 79) Barretadas? Mas barretadas são coisas ausentes no memorialista em relação a Rio Branco, e, ainda que existissem, não serviriam, seguramente, para certificar alguém da desestima e da ciumada entre eles.

pai — diz Raul do Rio Branco — com sua influência depois do artritamento de Washington para que, na questão de nossos limites com a Guiana Francesa, o árbitro fosse o Conselho Federal Suíço. E as razões para isso eram “a excelente opinião que tinha das qualidades de independência de julgamento, da serenidade de trabalho e do caráter honesto e consciencioso dessa simpatia e modesta nação da Europa Central”. (*Reminiscências*, p. 134).

Seis meses residiu Rio Branco em Berna antes do julgamento e foram as melhores as relações que fez, mesmo porque tinha isso como importantíssimo para a “boa execução de sua missão”. (*Ob. cit.* p. 139) “E” preciso — pregava o Barão aos seus auxiliares — atrair aos poucos, senão simultaneamente, a opinião das classes sociais de Berna, mundo federal, professorado, meio diplomático, povo, afim de que a vitória do Brasil seja desejada por todos”. (p. 149) E conseguiu-o, conforme se vê claramente pelos termos dos cumprimentos do senhor Graffina, emissário do Conselho Federal: “Desempenhada a missão que me deu o Governo Federal, permita-me V. Excia. exprimir, a título pessoal, a viva alegria que sinto, como todos os que em Berna tiveram a honra de conhecê-lo, pela bela vitória que acaba de realizar seu labor incansável, sua bela inteligência e seu patriotismo”. (p. 156) E quanto ao preparo das nossas razões, não tinha faltado a Rio Branco sequer a famosa memória manuscrita sobre o verdadeiro curso do Oiapoque, desencavada dos arquivos de Simancas, sob as indicações do Barão, pelo seu “precioso” auxiliar o cubano Suarez, “verdadeiro rato de biblioteca”, como assinala o autor das “*Reminiscências*”. Confirmando tudo há a declaração de Forrer, Presidente da Confederação Helvética, que depois do laudo escrevia ao nosso antigo e prestigioso ministro em Berna, Araújo Beltrão, dizendo que “Monsieur de Rio Branco avait eu la victoire facile”.

Por que, pois, a inquietação de Rio Branco a ponto de recomendar um telegrama preparatório para um mau desfecho?

Também é singular o fato de que Rio Branco, considerando que “o nosso direito não era tão fácil de provar nesse caso (da Guiana inglesa) quanto nos casos das Missões e do Amapá” (*O. Lima, Memórias*, p. 181), tivesse passado a Nabuco (Rio Branco estava incumbido da defesa do Brasil nas duas questões — do Amapá e dos limites com a Guiana Britânica) justamente a causa mais difícil, e que viríamos a perder sob o veridictum de Roma.

Tais fatos existem, seguramente, mas são silenciados pelos biografados do “Grande Chanceler”, o que, a meu sentir, constitui um grave erro. Cumpria-lhes enfrentar todas as possíveis questões em torno de Rio Branco, reduzindo-as às suas verdadeiras proporções, contestando o que fosse contestável e reconhecendo aquilo que se positivasse, ainda que contra o biografado, porque o verdadeiro estudo não esbarra nas conveniências, nem os grandes homens são isentos de erros e fraquezas.

Os três volumes que ora apreciamos não fogem a essa regra, conforme se há de ver na continuação desta crônica.

LIVROS RECEBIDOS:

- Cap. Moacir Faião de Abreu Gomes — O Livro da Juventude —
 — Manual de instrução pré-militar — Ed. Helio Valverde — 1942.
 Glovis de Gusmão — Rondon — Liv. José Olimpio — 1942.
 Abgar Renault — A Lua Cescente de Rabindramath Tagore — Liv.
 José Olimpio — 1942.

NAÇÃO ARMADA

A nossa colega "Nação Armada" comemora, hoje, mais um ano de existência.

"A Defesa Nacional" deseja a sua irmã de lides e ideais os maiores êxitos na nova etapa de sua vida que se inicia.

Ao seu Diretor Ten.-Cel. Afonso de Carvalho os dirigentes de "A Defesa" cumprimentam efusivamente.

INSTITUTO VITAL BRASIL

AV. SETE DE SETEMBRO, N.º 314-C. Postal 28-NITERÓI, E. do Rio

No combate das doenças de vossos animais, empregal Produtos de reconhecida eficiência.—SOROS CONTRA Peste Suína (Batedeira) Carbúnculos Hemático e Sintomático, Adenite Equina (Carrotinho), Febre Aftosa, Cynomose ("Esgana", "Dystemper"), Pasteurelose, etc. — VACINAS Cólera das Aves, Variola das Aves, Febre aftosa, Carbúnculos Hemático e Sintomático.

Agências em todos os Estados — RIO-Rua do Carmo, 66 — SÃO PAULO-Xavier Toledo, 144—BÉLO HORIZONTE-Avenida Afonso Pena N. 1500

Solicite O "INDICADOR VETERINARIO" N. 5 de 1942

Artigos americanos para Papelaria e Escritório
 de Eberhard Faber Pencil Co., Esterbrook Pen Co., Bates Mfg. Co.,
 Automatic Pencil Sharpner Co., S. S. Stafford, Frank A. Weeks Mfg. Co.

REPRESENTANTES:

ROGERIO GUERRA & CIA. LTDA.

Rua Teófilo Otoni, 64 - Tel. 23-2804 - Rio de Janeiro

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

DAQUÍ E DALÍ...

UMA ADEVERTÊNCIA DO PROFESSOR WALDEMIRO POTSCHE NO COLÉGIO PEDRO II

Senhores alunos.

Durante a semana da Pátria era meu dever dizer-vos, como professor, uma palavra concernente às nossas obrigações cívicas para com o País que estremece-mos e queremos ver entre as maiores potências do mundo.

Não se me deparou a oportunidade para falar-vos, mas não me senti des-obrigado do dever que me impunha a consciência de brasileiro.

Obedeço a um imperativo categórico, aos ditames do meu patriotismo, pronunciando, nesta primeira aula após os festejos da Semana da Pátria, algumas palavras fora do âmbito da nossa disciplina sobre o momento mais grave que atravessamos, desde a fundação da nossa nacionalidade.

Breves, sem louçanias que não procuro, serão as palavras que promanam do coração sempre voltado para a grandeza da Pátria, acompanhando-a com emoção e júbilo nos seus dias de glória, chorando com a Pátria horas de sombrias apreensões, de dor e de luta.

Vimos, senhores alunos, de comemorar a Semana da Pátria com os cantos cívicos, com os hinos patrióticos, como temos realizado no decurso de mais de um século da nossa existência de nação livre e soberana.

Este ano, porém, aos cantos de glorificação da grandeza nacional, uniram-se os cantos de guerra, guerra que o Brasil não provocou e que o Brasil saberá arrostar desassombradamente para desagrar a sua bandeira, para vingar os filhos mortos, os nossos irmãos, sepultados para sempre no fundo das águas que banham a terra brasileira!

Já se amorteceram no espaço e já não se ouvem os hinos de pura exaltação cívica em homenagem à Pátria grandiosa, celebrando o seu vertiginoso progresso, cantando o seu admirável desenvolvimento econômico, glorificando a sua existência laboriosa e pacífica, a sua grandeza material e moral!

Mas em todos os quadrantes do território nacional, em todas as cidades e povoações, nos campos, nos vales, nos montes, e no fundo do coração de cada brasileiro e de cada brasileira, vibra e ressoa o grito de guerra para a desfron-ta da nossa soberania, para a virgança dos que foram sacrificados traiçoeiramente pelas nações que se fizeram inimigas do nosso país!

Não tardará, senhores, que a Pátria decrete a mobilização geral de todas as nossas energias para a sua defesa; vai soar a hora solene em que seremos chamados às armas para que combatamos pela nossa liberdade, pelas nossas tradições, pela nossa religião, pelos nossos lares, pelo que mais estremece-mos e amamos no mundo — o sagrado patrimônio que herdamos dos nossos maiores e havemos de transmitir intangível às gerações futuras!

Como um só homem, todos os brasileiros se levantarão ao apelo da Pátria, todos se levantarão para os dias de glória que serão os dias de guerra!

Toldem-se os céus do Brasil, ensombrem-se os horizontes da Pátria, desçam sobre nós as noites tormentosas e longas, estale e crepite, atroe e retumbe o vendaval da guerra com os seus quadros dantescos de horrores sem par!

Não se intimida diante das ameaças, não desfalece ante os maiores e mais penosos sacrifícios que se lhe impõem, não se amedronta, não se apavora a alma brasileira!

Correrão, com honra e glória para o Brasil, os dias incertos da rude peleja que devemos afrontar e vencer, como defrontaram e venceram outrora os nossos antepassados conduzidos no fragor das batalhas pela bravura legendária de Caxias, pela coragem indômita de Osório, pela intrepidez de Barroso, pelo denodo de Tamandaré e outras figuras imortais da nossa história!

Passarão, senhores, as noites de árduas, de cruciantes provações que acrisolam e enrijecem a alma da Pátria; passarão as noites cheias de angústia, mas iluminadas pelo clarão dos feitos épicos das armas nacionais!

Passarão, sem dúvida, os dias e as noites de vigília, de sobressaltos, que tivermos de viver, passarão os dias e as noites de sacrifício contínuos e heroicos no altar da Pátria, os dias e as noites das oferendas do que mais fundo fala à alma humana — o holocausto da vida dos entes que idolatramos!

A aurora da paz, com a vitória do Brasil, há de surgir no céu da Pátria que o Cruzeiro do Sul ilumina e abençoa com os braços abertos voltados para o nosso imenso território!

Desagravada a honra nacional, vingados os nossos irmãos, ensarilhadas as armas triunfantes das Nações Unidas, restaurada a liberdade dos povos oprimidos, o Brasil, sereno e tranquilo, retomará com redobrado esforço o labor pacífico e fecundo em pród do seu maior engrandecimento, prosseguindo na realização dos altos e gloriosos destinos reservados no mundo ao nosso país!

Mocidade que me ouvís, e eu vejo em vós representada toda a mocidade da minha Pátria, não tendes ainda, a despeito do frêmito dos vossos corações, não obstante a revolta das vossas almas patrióticas, não tendes ainda, por causa da vossa juventude, o privilégio de regar a terra brasileira com o vosso sangue na guerra pela sua defesa.

Sois o luminoso e flórido vergel das esperanças do Brasil, sois a promissora reserva do porvir, sois as novas energias que despontam, com as quais contará o país em pród do seu grandioso e deslumbrante futuro!

Haveis de um dia substituir no serviço da Pátria os que tomaram nos campos de batalha pela defesa, pela honra, pela glória do Brasil!

Aparelhai-vos, pois, preparai-vos fervorosamente, patrioticamente, no corpo e na alma, cumpri o vosso dever de estudantes, para que com a vossa inteligência, com a vossa cultura, com o vosso caráter, com os vossos altos predicados morais, com as vossas inquebrantáveis energias, possais trabalhar pela grandeza da Pátria na realização das suas nobres aspirações, na efetivação dos seus portentosos destinos! Cumpri o vosso dever, atendei aos reclamos da vossa consciência patriótica, estudei com o máximo do que vos permitem as vossas forças e a vossa idade, e o Brasil, assim, caminhará triunfante, sob a admiração e o repeito do Universo, e colocado sempre na dianteira das melhores e mais poderosas potências do mundo!

TÁTICA DE GUERRILHA NA DEFESA SOVIÉTICA

Trad. "The New Republic". July — 21-941, por Cel. X.

Há poucos dias passados, José Stalin pediu aos habitantes das zonas de guerra que adotassem todos os meios possíveis para a defesa do solo soviético contra os invasores nazistas.

Ele apelou aos soviéticos alguma coisa parecida com a da política de terra arrasada usada pelos chineses na sua retirada das bases ricas das províncias de Leste. Presentemente tropas irregulares embaraçam ativamente os flancos e as retaguardas das rápidas colunas nazistas. E informações dos correspondentes de guerra alemães indicam que os civis soviéticos têm obtido algum êxito no retardamento da invasão moto-mecanizada.

Para alguns observadores o discurso de Stalin deixa transparecer algum ceticismo quanto à eficiência do Exército Vermelho e, contrariamente, inspira confiança na firmeza da resistencia do povo soviético.

Alguns dos nossos militares estão francamente desdenhosos sobre o concurso das guerrilhas assim tão cedo na campanha. Eles argumentam que isso é desprezível para conter a tremenda máquina de Hitler. Eles dizem que as condições na China não são semelhantes às da U.R.S.S., e as condições são diferentes perfeitamente.

As diferenças de guerra entre a china e a U.R.S.S. são naturalmente óbvias, mas há também semelhanças importantes que favorecem à guerrilha. A U.R.S.S. e a China são países vastamente povoados; ricos, mas de recursos desigualmente desenvolvidos, possuem numerosos territórios e rios que dividem ou ligam grandes "hinterlands" e centros populares, colocados entre modernos meios de transporte e sistemas de comunicações os quais são inacessíveis às forças moto-mecanizadas.

Com todos estes dados, exceto o número de habitantes, a U.R.S.S. está em melhores circunstâncias do que a China, e, nos termos da moral política, a U.R.S.S. é incontestavelmente mais forte.

Muitas vezes supõe-se que os métodos da guerra moderna não deixa lugar para a guerrilha, mas experiencias recentes têm demonstrado que isso não é assim.

Quando, na primeira guerra mundial, o poder de choque e de manobra ficavam completamente subordinados ao poder de fogo, o aparecimento de tropas irregulares seria uma anomalia, exceto nas regiões da Arábia e África. Mas agora ela nasceu com a guerra de movimento.

Mais do que nunca, a guerrilha volta melhor armada: metralhadoras, fuzil automático e metralhadora portátil, mas acima de tudo com poderosos métodos políticos e de nova organização habilitando-se a reunir toda a população para apoiá-la. Mesmo num país semelhante à Espanha, sem vasto "hinterland", a tática de guerrilha prova ser útil, quando reforçada por intentos revolucionários. Mas é em espaçosos vales, montanhas, florestas e milhões de habitantes da U.R.S.S. e da China que os guerrilheiros encontram o seu meio ideal. Na Ucrania, Cáucaso, terras soviéticas, nos estados Bálticos, na Polonia e na Rumania os camponeses comunistas provavelmente se mostrarão tão uteis ao Exército Vermelho quanto o foram nos dias da guerra civil.

O exército nazista só pode ser destruído por um muito mais forte e eficiente do que ele e que esteja apoiado num mais alto desenvolvimento industrial; antes, de forma alguma, ele poderá ser batido, e para isso é preciso que haja tempo, o que é tarefa de um ou mais países.

O tempo é o maior perigo no plano nazista de conquista total ou parcial. Com perfeita regulação nenhum sonho é muito fantástico para ser realizado; sem aquilo, o mais cuidadoso plano nazista ou a mais habil improvisação poderão cair por terra. E neste sentido, a resistencia poderá ser decisiva, e as guerrilhas poderão imediatamente aumentar as dificuldades de Hitler.

Toda campanha militar é composta de três fases:

1.^a) Penetração nas linhas principais de defesa do inimigo e captura de suas bases;

2.^a) Destruição das forças principais inimigas e consolidação militar; e

3.^a) Pacificação das áreas ocupadas, o que implica no esmagamento dos desejos de resistir. A guerrilha esforça-se especialmente, para tornar mais difícil ou

impossível o inimigo explorar os recursos conquistados e a força produtora; para alimentar o desejo local de resistir ao inimigo e frustrar-lhe as tentativas de levar ao "hinterland" uma liquidação rápida.

Que os soviéticos experimentarão cumprir aquelas tarefas, pela atividade civil, é indicada não somente pelas condições já mencionadas, mas também pela histórica experiência e por certos fatores sociais e econômicos que favorecem os métodos de guerrilha.

Estes parecem-me que são os seguintes:

1.º Os vermelhos são o primeiro povo a entrar em conflito com os nazistas que compreende tão bem de política como dos termos de guerra. Ainda eles estudaram e assimilaram a relação de todo o indivíduo para com a tarefa da defesa nacional, e em todos os lugares assinalam as obrigações de luta das populações ativas.

2.º O exército soviético tem dez milhões de reservas treinadas. Além disso, existem dez milhões de veteranos da guerra mundial e da guerra civil. Conjuntamente cinquenta milhões de indivíduos na U.R.S.S. conhecem o manejo do tiro. Por vinte anos os comunistas prepararam o povo, física e psicologicamente para este momento como a suprema prova do Socialismo.

3.º Os soviéticos e as coletivizações são os melhores instrumentos com os quais se comporta a resistência contra o invasor, quer para uma luta de longa duração, quer para apoiar as guerrilhas. O inimigo não pode paralisar a máquina de produção que ele precisa; substituí-las com o seu próprio povo é um trabalho hesitante e escoa as suas reservas humanas.

4.º Por causa de todas essas preparações, experiências e conhecimentos é possível que o nazismo não encontre na U.R.S.S. alguma classe de aliado ou quinta-coluna em qualquer posição estratégica de valor para eles.

Os traidores da U.R.S.S. foram eliminados antecipadamente. A perda das aptidões técnicas envolvia nas depurações certamente não será uma vantagem tão séria à defesa da U.R.S.S., como a ausência da quinta-coluna seria na pacificação e consolidação dos problemas de Hitler.

5.º Embora a U.R.S.S. tenha importantes centros industriais nas repúblicas soviéticas do Oeste, a produção do reaprovisionamento militar pode ser sustentada pelas recentes fábricas e mais atrás os Urais — particularmente a Sverdlovsk e Chelyabinsk — ou por outros centros industriais mais para oeste.

6.º Provavelmente os soviéticos planejaram operações de guerrilhas completamente integradas com o plano de defesa do Exército principal. Aparentemente uma intenção estratégica da ocupação dos pequenos estados Bálticos de constituir um para-choque com o qual pudesse não somente absorver o choque do ataque de surpresa nazista, mas também construir numerosas e cuidadosas pequenas bases das quais os guerrilheiros agora emergem para atacar a infantaria motorizada e infantem atrás unidades mecanizadas que avançaram a fundo. Não somente esconderam ninhos de metralhadoras; e, excursões de cavalaria e de infantaria estão participando nas sortidas de flanco, ainda tanks pequenos e velozes foram usados pela primeira vez na guerrilha.

7.º Os soviéticos gozaram desde o início de melhores condições de vantagem de combate do que os chineses, porque o Governo e Exército Vermelho lhes estenderam aprovisionamento, apoio político e autoridade para conduzir a resistência das massas entre os milhões. Na China muitos combates de guerrilhas são afetos ao Exército Vermelho chinês, o qual meses a fio não recebeu pagamento e reaprovisionamento do não vermelho governo de Chung-King.

O primeiro ato de luta prolongada visada por Stalin, já está sendo agora executado na zona de guerra, onde toda a construção, estabelecimento e material que o inimigo possa converter em uso militar de importância, são destruídos.

Doravante, a contribuição das guerrilhas, sem dúvida, entrará em continuas demolições e trabalhos de sabotagem, e intensificação das atividades já começadas: a criação de salintes no flanco e na retaguarda inimiga, a destruição de estradas e pontes sobre as quais os reaprovisionamentos circulam para as divisões motorizadas a muitos quilômetros a dentro da U.R.S.S., reaprovisionamentos dependentes sempre das bases na Alemanha. E' bem possível se Hitler chegar aos campos de trigo e de cevada da Ucrânia antes do tempo da colheita, que os guerrilheiros destruam-nas.

Sem dúvida o Exército soviético dinamitará os poços de petróleo antes de abandoná-los; o carvão, ferro, manganês e outras minas valiosas serão inexploradas ou em muito baixa escala de produção, pelos alemães por um considerável período.

Não há dúvida que a U.R.S.S. estará preparada para inutilizar os arsenais de Sebastopol, Leningrado, e destruir a base naval de Kronstadt, se os soviéticos forem forçados a abandonar essas posições estratégicas.

Muitas fábricas poderão ser sacrificadas, também, e, aí não há direitos de propriedade privada que interferir nas medidas necessárias à defesa nacional.

Em tais tarefas as guerrilhas jogarão um papel importante — do mesmo modo em abortar algum movimento de "independência" nas províncias que ficam na retaguarda dos nazis.

Alem do escopo desse artigo, mais claramente de atenção é a sabotagem que será esperada que ocorra por toda a Europa com o decorrer do tempo. A resistência soviética obriga a esperar a esperança do êxito e da libertação política e econômica aos povos subjugados e, finalmente, um movimento insurrecional na retaguarda inimiga torna-se possível.

Cedo as guerrilhas soviéticas poderão se juntar aos bandos de guerrilheiros em todo o continente subjugado pelos nazis.

Mesmo na China onde as melhores condições de luta de guerrilhas e de camponeses não atingiram às da U.R.S.S., o Japão é obrigado a destacar mais de um milhão de homens para subjugar as cidades, rios, estradas de ferro e de rodagem que suas moto-mecarizadas divisões conquistaram com certa facilidade anos atrás.

As ofensivas e mais ofensivas caíram no vazio em quererem destruir o 8.º Exército Chinês, o qual atualmente aumentou em número e potencia de fogo. Por vezes mais da metade de todo o exército japonês de ocupação tem sido deslocado seja para guardar pontos, patrulhar linhas contra as surpresas dos ataques de guerrilhas, seja ainda contra os guerrilheiros.

Com tal pobreza de material, o regime de guerrilhas no Norte da China pode prejudicar a política de decisão do Japão, a sua colheita de algodão, a sua produção de tabaco e trigo e à sua exploração de recursos em porções desprezíveis, de carvão e de ferro, e, dilacerar a retaguarda japonesa tão severamente, que esse não se sentirá suficientemente seguro para perseguir e destruir o Exército principal de Chiang-Kai-shek no longínquo Oeste.

Os alemães poderão conquistar da U.R.S.S. tanto quanto o japonês tomou da China; ainda assim falta destruir a resistência soviética ou obter uma decisão política e assim depois, um ano ou dois, a Alemanha se acha confrontada com o perigo que ela procura acima de tudo escapar: uma guerra continental em dois — ou mesmo quatro fronts — contra inimigos com supremacia tanto aérea como naval.

A GUERRA EM DUAS FRENTES

Major Xavier Leal.

A Alemanha teria sido levada à guerra em duas frentes, por erro ou por força das circunstâncias? Parece que por uma coisa e por outra.

Nós sabemos que a grande preocupação do Estado-Maior alemão, nos preparativos da guerra de 1914, era evitar, a todo preço, a luta em duas frentes. A Rússia tornara-se, desde muito tempo, a grande incógnita, o fator possível para o desequilíbrio das projetadas coligações. Aos futuros beligerantes não eram para desprezar os grandes recursos dos russos em homens e materiais. Por isso mesmo, essa grande nação centralizou, naquela época, as atividades diplomáticas da Alemanha, Inglaterra e França, das mesmas potências que, ainda em 1939, disputaram a hegemonia europeia, ou, se quisermos dizer, procuravam o tão falado quão instável equilíbrio europeu.

Nas vésperas de 1914 a diplomacia alemã falhou nos seus propósitos; pan-germanismo e pan-eslavismo continuaram antagônicos e, como resultado, o plano Schlieffer, adotado pelo Estado-Maior alemão, teve que contar com a guerra a Leste; estabeleceu, então duas ofensivas sucessivas: a ofensiva inicial, com todo o peso de formidáveis recursos acumulados, contra a França, enquanto se manteria a defensiva na frente oriental. Somente depois de decidida a luta na frente ocidental se transfeririam os recursos para a passagem à ofensiva na outra frente. As previsões alemães correram muito bem e quasi matematicamente até o Marne; aí, porém, outros fatores não previstos — resistência obstinada do inimigo, bloqueio, auxílio americano — alteraram a situação. As ofensivas sucessivas passaram, assim, a ser simultaneas, o que redundou no fracasso de ambas.

Que vimos até agora na nova guerra? Causa semelhante; ligeira variante no plano alemão. Hitler, tendo em conta os fracassos da guerra passada, evitou, a todo transe, a guerra em duas frentes; preferiu, à moda napoleônica, bater os adversários por partes, sucessivamente. Para isso, sempre que se delineava uma ameaça de simultaneidade, concertava-se com o futuro adversário um tratado de não-agressão, cuja validade deixaria de ter efeito logo que o adversário em luta fosse posto fora de ação. E, graças a essa política, conjugada ao poderio das suas forças terrestres e aéreas, obteve vitórias espetaculares e fulminantes, que deixaram os outros países entre uma atitude de perplexidade e inquietação.

Para ganhar a guerra a curto prazo, conforme estava nos seus planos, só restava à Alemanha a batalha da Grã-Bretanha, que seria conduzida por ar e por mar.

Entretanto, os ingleses procuraram contrariar os planos germânicos e criaram com esse intuito, novas frentes na Noruega, na África e nos Balcãs. Dessas novas frentes, a da Noruega não subsistiu por muito tempo, dada a desproporção de meios; a dos Balcãs cumpriu até certo ponto a sua missão, e, finalmente, a da África está desempenhando ainda a missão principal de dividir os meios alemães e a eventual de conquistar os territórios italianos nessa região.

O fator, porém, da maior importância na modificação da fisionomia da guerra foi o resultado da batalha da Grã-Bretanha. Iniciada logo após a queda da França com os bombardeios aéreos jamais vistos na História, a blitz-krieg aérea falhou, contra todas as previsões feitas.

A batalha da Grã-Bretanha passou, então, a ser o Marne da presente guerra, tendo como resultado obrigar a Alemanha a criar a nova frente, que sempre se esforçou por evitar. A invasão da Rússia foi, em parte, consequência dessa batalha.

Hitler, contudo, esperava vencer esse novo adversário, forte em homens e material, no mesmo prazo e no mesmo sistema por que venceu os demais. Daí as justificativas para tomar a iniciativa das operações nessa frente. As consequências, porém, já se estão fazendo sentir. A guerra será longa e as vantagens iniciais possivelmente não influirão no resultado final.

A ARMA MOTORIZADA — PEQUENOS PROBLEMAS*Tenente OCTAVIO ALVES VELHO.*

VIATURAS — Impossível querer adotar um tipo uniforme ou uma marca única de fabricação das viaturas. Diversidade de fins, diversidade de locais e condições de emprego, diversidade de especialização dos construtores — só podem ter como resultado diversidade de tipos e modelos.

MOTORISTAS — À semelhança do que se faz na Artilharia de Campanha em relação aos condutores, classificando-os em “condutores de tração” e “condutores de boléia”, na Motorizada surge também a imprescindível necessidade de seriá-los, conforme suas aptidões pessoais e suas condições de treinamento e emprego.

Isto será possível grupando-os em “motoristas de tração”, “motoristas de carga especial” (ex. os dos projetores de D. C. A.) e “motoristas de carga comum”; ou então, distribuindo-os em 1.^a, 2.^a e 3.^a classes.

FARDAMENTO — Além de todas as praças deverem receber a surta azul, preconizada pelas I. D. F. para só serem distribuídas aos motoristas (o que quer dizer, apenas no 2.^o período de instrução, depois de ter sido feita a classificação em categorias) seria útil modificar o fardamento v. o. de instrução.

Não vemos a razão de ser, nos corpos motorizados, dos borzeguins e perneiras de couro preto. Razões econômicas, a par das de conforto e rendimento do serviço, pedem sua substituição, quer por botas de couro flexível e cano curto, quer por perneiras de lona (como as usadas em 1928-29 pela extinta Cia. de Carros de Combate).

O próprio calção v. o. talvez pudesse ser substituído com vantagem por outra peça, mais cômoda e econômica.

Aliás, impõe-se a criação de camisas e calções v. o. de mangas e pernas curtas, atendendo-se, sobretudo, às condições climáticas normais na maior parte do país. Quanto ao atual capote, poderia ser pensada a sua substituição por um outro, capote ou casaco, impermeável.

EQUIPAMENTO — O equipamento propriamente dito requer apenas ligeiros aperfeiçoamentos, aliás extensivos a todas as armas.

Quanto ao material de acampamento urge estudar um tipo de cantil capaz de, mesmo sem chegar aos extremos de uma garrafa-térmica, conservar por um certo tempo, mais ou menos inalterada a temperatura da água.

Sendo excepcional o acampamento para a arma motorizada, como forma de estacionamento, seria preferível adotar, em vez das barracas de duas praças, exclusivamente as barracas tipo 10 praças, transportadas pelo T. E. dos corpos. E isso levando-se em conta que as unidades elementares poderão ficar grupadas sob as ordens diretas de seu responsável, sargento ou cabo, ao mesmo passo que facilitará a vida de certas unidades (como os Projetores e as Metralhadoras anti-aéreas) cujos elementos frequentemente têm de viver mais ou menos isolados durante algum tempo.

Em tal caso, desapareceria o motivo da mochila, e esta poderia ser substituída por um saco de distribuição impermeável, de tipo semelhante, ou mais aperfeiçoado até, do usado pelas armas montadas.

ARMAS AUTOMÁTICAS — Para a defesa aproximada do material e do pessoal, em certas circunstâncias particulares de combate, não bastarão as armas automáticas (metralhadoras ou canhões-metralhadoras) orgânicos das unidades. Parece-nos que seria de grande alcance dotar as unidades elementares (peça, carro, etc.) de uma ou duas a. a. de porte, do tipo da metralhadora “THOMPSON”, ou até mesmo F. M.

MANOBRAS DE FORÇA — O material motorizado comumente exige manobras de força, de maior ou menor vulto, para resolver certos incidentes ou atender a certas exigências imediatas. Não é bastante ainda o material disponível nas unidades; deveria haver um complemento, distribuído aos elementos ou então centralizados na sub-unidade, para ser distribuído sempre que se prever seu emprego.

FERRAMENTA DE SAPA E DE PARQUE — A ferramenta para trabalhos de O. T. é ainda escassa nas unidades motorizadas. A natureza, dimensões e finalidade do material demandam via de regra trabalhos acima do rendimento normal das ferramentas disponíveis. É necessário não só um reforço em ferramenta de sapa, diretamente distribuído aos elementos interessados, como ferramenta de parque para as sub-unidades.

JULGAMENTO DE SORTEADOS QUE NÃO SE APRESENTAM AOS CORPOS, DENTRO DOS PRAZOS DETERMINADOS

O JULGAMENTO DOS INSUBMISSOS NOS CORPOS DE TROPA

1.º Tenente de Cavalaria Julio Cesar de Saint Edmond.

O julgamento dos insubmissos nos Corpos de Tropa, é uma das atividades que mais atrapalham a instrução nas sub-unidades. Ora é o Capitão que precisa fazer a *defesa* de um sorteado que se sabe antecipadamente *vai ser condenado*; ora o Capitão deve fazer a *defesa* de outro sorteado que por suas condições será indubitavelmente *absolvido*; ora o Tenente é chamado para juiz ou relator num Conselho. Tudo isso redundando em perda de tempo, pois os julgamentos, apesar de todos os esforços, são morosos e para cada insubmisso é feito um processo. A instrução da Tropa é prejudicada tendo em vista que o Conselho é sempre composto de Capitães e Tenentes e justamente no 1.º Período de instrução é que são processados os insubmissos nos Corpos de Tropa, época em que o Tenente é imprescindível nas sub-unidades, além do que o Serviço de Justiça pretere todos os outros serviços e instruções.

É necessário que se leve em conta o gasto enorme em material de expediente. Normalmente se gasta mais de um caderno de papel almasso no julgamento de um sorteado insubmisso a par do tempo consumido para a realização de um julgamento e em geral há mais de uma reunião do Conselho.

Há insubmissos que antes do julgamento já têm a absolvição em seu favor, outros que têm 30 a 90 % de probabilidades de absolvição a seu favor e outros que têm mais probabilidades de condenação.

Os primeiros são os sorteados que não foram notificados; aos dois últimos casos pertencem os sorteados que foram notificados, sendo que os primeiros (que têm mais probabilidades de absolvição) poderemos chamar de insubmissos involuntários e os últimos de insubmissos voluntários.

Podemos então organizar o seguinte quadro:

I — Sorteado não notificado.

II — Sorteado notificado:

insubmissos involuntários,

insubmissos voluntários.

Podemos afirmar que o sorteado não notificado não pode ser considerado insubmisso porquanto não comete crime porisso que não deverá ter julgamento como criminoso, o mesmo não se dá, entanto, com os dois outros casos, os quais analisaremos.

Sorteado notificado — insubmisso involuntario, é aquele que impellido por poderosas e ponderosas razões se furtou ao Serviço Militar. Esses motivos vão desde o analfabetismo, ignorancia das leis, origem racial (frequentíssimos nos Estados: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) até as situações morais e materiais do individuo para com a familia e a falta de recursos e de meios (o que também é normal naqueles Estados). Estes são, portanto, os insubmissos que têm atenuantes em flagrante desproporção com as agravantes que são mínimas ou até nulas.

Sorteado notificado — insubmisso voluntario, é o que teve intenção de se furtar ao Serviço Militar por resolução propria sem influencia de nenhuma das atenuantes do caso acima. Esse é o que tem mais agravantes que atenuantes em contraste, ainda, com o caso já citado.

Temos, pois, três casos típicos de sorteados que deixam de se apresentar ao Corpo dentro do prazo marcado para isso. Cada um deles poderá apresentar muitos casos. Já que podemos grupar inicialmente em três categorias seria cômodo, econômico (sobretudo), lógico, racional e simples que também o julgamento fosse realizado baseado nessas três categorias.

Assim a Casa das Ordens procederia à seleção dos sorteados dentro do principio de não notificado e notificado.

Os não notificados seriam julgados, todos, no mesmo dia e pelo mesmo Conselho que após desclassificá-los do crime de insubmissão faria uma só ata de absolvição de todos.

Os notificados teriam então que ser divididos em involuntarios e voluntarios. Paa isso um Conselho seria organizado para julgar as razões de defesa apresentadas pelos Comandantes de sub-unidades, os quais, previamente, teriam um prazo para apresentação das mesmas. Esse Conselho julgaria então os insubmissos involuntarios fazendo uma só ata de absolvição para os que a ela fizessem jús (julgados então no mesmo dia), e um processo para cada um dos que merecessem pena, o que então se faria, também, para os insubmissos voluntarios, para os quais ainda um outro Conselho seria organizado.

O julgamento dos insubmissos seguindo este método ou este ponto de vista, pois o que está aqui não é mais do que isso, seria mais rápido e poderia ser executado em dias pre-fixados; alem de sua simplicidade traria um gasto muito menor do material de expediente muitas vezes copioso e inutil como no processo de sorteado não notificado.

Desta maneira, acredito, o Direito não seria violado nas suas prerrogativas, a Justiça não deixaria de se fazer sentir sobre os culpados e com a vantagem de o ser em menor número de folhas de papel.

Calçado

"GUINÉ"

Marca Registrada

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Calçado "GUINÉ" o melhor para Crianças

E. de Andrade

Avenida João Ribeiro, 285

Telefone 29-1778

RIO DE JANEIRO

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Paga e recebe até às

5½ HORAS DA TARDE

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua da Alfandega, 50

Cia. Americana de Intercambio
(Brasil)

C. A. D. I. B.

Importação — Exportação — Ferro em geral

ARAME PRETO — ARAME GALVANISADO

Escritório : AV. RIO BRANCO, 311 - Salas 501/507

Fone 22-2147

Armazens : AV. RODRIGUES ALVES, 149

Fone 23-0519

RIO DE JANEIRO

ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA

De 20 de Setembro a 20 de Outubro de 1942

AERONÁUTICA (Quadro de Of. de Inf.).

— Fica criado no Corpo de Oficiais da Aeronáutica (C. O. Aer.) o Quadro de Infantaria de Guarda (Q.I.G.) destinados a agrupar os oficiais necessários ao desempenho das funções de subalternos das Companhias de Infantaria de Guarda da Aeronáutica.
(Dec.-lei n. 4.754, de 29-9 — D. O. de 1.º-10-942.)

AGREGAÇÃO DE OFICIAL (processo).

— É agregado ao quadro da Arma ou Serviço a que pertencer, o oficial que permanecer por mais de seis meses sujeito a processo no Foro Militar. Será também agregado o oficial, quando ficar exclusivamente à disposição da Justiça Civil para se ver processar.
(Dec.-lei n. 4.777, de 2 — D. O. de 5-10-942.)

ALTO COMANDO (Nomeações e exonerações).

— Por Decreto de 27-9-942, foram exonerados:

O General de Brigada Heitor Augusto Borges do cargo de Comandante da Infantaria Divisionária da 1.ª Divisão de Infantaria.

O General de Brigada Boanerges Lopes de Souza do cargo de Diretor de Infantaria.

O General de Brigada Renato Paquet do cargo de Comandante da Infantaria Divisionária da 2.ª Divisão de Infantaria.

Nomeados:

O General de Brigada Boanerges Lopes de Souza Comandante da 14.ª Divisão de Infantaria.

O General de Brigada Heitor Augusto Borges Comandante da 7.ª Divisão de Infantaria.

O General de Brigada Renato Paquet Comandante da Infantaria Divisionária da 1.ª Divisão de Infantaria.

(D. O. de 30-9-942).

— Por decreto de 9-10-942, foram nomeados:

Para exercer o cargo de Comandante da Infantaria Divisionária da 7.ª Brigada de Infantaria (I.D./7) o General de Brigada Dermeval Peixoto.

Para exercer o cargo de Comandante da Infantaria Divisionária da 14.ª Divisão de Infantaria (I.D./14), o General de Brigada Gustavo Cordeiro de Faria.

(D.O. de 12-10-942).

— Por decreto de 5-10-942, foi nomeado para o cargo de Comandante da Artilharia da 7.ª Região Militar, o General de Brigada Alvaro Fiuza de Castro.

(D.O. de 7-10-942).

ARTILHARIA DIVISIONÁRIA (Extinção).

— É extinta a Artilharia Divisionária da 7.ª Divisão de Infantaria (tipo especial, com sede em Campina Grande, revogadas as disposições em contrário.

(Dec.-lei n. 4.705, de 17 — D.O. de 17-9-942).

ASSENTOS DE NASCIMENTO (registro civil).

— O assento de nascimento das pessoas maiores de 18 e menores de 44 anos, poderá ser suprido mediante declaração do próprio interessado perante o oficial do Registro Civil do lugar de sua residência, lavrando-se termo subscrito por duas testemunhas presentes ao ato.

O assento deverá conter:

- a) o dia, mês e lugar do nascimento;
- b) o sexo;
- c) o nome e prenome da pessoa;
- d) os nomes, prenomes e naturalização dos pais, sempre que possível.

Os assentos serão lavrados em livros especiais, encadernados e numerados em suas folhas, com as dimensões mínimas da lei do registo civil, abertos, encerrados e com as folhas rubricadas pelo juiz.

Os livros serão acompanhados, para facilidade das buscas, de índices alfabéticos dos assentos, podendo estes serem substituídos por sistema de fichas. Pela falsidade das declarações constantes do assento, respondem criminalmente o egistando e as testemunhas, nos termos do Código Penal, arts. 299 e 342, perante a Justiça Militar.

Dos assentos lavrados na forma desta lei dará o oficial certidão ao interessado que a pedir.

Serão gratuitos os assentos e certidões a que se refere esta lei e servirão, exclusivamente, para fins de serviço militar e enquanto perdurar o estado de guerra a que se refere o decreto n. 10.350, de 31 de agosto do corrente ano.

Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Dec.-lei n. 4.782 de 5 — D.O. de 7-10-942).

ATOS E NOMEAÇÕES (exercício de funções).

— Os atos de nomeação, classificação, designação e transferência de oficiais importam, automaticamente, na dispensa do exercício das funções que venham exercendo.

(Aviso n. 2.457, de 21 — D.O. de 23-9-942).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA (concessão).

— A Companhia de Fuzileiros Independente do “Oiapoque” passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto número 3.521, de 9 de novembro de 1938.

Ao Sr. diretor de Fundos do Exército.

(Aviso n. 2.534, de 29-9 — D.O. de 1-10-942).

— O 4.º, 5.º, 6.º e o 7.º Grupo Movel de Artilharia de Costa e III/5.º Regimento de Artilharia da Divisão de Cavalaria passam a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— A Farmácia Central do Exército passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Avisos n. 2.502 e 2.503, de 25 — D.O. de 28-9-942).

— O 3.º Regimento de Cavalaria Transportada passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— A 5.ª Formação Sanitária Regional passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro (Avisos n. 2.441 e 2.442, de 19 — D.O. de 22-9-942).

— O Serviço de Intendência do Destacamento Misto de Fernando de Noronha passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o dis-

postó no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 2.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 2.553, de 2 — D.O. de 3-10-942).

— O III/3.º Regimento de Infantaria passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 2.561, de 3 — D.O. de 6-10-942).

BRIGADAS DE INFANTARIA (extinção).

— E' extinta a Primeira Brigada de Infantaria, com sede em Recife.

— E' extinta a Segunda Brigada de Infantaria, com sede em Natal.

— E' extinta a Terceira Brigada de Infantaria, com sede em Fortaleza.

(Dec.-leis ns. 4.702, 4.703 e 4.704, de 17 — D.O. de 19-9-942).

CAPOTE VERDE OLIVA (duração).

— E' fixado em três anos, a título de experiência, o tempo de duração do capote verde-oliva impermeabilizado, mandado adotar pelo Aviso n. 4.447, de 6 de dezembro de 1940, nas 7.ª e 8.ª Regiões Militares.

(Aviso n. 2.651, de 1.º — D.O. de 15-10-942).

CENTRO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA (alteação de Regulamento).

— Durante o estado de guerra fica sem efeito o art. 58 do Regulamento aprovado pelo decreto n. 8.887, de 2 de março de 1942.

Os alunos dos Centros ou Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva, desligados por falta de aproveitamento ou de frequência, serão incorporados aos corpos de tropa onde prestarão 12 ou 6 meses de serviço conforme tenham sido desligados do 1.º ou do 2.º ano do curso.

Os ex-alunos do 1.º ano farão, na tropa, o curso de cabo e sargento; os do 2.º o de comandante de secção ou pelotão, para a reserva.

(Dec.-lei n. 10.633, de 14 — D.O. de 16-10-942).

CERTIFICADOS DE RESERVISTAS (entrega).

— As Circunscrições de Recrutamento, por ocasião da entrega dos certificados de reservista de 3.ª categoria, devem exigir a apresentação, pelo interessado, da respectiva carteira de identidade.

(Aviso n. 2.577, de 6 — D.O. de 8-10-942).

CIRCUNSCRIÇÕES DE RECRUTAMENTO (criação).

— Por decreto n. 10.560, de 2 do corrente foi criada a 22.ª Circunscrição de Recrutamento, com sede em Caruarú, Estado de Pernambuco.

Em consequência, o Estado Maior do Exército, a 7.ª Região Militar, a Secretaria Geral do Ministério da Guerra e as Diretorias de Infantaria, Recrutamento e Intendência devem tomar, com urgência, as providências que lhes competirem para constituição, instalação e funcionamento da referida Circunscrição.

(Aviso n. 2.608, de 8 — D.O. de 10-10-942).

— Fica criada, com sede em Caruarú, Estado de Pernambuco, a 22.ª Circunscrição de Recrutamento.

(Aviso n. 10.560, de 2 — D.O. de 5-10-942).

CLAROS DE GRADUADOS (promoção).

— Para o preenchimento dos claros em graduados, decorrentes da ordem de organização de novas unidades ou da elevação ao efetivo-tipo, autorizo os comandantes de Região Militar a fazer as transferências necessárias e a promover, aos postos imediatos, os graduados e soldados que satisfaçam os requisitos regulamentares para promoção.

Os entendimentos e comunicações necessárias deverão ser feitos entre os comandos regionais e as Diretorias de Armas.

(Aviso n. 2.423, de 18 — D.O. de 21-9-942).

CLAROS DE OFICIAIS SUBALTERNOS (preenchimento).

— Para o preenchimento dos claros em oficiais subalternos nas unidades organizadas ou elevadas ao efetivo tipo e o melhor aproveitamento dos oficiais convocados da Reserva de 2.^a classe, as Diretorias de Armas e Serviços deverão fazer as transferências que se tornarem necessárias, de modo a evitar novas convocações para essas unidades, enquanto existir excesso dos referidos oficiais em outras unidades.

(Aviso n. 2.424, de 18 — D.O. de 21-9-942).

CLASSIFICAÇÃO E TRANSFERENCIA DE OFICIAIS (determinação).

— Determino às Diretorias de Armas e Serviços que, para a classificação e transferência de oficiais, seja, doravante, considerado o disposto na alínea f do art. 15 da lei de Promoções, de vez que o dispositivo retro-citado entrará em pleno vigor a partir de 1 de janeiro do ano próximo, consoante o que prescreve o art. 58 da aludida lei.

(Aviso n. 2.415, de 17 — D.O. de 19-9-942).

COMANDANTE DE QUARTEL GENERAL (criação).

— Fica criada no Quartel General da 7.^a Região Militar a função de Comandante do Quartel General, que será exercida por um oficial do posto de capitão ou primeiro tenente.

(Aviso n. 2.422, de 17 — D.O. de 19-9-942).

COMISSÃO DE ORÇAMENTO (criação).

— O ministro de Estado da Guerra resolve criar, no Ministério da Guerra, a Comissão de Orçamento, com as seguintes atribuições:

a) elaborar a proposta do Orçamento da Despesa do Ministério da Guerra (sintética) a ser enviada à Comissão de Orçamento do Ministério da Fazenda;

b) elaborar o Orçamento Analítico do Ministério para ser submetido à aprovação do Presidente da República;

c) elaborar as propostas de aberturas dos créditos adicionais que forem necessários ao Ministério;

d) organizar as tabelas de distribuição de quantitativos às unidades administrativas, depois de aprovado o orçamento;

e) preparar o expediente relativo à distribuição às unidades administrativas dos créditos adicionais concedidos ao Ministério da Guerra, inclusive o concernente ao Plano Especial de Obras Públicas e Aparelhamento da Defesa Nacional;

f) representar o Ministério da Guerra em suas relações com o da Fazenda, no que diz respeito a orçamento e créditos.

A Comissão de Orçamento, subordinada diretamente ao ministro da Guerra, será composta de três oficiais do Quadro de Intendentes do Exército, sendo um oficial superior, chefe, e dois capitães, auxiliares.

Os funcionários civis e os extranumerários que forem necessários serão fornecidos pela Secretaria Geral do Ministério da Guerra, a título provisório. A comissão terá sua vida econômica assegurada pela Secretaria Geral.

(Portaria n. 3.827, de 12 — D.O. de 13-10-942).

COMISSÕES DE REDE (consulta).

— Em solução à consulta feita pelo secretário geral do Ministério da Guerra, em ofício n. 9.674-D-2, de 10 de agosto de 1942, declaro que a graduação de sargento desenhista das Comissões de Rede, que deverá figurar nos Quadros de efetivos da Organização do Exército para 1943, e de que trata

o art. 2.º do decreto-lei n. 4.231, de 4 de maio do corrente ano, é a sargento-ajudante.

(Aviso n. 2.523, de 28 — D.O. de 30-9-942).

COMPANHIA IND. DE GUARDAS (criação).

— E' criada, para instalação desde já com sede em Caruarú, Estado de Pernambuco, a 7.ª Cia Independente de Guardas, com organização e efetivo que serão fixados, oportunamente, por ato do ministro de Estado da Guerra, revogadas as disposições em contrário.

(Dec.-lei n. 4.748, de 25 — D.O. de 28-9-942).

CONSELHO DE SEGURANÇA NACIONAL (organização).

— O "Diário Oficial" n. 233, de 7-10-942, publicou, na íntegra, o Decreto-lei n. 4.783, de 5-10-942, que dispõe sobre a Organização do Conselho de Segurança Nacional.

CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA (Alteração).

O artigo 173 da Constituição fica assim redigido:

"Art. 173. O estado de guerra motivado por conflito com país estrangeiro se declarará no decreto de mobilização. Na sua vigência, o Presidente da República tem os poderes do artigo 166 e a lei determinará os casos em que os crimes cometidos contra a estrutura das instituições, a segurança do Estado e dos cidadãos serão julgados pela Justiça Militar ou pelo Tribunal de Segurança Nacional".

(Lei Constitucional n. 7, de 30-9 — D.O. de 3-10-942).

CORPOS DE TROPA (Criação).

E' criada, para instalação desde já, na 3.ª Região Militar, a primeira Companhia Montada de Transmissão.

E' criado, para instalação desde já, na 5.ª Região Militar, o 20.º Regimento de Infantaria.

E' criado, para instalação desde já, com sede em Salvador, o 18.º Regimento de Infantaria.

E' criado, para instalação desde já, na 7.ª Região Militar, o primeiro Batalhão de Carros de Combate Leves, com organização e efetivo que serão fixados, oportunamente por ato do Ministro de Estado da Guerra.

São consideradas extintas na data do presente decreto-lei a 1.ª Companhia Independente de Carros de Combate Leves e a 2.ª Companhia Independente de Carros de Combate, devendo os efetivos e materiais ser aproveitados, por transferência, na instalação do 1.º Batalhão de Carros de Combate Leves criado por este decreto-lei, revogadas as disposições em contrário.

São criados, para instalação desde já, na 7.ª Região Militar, os 37.º e 40.º Batalhões de Caçadores.

E' criado, para instalação desde já, com sede em Fernando de Noronha, o primeiro Grupo Independente de Artilharia, com efetivo e material que serão, oportunamente, fixados por ato do Ministro de Estado da Guerra.

E' criado, para instalação desde já, com sede em Aquidauana — Estado de Mato Grosso, o 9.º Batalhão de Engenharia.

(Decreto-Lei n. 4.793 a 4.799, de 6 — D.O. de 8-10-942).

CRIMES MILITARES EM TEMPO DE GUERRA (Punição).

O Diário Oficial n. 230, de 3-10-942, publica, na íntegra, de Decreto-Lei n. 4.766, de 1-10-942, que define crimes militares e contra a segurança do Estado, e de outras providências.

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE SARGENTOS (Período letivo).

— Declaro, em face da autorização constante do disposto no art. 59 da Lei do Ensino Militar, que os Cursos de Aperfeiçoamento de Sargentos terão,

no corrente ano, o período letivo reduzido a seis meses, com os trabalhos mais intensivos, sem prejuízo para a instrução.

(Aviso n. 2.440, de 18 — D.O. de 21-9-942).

CURSOS DE EMERGENCIA DE MEDICINA MILITAR (Criação).

— São criados "Cursos de Emergência de Medicina Militar" para doutorandos em medicina, reservistas ou não, nas cidades sedes de Faculdades de Medicina oficiais ou oficializadas, organizados pela Diretoria de Saúde do Exército.

— Esses Cursos serão realizados no Rio de Janeiro e Niterói por essa Diretoria e nas demais cidades, pelas Chefias do Serviço de Saúde Regionais, por médicos militares da ativa ou da reserva e a cooperação que for julgada necessária das Faculdades de Medicina locais ou de médicos civis de notória e comprovada competência.

(Aviso n. 2.035, de 10 — D.O. de 13-10-942).

CURSO DE MEDICINA MILITAR (Inscrição).

— Nos Cursos de Emergência de Medicina Militar só poderão inscrever-se médicos civis de 35 a 55 anos de idade, limites esses referidos à data da conclusão do curso.

Esses cursos poderão ser organizados e instalados independentemente dos estágios previstos no art. 2.º, letra c, do decreto-lei número 4.271, de 17 de abril de 1942 e Aviso número 2.323, do corrente mês e ano.

(Aviso n. 2.465, de 22 — D.O. de 24-9-942).

CURSO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA (Criação, etc.).

— Fica criado em Ouro Preto, anexo ao 10.º B. C., um Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva para o curso de engenharia.

Será instrutor-chefe um capitão de engenharia, o qual disporá de três sargentos monitores, da arma.

O 10.º terá 2 subalternos à disposição do Núcleo para a instrução comum; instrução física, armamento, tiro, ordem unida, manabilidade.

O efetivo de alunos será de 100.

Só poderão concorrer à matrícula engenheiros diplomados ou alunos de engenharia da Escola de Engenharia de Ouro Preto.

(Aviso n. 2.586, de 6 — D.O. de 10-10-942).

— Aos alunos das Escolas de Medicina e aos diplomados em medicina, já reservistas, fica vedada a inscrição à matrícula nos C. P. O. R. ou N. P. O. R.

Estes reservistas devem candidatar-se oportunamente ao estágio para oficiais médicos da reserva.

(Aviso n. 2.526, de 28 — D.O. de 30-9-942).

— São fixados os seguintes efetivos para os Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva:

3.º R.I., Niterói, 500; 1/9.º R.I., Rio Grande, 150; 9.º R.I., Pelotas, 200; 7.º R.I., Santa Maria, 150; 5.º R.A.M., Santa Maria, 50; 3.º B.C., Vitória, 50; 1.º Btl. Pntr., Itajubá, 20; 12.º R.I., Juiz de Fora, 150; IV/4.º R.C.D., Juiz de Fora, 50; 14.º B.C., Florianópolis, 50; 28.º B.C., Aracajú, 50; 20.º B.C., Maceió, 100; 29.º B.C., Natal, 50; 23.º B.C., Fortaleza, 200; 25.º B.C., Teresina, 50; 24.º B.C., São Luiz, 50; 27.º B.C., Manaus, 100; 16.º B.C., Cujabá, 50; 15.º R.I., João Pessoa, 50.

Os Centros de Preparação de Oficiais da Reserva terão os efetivos constantes do anexo ao Regulamento dos C.P.O.R.

Os reservistas convocados diplomados por Escola de ensino superior, acadêmicos, ou possuidores do curso secundário serão matriculados nos Centros ou Núcleos citados para completar as vagas que restarem das matrículas de

outros concorrentes mas continuarão nos corpos como excedentes, fazendo todo o serviço interno.

As matrículas e a seleção dos candidatos devem obedecer ao disposto na nota circular reservada n. 655-482, de 16 de setembro corrente. Haverá uma prova de seleção intelectual que constará de três questões: português, aritmética prática e desenho.

(Aviso n. 2.461, de 22 — D.O. de 24-9-942).

— Aos candidatos aos C.P.O.R. e N.P.O.R. portadores de carteira de reservista, fica dispensada a apresentação de certidão de idade, para exclusivo efeito de matrícula.

DEFESA PASSIVA (ensino).

— O ensino da defesa passiva é obrigatório para os alunos de todos os estabelecimentos de ensino, oficiais ou particulares, existentes no país.

(Dec.-lei n. 4.800, de 6 — D.O. de 8-10-942).

DIA DO RESERVISTA (instruções).

— O "Diário Oficial" n. 228, de 1-10-942, publica as Instruções para a Momemoração do Dia do Reservista, nos Ministérios da Guerra, Marinha e Aeronáutica.

(Portaria de 24-9-942).

DIVISÃO DE INFANTARIA (comando).

— O Comando da 7.^o Divisão de Infantaria, com sede em Recife, é privativo do posto de general de divisão, revogadas as disposições em contrário.

— O Comando da 14.^a Divisão de Infantaria, com sede em Natal, é privativo do posto de general de Divisão, revogadas as disposições em contrário. (Dec.-leis n. 4.757 e 4.758, de 29 — D.O. de 30-9-942).

ENCORPORAÇÃO (adiamento).

— O adiamento de incorporação, salvo o caso de arrimo, só será deferido se a razão de causa invocada for anterior à data do decreto que autorizou a convocação.

(Aviso n. 2.547, de 1.^o — D.O. de 3-10-942).

ENFERMEIROS (criação).

— Ficam criadas, na tabela numérica do pessoal extranumerário-mensalista da Diretoria de Saúde do Exército, as seguintes funções:

18 — enfermeiro, referência VII;

4 — enfermeiro, referência VIII;

2 — enfermeiro, referência IX;

2 — enfermeiro, referência X;

2 — enfermeiro, referência XI.

(Dec. n. 10.612, de 12 — D.O. de 14-10-942).

ESCOLA DE ESTADO MAIOR (matrícula).

— É fixado em sessenta (60) o número de matrículas no Curso de Preparação da Escola de Estado Maior, no próximo ano letivo.

(Aviso n. 2.449, de 19 — D.O. de 22-9-942).

— São extensivas à turma de oficiais-alunos que conclue o 2.^o ano da Escola de Estado-Maior a 31 do corrente mês, as vantagens contidas no aviso n. 264-Est. Of. 1, de 30 de janeiro de 1942.

(Aviso n. 2.588, de 6 — D.O. de 8-10-942).

ESCOLA DE INTENDENCIA (curso de formação).

— I. Ficam abertas as inscrições para matrícula no 1.^o ano do Curso de Formação da Escola de Intendência do Exército em 1942, sendo fixado em 100 o número de novos alunos, na forma do disposto nos arts. 32 e 33 do regulamento aprovado pelo decreto n. 6.585, de 10-12-1940, com a modifi-

cação operada pelo art. 43, parágrafo 6.º, do decreto-lei n. 4.130, de 25 de fevereiro de 1942 (Lei do Ensino Militar).

(Aviso n. 2.589, de 6—D.O. de 8-10-942).

ESCOLA MILITAR (concurso de admissão).

— Os soldados ou graduados candidatos ao concurso de admissão à Escola Militar que satisfizerem os requisitos regulamentares devem ficar adidos à Cia. Extra dessa Escola onde permanecerão como excedentes até à época dos exames.

(Aviso n. 2.605, de 7—D.O. de 9-10-942).

— O “Diário Oficial” n. 225, de 28-9-942, publica, na íntegra, as Instruções para o concurso de admissão à Escola Militar no ano de 1943, aprovadas pela Portaria n. 3.764, de 25-9-942.

ESCOLA TÉCNICA DO EXÉRCITO (matrícula).

— São fixadas as seguintes matrículas nos diversos cursos da Escola Técnica do Exército, em 1943:

Armamento e metalurgia — Civis, 20; Oficiais, 10.

Elettricidade e transmissões — Civis, 20; Oficiais, 15.

Química — Civis, 15; Oficiais, 10.

Fortificação e construção — Civis, 10.

Os civis deverão ter menos de 35 anos de idade, ser diplomados pela Escola Nacional de Engenharia ou escola a ela equiparada; ou pela Escola Nacional de Química ou a ela equiparada se se destinarem ao curso de química. Farão o curso como aspirantes a oficial.

Não será permitida, em 1943, a matrícula de aspirante a oficial ou tenentes da reserva, visto serem necessários os seus serviços nos corpos de tropa.

Os oficiais da ativa, capitães ou primeiros tenentes, candidatos à Escola Técnica deverão satisfazer o disposto no art. 81 do decreto n. 7.015, de 25 de março de 1941.

(Aviso n. 2.480, de 23—D.O. de 25-9-942).

— De conformidade com o disposto no art. 59, da Lei do Ensino Militar (decreto-lei n. 4.130, de 26 de fevereiro de 1942), resolve criar, na Escola Técnica do Exército, o Curso de Preparação para a matrícula na mesma Escola.

Esse Curso terá a duração de um ano e constará de um ciclo preparatório, durante sete meses, que funcionará na própria Escola e de um quadrimestre prático, em estabelecimentos adequados.

(Aviso n. 2.574, de 5—D.O. de 7-10-942).

GORRO DE BRIM MESCLA (distribuição).

— Autorizo a inclusão na Tabela n. 1 das Instruções para distribuição de fardamento do “gorro sem pala de brim mescla azul”, com a duração de seis meses.

(Aviso n. 2.626, de 9—D.O. de 12-10-942).

GRUPO MOVEL DE ARTILHARIA DE COSTA (criação).

— E’ organizado, para instalação a partir de 1 de outubro do corrente ano, na 3.ª Região Militar, o 7.º Grupo Movel de Artilharia de Costa.

— E’ organizado, para instalação a partir de 1 de outubro do corrente ano, na 2.ª Região Militar, o 6.º Grupo Movel de Artilharia de Costa.

(Decs.-leis rs. 4.714 e 4.715, de 18—D.O. de 21-9-942).

INSIGNIA DE COMANDO (aprova).

— Aprova a insígnia do comando e o distintivo de praça para a 1.ª Bateria de Projétores do Distrito de Defesa de Costa.

(Aviso n. 2.560, de 3—D.O. de 6-10-942).

INSPETORIAS E DIRETORIAS (cargos).

— A situação atual está a exigir que se aproveitem, tanto quanto possível, nos corpos em organização, os oficiais que exercem cargos administrativos nas diversas Inspetorias e Diretorias.

Podendo essas funções, meramente burocráticas, ser exercidas com vantagem por oficiais da reserva que servem no magistério, em cadeiras não militares, o Sr. Presidente da República, em despacho de 24 de setembro próximo findo, autorizou o aproveitamento desses oficiais, substituindo-os, nos estabelecimentos de ensino, provisoriamente, por professores civis, contratados, ou oficiais reformados.

(Aviso n. 2.550, de 1.º — D.O. de 3-10-942).

INSTRUÇÃO PRELIMINAR (diretrizes).

— O “Diário Oficial” n. 228, de 1-10-942, publica, na íntegra, as Diretrizes Pedagógicas da Instrução Preliminar, que baixaram com a Portaria número 7.782, de 30-9-942).

LICENCIAMENTO DE PRAÇAS (prorrogação).

— Fica adiado até 30 de junho de 1943 o licenciamento das praças que completem antes desta data o prazo estabelecido no item I do Aviso n. 2.263, de 2 de setembro de 1942.

(Aviso n. 2.628, de 9 — D.O. de 12-10-942).

LIVRO DE REGISTO DE VEÍCULOS AUTOMÓVEL (aprovação).

— Aprova a adoção do “Livro de Registro de Veículo Automóvel”, organizado pela Escola de Moto-Mecanização.

(Aviso n. 2.477, de 25 — D.O. de 28-9-942).

MILITARES QUE SE INVALIDAREM OU FALECEREM EM SERVIÇO (pensão).

— O “Diário Oficial” n. 236, de 10, publica o decreto-lei n. 4.819, de 8-10-942, seguinte:

Art. 1.º Os militares que se invalidarem ou venham a se invalidar para o serviço militar em virtude de moléstia ou ferimentos adquiridos em naufrágio, acidente ou quaisquer atos de agressão causados pelo inimigo, terão as mesmas vantagens que os invalidados por moléstia ou ferimentos adquiridos em campanha.

Art. 2.º Aos herdeiros dos militares que falecerem ou venham a falecer em consequência de naufrágio, acidente ou quaisquer atos de agressão causados pelo inimigo, será concedida uma pensão igual aos vencimentos do posto que tinham em vida ou aos do posto imediatamente superior, quando promovidos *post-mortem*.

Art. 3.º Aos herdeiros dos militares desaparecidos, uma vez que se habilitem, será concedida, durante o prazo de quatro (4) meses, uma pensão condicional igual aos vencimentos do posto que tinham na ocasião do naufrágio, acidente ou agressão.

Art. 4.º Decorridos quatro (4) meses do desaparecimento do militar, contados da notícia publicada no Boletim do Exército, aos seus herdeiros será concedida a pensão do art. 2.º.

Parágrafo único. A pensão a que se refere o art. 2.º, que deverá ser requerida, partirá da data em que foi publicado o desaparecimento no Boletim do Exército, descortadas as importâncias pagas a título de pensão condicional.

Art. 5.º Reaparecendo o militar, cessará a pensão concedida a seus herdeiros, que não ficarão obrigados a nenhuma restituição.

Art. 6.º A notícia do desaparecimento publicada no Boletim do Exército substituirá, no processo de habilitação, a certidão de óbito.

Art. 7.º Para os efeitos do presente decreto-lei, os Aspirantes a Oficial são equiparados aos Segundos Tenentes.

Art. 8.º São considerados herdeiros dos militares para o fim de gozarem dos benefícios aqui concedidos, os que a legislação em vigor define como tais para a percepção do montepio militar, com os mesmos direitos de preferência à reversão.

Art. 9.º A habilitação dos herdeiros às pensões concedidas pelo presente decreto-lei se processará de acordo com o decreto n. 3.695, de 6 de fevereiro de 1939.

Art. 10. O presente decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

MOTORISTA MILITAR (regulamento).

— O "Diário Oficial" n. 227, de 30-9-942, publica, na íntegra, o decreto n. 10.502, de 28-9-942, que aprova o Regulamento do Motorista Militar.

NÚCLEOS DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA (instrutores — criação).

— Os Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva de 200 alunos ou menos, terão três instrutores; os que excederem de 200 terão mais instrutor por 100 alunos excedentes.

O número de monitores será igual ao de instrutores.

(Aviso n. 2.564, de 3 — D.O. de 6-10-942).

— Fica autorizada a criação dos seguintes Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva:

22.º B.C., Campina Grande, 50 alunos;

1.º C.O., Campina Grande, 50 alunos.

Retifica-se para o seguinte o Aviso n. 2.461, de 24-9-942:

29.º B.C., Fortaleza, 200.

16.º R.I., Natal, 50.

No 23.º B.C. não funcionará N.P.O.R.

O Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da 7.ª Região Militar, fica acrescido de um curso de Intendência com o efetivo de 50 alunos.

(Aviso n. 2.573 de 5 — D.O. de 7-10-942).

— Fica criado em Ouro Preto, anexo ao 11.º B.C., um Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva para o curso de engenharia.

Será instrutor-chefe um capitão de engenharia, o qual disporá de três sargentos monitores, da arma.

O 11.º B.C. porá dois subalternos à disposição do Núcleo para a instrução comum: instrução física, armamento, tiro, ordem unida, manobabilidade. O efetivo de alunos será de 100.

Só poderão concorrer à matrícula engenheiros diplomados ou alunos de engenharia da Escola de Engenharia de Ouro Preto.

(Aviso n. 2.586, de 6 — D.O. de 8-10-942).

ORÇÃOS DE PUBLICIDADE (coordenação).

— O "Diário Oficial", n. 240, de 15-10-942, publica (na íntegra, o decreto-lei n. 4.828, de 13 do mesmo mês, que coordena os meios e órgão de divulgação e publicidade existentes no país e dá outras providências).

POSTO DE IDENTIFICAÇÃO (criação).

— Fica criado na Guarnição de Fernando de Noronha, um Posto de Identificação com a seguinte dotação em praças:

Primeiro sargento, 1; Terceiro sargento, 1; Cabo, 1. Total, 3.

(Aviso n. 2.462, de 22 — D.O. de 24-9-942).

PROMOÇÕES NO EXÉRCITO (prazo).

— Para as promoções, no Exército, pelo princípio de antiguidade — até 31 de dezembro de 1942 — fica dispensada a exigência de curso da Escola das Armas, a que se refere o art. 8.º, alínea a, da Lei de Promoções (decreto-lei n. 1.828, de 1-12-939) e reduzido para metade o prazo estipulado na alínea f do citado artigo.

Para o acesso dos oficiais da categoria de Técnicos da Ativa (T.A.) não será exigido o requisito de "estágio de promoção" de que trata o art. 48 da mesma lei.

(Dec.-lei n. 4.713, de 18 — D.O. de 21-9-942).

QUADRO DE RADIOTELEGRAFISTAS (etapa).

— Os sargentos que não fazem parte do Quadro Radiotelegráfico do Exército e que se acham, de ordem superior, exercendo funções de radiotelegrafistas, não perdem a etapa suplementar, embora não estejam prontos nas unidades a que pertencem.

(Aviso n. 2.554, de 2 — D.O. de 3-10-942).

QUITAÇÃO DO SERVIÇO MILITAR (ordem).

— As Circunscrições de Recrutamento têm ocorrido, ultimamente, milhares de brasileiros, com o patriótico intuito de regularizar a sua situação perante o serviço militar.

Há muitos, porém, que ultrapassaram o limite de idade para servir nas fileiras, e estão dispensados, por isso, de cumprir as obrigações militares propriamente ditas, salvo outros encargos necessários à defesa da Pátria.

Afim de aliviar essas repartições de trabalho que não é reclamado pelo momento que o país atravessa, resolvo determinar, em caráter provisório, que elas só forneçam certificado de quitação com o serviço militar a brasileiro nato ou naturalizado, maior de 44 anos, que apresente prova de necessitar desse documento para satisfazer a alguma exigência de lei ou regulamento. Os cidadãos maiores de 44 anos e os que forem isentos definitivamente do serviço militar não devem prestar compromisso à bandeira.

(Aviso n. 2.536, de 3-9 — D.O. de 2-10-942).

QUOTA ADICIONAL DE 20 % (concessão).

— O chefe da 23.^a Circunscrição de Recrutamento em telegrama n. 1/54, de 22 de julho findo, ao diretor de Recrutamento, consulta se os oficiais da reserva, convocados pelo decreto n. 24.221, de 10 de maio de 1934, estão compreendidos no Aviso n. 1.528, de 11 de junho último, para efeito de percepção da quota adicional de 20 %, atribuída pelo decreto-lei n. 4.453, de 9 de julho findo.

Em solução, declaro que o decreto-lei n. 4.453, citado, não faz restrição aos oficiais anteriormente mencionados aos quais cabe receber a quota adicional de 20 % estabelecida pelo mesmo.

(Aviso n. 2.443, de 19 — D.O. de 22-9-942).

RADIOTELEGRAFISTAS DO EXÉRCITO (quadro).

— O ingresso no Quadro de Radiotelegrafistas do Exército (Q.R.E.) é feito obrigatoriamente na classe inicial (auxiliar especialista), mediante seleção entre os candidatos que possuírem os seguintes requisitos:

- a) bom comportamento;
- b) robustez física;
- c) curso da especialidade: curso B da Escola de Transmissões ou o Curso de Transmissão Regional.

O exame de seleção constará de três provas: escrita, oral e prática.

As matérias das provas escrita e oral são as constantes dos programas de radiotécnica, discriminadas para o curso C da Escola de Transmissões, ficando dispensados dessas provas os candidatos que possuírem o referido curso.

A prova oral constará de:

- a) recepção a máquina e manipulação de textos em linguagem clara e cifrada, numa cadência, por minuto, respectivamente, de vinte palavras de cinco letras e de dezoito grupos do mesmo número de letras;
- b) manejo das diferentes partes dos transmissores e receptores utilizados nas estações fixas do Exército.

consideradas compulsórias, pelos decretos-leis aludidos no art. 28 da lei retro citada.

(Aviso n. 2.557, de 3 — D.O. de 6-10-942).

UNIDADE MONETÁRIA BRASILEIRA (Cruzeiro).

— O "Diário Oficial" n. 232, de 6-10-942, publica, na íntegra, o decreto-lei n. 4.791, de 5-10-942, que institue o Cruzeiro como unidade monetária brasileira, e dá outras providências.

UNIDADES-ESCOLAS (jurisdição).

— As unidades-escolas, a partir da presente data, passam à jurisdição exclusiva da 1.^a Região Militar.

(Aviso n. 2.477, de 22 — D.O. de 24-9-942).

UNIDADES-QUADROS (consulta).

— O capitão Ari Jorge de Vasconcelos, comandante da Bateria Quadros do 2.^o Grupo de Artilharia de Dorso, consulta em ofício s/n, de 10 de julho último, quem deve gerir as importâncias arrecadadas a título de contribuição mensal, pagas pelos candidatos a reservistas das Unidades-Quadros, de acordo com o que dispõem as Instruções baixadas com o Aviso n. 3.177, de 22 de outubro de 1941.

Em solução, declara que as referidas importâncias devem ser incluídas nas Economias Administrativas da Unidade, acompanhadas de uma guia organizada pela Bateria-Quadros e que a sua aplicação será feita de acordo com o art. 73, alínea c, do Regulamento de Administração do Exército, em benefício da própria Bateria-Quadros, pelo agente diretor da Unidade Administrativa a quem cabe gerir quaisquer quantias à mesma atribuídas sob qualquer título.

(Aviso n. 2.520, de 26 — D.O. de 27-9-942).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A DEFESA NACIONAL recebeu, no período de 20 de Setembro a 20 de Outubro de 1942, as seguintes publicações:

EL MAUSER — n. 95 — Julho de 1942 — Miraflores — Perú.

Cultura Política — n. 19 — Setembro de 1942 — Rio.

Revista Militar de Remonta e Veterinária — n. 39 — Julho de 1942 — Rio.

Revista Municipal de Engenharia — n. 3 — Maio de 1942 — Rio.

Revista Militar del Perú — n. 5 — Maio de 1942 — Perú.

Revista de la Escuela Militar — n. 198 — Chorillos — Perú.

Revista Militar Brasileira — n. 1 — Janeiro a Março de 1942 — Rio.

ORNSTEIN & Co.

Exportadores de Café e Fabricantes de Produtos Químicos

End. Telegr.: ORNSTEIN-RIO

Telefones: Gerência 23-2641 - 23-2338 - Seção de Café 23-2639

Escritório 23-2347 - Armazem 43-0125

Caixa Postal 757 — Rua São Pedro, 9-3.º andar — Rio de Janeiro

Acaba de sair

A Defesa contra Engenhos Moto-mecanizados

1.ª Parte — Ideias básicas sobre defesa c/carro.

2.ª Parte — A Cia. c/carro - 37m/m.

Major Hugo de Matos Moura

À venda em A DEFESA NACIONAL

Bibliotéca da A DEFESA NACIONAL

Livros à venda

Anuario Militar do Brasil, 1935	17\$500
Anuario Militar do Brasil, 1936	22\$500
Anuario Militar do Brasil, 1937	17\$500
Anuario Militar do Brasil, 1938	22\$500
Anuario Militar do Brasil, 1939	22\$500
A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima ..	31\$500
A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima (para oficiais)	21\$000
Anuario Militar do Brasil, 1940	27\$500
Aspétos Geográficos Sul-Americanos - Ten.-Cel. Mario Travassos	6\$000
A. C. P. — Cap. Geraldo Cortes	16\$000
A. C. P. (blocos para o)	3\$000
A acentuação gráfica — Cap. Antônio Pereira Lira	2\$500
Atestado de Origem e Inquerito Sanitario de Origem — Ten.Cel. Dr. E. Marques Porto	4\$000
As Condições Geograficas e o Problema Militar Brasileiro — Ten.-Cel. Mario Travassos	5\$500

Código da Justiça Militar — Cel. José Faustino da Silva Filho	27\$000
Dispersão do Tiro — Ten.-Cel. A. Morgado da Hora	13\$000
Duque de Caxias — Cap. Orlando Rangel Sobrinho	2\$500
Do Brasil á Italia — Gal. Newton Braga	7\$500
Defesa Pessoal — Cap. Waldemar de Lima e Silva	17\$000
Ensaio sobre Instrução Militar — Cmt. Braillon — Tradução dos Caps. Garcia e Salm	13\$000
Élogio de Caxias	2\$500
Escola do Pelotão — Ten.-Cel. Araripe	13\$000
Equitação em Diagonal — Major Osvaldo Rocha	13\$000
Exemplo de Sessões de Estudos de Elementos, lições de Educação Física e Jogos — Cap. Jair Jordão Ramos	3\$000
Estudos sobre granadas de mão e de fuzil — Ten. Moacir Nunes de Assunção	11\$000
Educação Física Feminina — Cap. Jair	3\$000
Educação Física Militar — Cap. Guttenbergh Ayres	10\$000
Exercício de Combate de Companhia — Maj. Alcebiades Tamoio	18\$000
Fichário para Inst. de Ed. Física — Cap. Jair Jordão Ramos ..	16\$000
Formulário do Contador — Cap. José Sales	5\$000
Formulário Processual — Major Niso Montezuma	7\$000
Guia para Instrução Militar — Cap. Ruy Santiago — 1940 ..	13\$000
História da Guerra entre a Triplíce Aliança e o Paraguai — Gal. Tasso Fragoso	70\$000

A DEFESA NACIONAL é do Exército

Trabalhar para ela é trabalhar
PARA O EXÉRCITO

MANDEM SUAS
COLABORAÇÕES

Redação e Administração:
QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO
Rio de Janeiro — Telefone: 43-0563

EXPEDIENTE

Diariamente das 14 às 18 horas.
O Gerente é encontrado diariamente das 14 às 17 horas.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada a atender aos Snrs. Socios e Assinantes que servem fóra da guarnição do Rio-de-Janeiro.

a) Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sôbre interesses pessoas ou militares.

b) Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça do Rio-de-Janeiro.

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Diretor: Cel. Orozimbo Martins Pereira
Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

CORRESPONDENCIA

Tôda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para a Caixa Postal 32, Ministério da Guerra. As colaborações deverão ser endereçadas ao Ten.-Cel. Lima Figueirêdo, Caixa Postal, Ministério da Guerra.

PREÇOS

Oficiais e sub-tenentes	}	ano	30\$000
		semestre	15\$000
Sargentos.....	}	ano	25\$000
		semestre	14\$000

Os assinantes avulsos, caso desejem que a revista siga registrada, e os assinantes do estrangeiro, devem pagar mais 2\$400 por semestre.

Os oficiais que desejarem ser socios de "A Defesa Nacional", deverão pagar uma joia de 50\$000 de uma só vez ou em diferentes prestações durante um ano comercial.

Colaboram neste número:

Gen. Heitor A. Borges

Cel. X.

Ten.-Cel. Paulo Mac Cord

Ten.-Cel. Alencar Lima

Major Olimpio Mourão Filho

Major Alberto Ribeiro Paz

Major Xavier Leal

Cap. Alvaro Lúcio de Arêas

Cap. Jayme Prestes Pacheco

Cap. Fernando Soter da Silveira

Cap. A. C. Muniz de Aragão

Cap. Lindolpho Ferraz Filho

Cap. Hugo M. Bethlem

Cap. Umberto Peregrino

1.º Ten. Julio Cesar de Saint Edmond

Ten. Otavio Alves Velho



Cr\$ 4,00